



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE

MONISE VIEIRA BUSQUETS

ÁGUA FALADA: Histórias de vidas e histórias de águas



**PALMAS, TOCANTINS
2014**

MONISE VIEIRA BUSQUETS

ÁGUA FALADA: Histórias de vidas e histórias de águas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina
Hainzenreder Ertzogue

PALMAS, TOCANTINS
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Palmas

B979h Busquets, Monise Vieira.

ÁGUA FALADA: Histórias de Vida e Histórias de Água / Monise Vieira
Busquets. - Palmas, 2014.

133f.

Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Tocantins,
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, 2014.

Linha de pesquisa: Cultura e Meio Ambiente.

Orientador: Prof^a. Dra. Marina Hainzenreder Ertzogue.

1. Bico do Papagaio. 2. Pertencimento. 3. Usinas Hidrelétricas. I.
ERTZOGUE, Marina H. II. Universidade Federal do Tocantins. III. ÁGUA
FALADA: Histórias de Vida e histórias de Água.

CDD 621.3121

Bibliotecária: Emanuele Santos
CRB-2 / 1309

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ÁGUA FALADA: Histórias de vidas e histórias de águas

MONISE VIEIRA BUSQUETS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Profa. Dra. Marina Hainzenreder Ertzogue – Orientadora

1º Examinador: _____
Prof. Dr. Dornival Venâncio Ramos

2º Examinador: _____
Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda

Palmas, 11 de março de 2014

A Felipe e Luísa por estarem inscritos nos meus mais sublimes sentimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço como quem inicia uma longa jornada por memórias sutis e, sobretudo, delicadas, pois que, sem o carinho dos que contribuíram para as ideias aqui contidas, jamais seria possível a realização desse debate. As palavras, mesmo que em agradecimento, não poderão dizer do carinho e companheirismo dos quais fui merecedora, nem se rasgadas narrariam o empenho corajoso dos que me ajudaram, também não poderei aqui me reportar a todos nominalmente, por isso, me desculpo.

Em primeiro momento, quero agradecer aos meus filhinhos amados, Felipe e Luísa, porque de forma muito doce compreenderam as minhas distâncias e, ao final de todas as esperas, me receberam com sorrisos, abraços e carinhos. Foram eles os olhos mais meigos que encontrei ao retornar.

Me reporto também ao meu companheiro Caio, figura monumental em meus dias, me acalentou as angústias estudantis sem deixar de acreditar em minhas ideias. Com seus olhos pousados sobre minha existência, soube esperar e cooperar em favor de tudo que acreditei nesse texto. Também, porque prestou-se a laborar comigo por estradas empoeiradas no Bico do Papagaio, a tirar preciosas fotos que tanto falaram da alma dos rios.

Há uma parceria de alcunha memorável, que descobri nessa jornada, minha orientadora Marina Ertzogue, pois que nessa extraordinária pessoa encontrei campo aberto para os debates sobre os ribeirinhos e a vida dos rios. De algum modo sutil, foi através de sua capacidade inominável de estímulo, ou sua generosidade, que fez essas linhas possíveis. Agradeço, principalmente, por ter me aceitado como orientanda.

Outra figura sobre a qual essas linhas não poderiam deixar de reportar é meu camarada de sempre, Adriano Castorino, especialmente importante para esse trabalho e também para minha jornada no Mestrado. Alguém com quem dividi as primeiras ideias dessa pesquisa e que com muita docilidade me ofereceu leituras primorosas. Pessoa com tantas direções e sonhos, cujo carinho e sensibilidade me emudecem.

Agradeço imensamente à dona Marina Batista, senhora de coragem e audácia, me ensinou muito sobre os dias, além de me abrigar em sua casa, oferecendo o cuscuz fresco de toda a manhã de luta em Araguatins. Foi com ela que aprendi a amar aquele pedaço de chão e que pude compreender porque as pessoas ali são ônticas.

Quero me lembrar de todos com quem estive nas andanças pelo Bico do Papagaio. Seu Luiz em Araguatins, porque vestiu sua melhor camisa e sapatos para nos levar à Santa Izabel por estradas esquecidas. Seu Álvaro, que nos recebeu em sua casinha no Natal e contou um trecho de sua vida, mostrando-nos suas mãos calejadas dos dias difíceis. A Seu Manuel Figena, que dividiu comigo sua palavra e seu peixe, nos recebendo com tamanha presteza, não me esquecerei das castanheiras que encontrei em sua terra, em São João do Araguaia.

E nesse recorrido tive a oportunidade de ser guiada por estradas difíceis e fugidias, Seu Ivan, motorista nas andanças do Tocantins e do Pará. Debates muitas ideias enquanto das jornadas longas e vi nele pessoa de gestos nobres que muito contribuiu para o sucesso de nossas visitas.

Ao casal de pedra, dona Lucilene e Seu Agnaldo, que me receberam com uma amabilidade e disposição incrível, pois que foi pela coragem desses dois que tive acesso a dias importantes no povoado Falcão e também porque pude conhecer os seus filhos. Marcelo, Neto e Maria Elisa, os meus fieis companheiros e escudeiros na estada na Vila, devo dizer que sinto saudades inomináveis desses três, que cuidaram de mim me oferecendo laranjas descascadas e banhos de rio em dias muito quentes.

A Seu Cochilão, Seu Wilson, Seu Manoel, por terem aberto seus corações enquanto tomamos cafés embaixo de pés de ingá, por terem também navegado pelas águas do velho Araguaia me levando com eles. Certamente são esses pescadores que nunca se furtarão às lutas daquela terra.

Dona Cota, senhora de fibra e olhos da cor do céu, ela que me apresentou às memórias de Padre Josimo, me ofereceu um banquinho em sua morada e também ensinamentos de luta e sangue dos quais não poderei jamais esquecer. Sua filha

Maria da Cota e também Cissa por terem me brindado com debate monumental em Esperantina.

Agradeço também à Elineide Marques, por ter dividido alguns de seus anseios comigo e ter oferecido, junto aos cafés, sua docilidade e sorriso encantadores, pessoa à qual agradeço muito, não apenas pelos debates, mas, sobretudo, pela amizade.

Os colegas do Ciamb, Rodrigo de Sá e Charles Albert, pessoas com quem tive debates bíblicos e políticos, nossa, como foi bom conhecê-los e descobrir perspectivas outras. Devo dizer que, para além das discussões filosóficas, existe aí uma amizade longitudinal. E ao Manoel Mendes, rapaz de fibra, maranhense, que nunca se furtou a me ajudar quando solicitado e que, para além de sua presteza, é uma pessoa incrível e de ideias necessárias.

E na UFT agradeço a minha chefe Jaqueline Carrara, que me possibilitou a licença para estudos, à Profa. Isabel Auler por suas constantes investidas a fim de melhorar a carreira dos técnicos-administrativos. E à coordenação de aperfeiçoamento, na figura da prestativa Suely.

Por fim, agradeço a meu pai, Eduardo Busquets, por ter dividido comigo as experiências de suas andanças e por sua proteção quase febril. A meu irmão, camarada de sonhos, que anda nas nuvens para não tropeçar. E agradeço sempre e tanto a minha mãe, moça de alma nobre que acreditou com toda sua vitalidade em minhas empreitadas. É a ela que devo a força e a coragem que subsiste em mim.

*“Você sabia.
E sorria apenas
Como quem se lava
Para chegar vestido
de algodão
e transparência
à hora da solidão.”*

Pedro Tierra

BUSQUETS, Monise Vieira. **ÁGUA FALADA: Histórias de vidas e histórias de águas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Palmas, Palmas, TO.

RESUMO

O tema dessa pesquisa são as representações do rio Araguaia, através dos relatos das populações ribeirinhas da região do Bico do Papagaio, moradores do assentamento Falcão, localizado na zona rural do município de Araguatins – TO, tendo por objetivo compreender o vínculo que se estabelece entre essas pessoas e o rio. O presente texto procurou, em um primeiro momento, traçar o perfil da sociedade urbano-industrial conectada em rede através do aporte elétrico e a política energética operada nesse contexto. Em um segundo momento, diante da perspectiva da construção das Usinas Hidrelétricas de Santa Isabel e Marabá, revelou-se o rio como um lugar de pertencimento, conforme constatado nas histórias de vida dos moradores do Falcão. A pesquisa debateu ainda as categorias de lugar, natureza e paisagem.

Palavras-chave: Bico do Papagaio, Falcão, Pertencimento, Paisagem, Usinas Hidrelétricas.

BUSQUETS, Monise Vieira. **ÁGUA FALADA: Histórias de vidas e histórias de águas.** 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Palmas, Palmas, TO.

ABSTRACT

This research point talking about representations from the Araguaia River, since the native population perspective which lives in Bico do Papagaio. Also residents in Assentamento Falcão located near Araguatins – TO. From that way it understands the feeling between these people and the river. Because of that, it work makes a link among an urban-industrial society and the electrical sense, and all of that, supply and energy policy, stay in this context. In a second place, at the possibility of building hydroelectrical plants of Santa Isabel and Maraba, the river came as a place of belonging, as acknowledged in the native life stories. At last it has a little approach about place categories, nature and landscape concept.

Key-words: Bico do Papagaio, Falcão, Belonging, Landscape, Dams.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trecho de confluência entre os rios Araguaia e Tocantins, região compreendida como Bico do Papagaio.....	114
Figura 2 – Margem do rio Araguaia.	114
Figura 3 – Vila Falcão, avenida que dá acesso ao rio..	115
Figura 4 – Igreja Padre Josimo em Buriti – TO.....	115
Figura 5 – Igreja Padre Josimo, visão interna.	116
Figura 6 – Sala que abriga o corpo de Padre Josimo Tavares.....	116
Figura 7 – Afresco com as palavras do Padre.....	117
Figura 8 – Dona Cota durante a conversa em sua casa..	117
Figura 9 – Moradores do Bico do Papagaio durante banho no rio Araguaia.	118
Figura 10 – Comercial Trajano na Vila Falcão.....	118
Figura 11 – Mulheres lavando roupa no Córrego Cândido, Vila Falcão.	119
Figura 12 – Menina brinca na água durante a lavagem de roupa no Cândido.	119
Figura 13 – Rua e Casas da Vila Falcão.	120
Figura 14 – Porto do Falcão.	120
Figura 15 – Estrutura da Praia do Falcão em território paraense.	121
Figura 16 – Mulher durante a montagem das barracas para a temporada de Praia do Falcão.	121
Figura 17 – Crianças brincam no Porto do Falcão.	122
Figura 18 – Canoas à espera de suas rabetas.....	122
Figura 19 – Marco da UHE Marabá, na margem paraense do rio Araguaia.....	123
Figura 20 – Os interlocutores durante incursão ao rio.....	123
Figura 21 – Preparativos para a montagem da Praia do Falcão.	124
Figura 22 – Estrutura já montada da Praia do Falcão no dia de sua inauguração, em 15/07/2013..	124
Figura 23 – Crianças brincam na praia no dia da inauguração.	125

Figura 24 – Barraca Sombra da Tarde, moradora do Falcão nos últimos preparativos da estrutura.	125
Figura 25 – Senhora e sua neta às margens do Araguaia.	126
Figura 26 – Ribeirinho e o rio. No detalhe, barqueiro aguarda passageiros para a travessia do Araguaia.....	126
Figura 27 – Canoas descansam à beira do Araguaia.....	127
Figura 28 – Pescador dentro de seu barco.....	127
Figura 29 – Garotinha em frente ao Porto do Falcão, aguardando travessia para a Praia.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS

EIA	Estudo de Impacto Ambiental
FAET	Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IOF	Imposto sobre operações Financeiras
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
PA	Projeto de Assentamento
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PGCIAMB	Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
TELESP	Telecomunicações de São Paulo
UHE	Usina Hidrelétrica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A ILUSÃO DO PROGRESSO	19
2.1	Sociedade elétrica.....	25
3	A REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO	33
3.1	O Rio Araguaia	41
3.2	O Itinerário da Pesquisa.....	45
3.3	A primeira jornada	50
3.4	Todos Sabiam.....	58
4	NARRADORES DO ARAGUAIA: A estada na Vila Falcão	66
4.1	O Narrador do Araguaia: O rio e a usina.....	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
6	REFERÊNCIAS	111
7	ANEXOS	114

1 INTRODUÇÃO

Uma senhorinha já encurvada pelo tempo, andava como quem não tem pressa, sentou-se ao meu lado, seus olhos brilhantes e suas palavras de coragem me falavam de um profunda solidão. Dona Cota, em tarde ensolarada, nos confins de uma cidade chamada Esperantina, me falou de muitas lutas e de algum sangue.

Dali da solidão daquela mulher e de suas lutas, me reportei a outros tempos, os que me levaram ao sudeste desse país. Nascida em família espanhola, vim, mesmo pequena, habituada com as pedras de uma grande e pouco acolhedora cidade. Não conseguia eu compreender bem aquele lugar feito de concreto e gente que se apressa.

Nasci, e de pronto ocupei o colo e os cuidados primeiros de meus pais, ele rapaz novo trabalhador de aço, operava sua empresa de ônibus, cortava o sudeste com suas caravanas turísticas.

Já minha mãe, moça da lida, de esperança e sabedoria, começou a trabalhar ainda muito cedo, como datilógrafa na já esquecida TELESP, eis que depois de algumas tantas empreitadas, que demarcaram aquela mulher de obstinação, seus passos foram para além de suas pequenas pernas e pôde, então, comprar uma casa, a que nasci. Ela, que é mulher de sutileza e docilidade, sonhava com uma família e foi ganhando força e sendo múltipla dentro da empresa que foi seu primeiro emprego.

São Paulo, eis a naturalidade apresentada em meus documentos, entenderia eu, mais tarde, que isso não seria tão natural à minha alma como pareceria aos documentos de identificação.

E meus pais constituíram lutas e também família, que logo depois de formada, meu pai, sonhador de sempre, bradou a todos que por ali não ficaria mais, que era terra de muito desgosto, de muito sofrimento, era uma selvageria só, ele iria com sua família procurar outro lugar para viver.

E, não menos doloridamente, nos despedimos dos tantos, dos nossos laços que ali ficavam como elos já rompidos de uma corrente e foi mesmo despedida, a dor assolava o peito.

A passos esmorecidos, caminhamos até o caminhão baú, que meu pai havia comprado para nos levar dali. Era alta madrugada, lá estavam todos os que conheciam nossas almas ante a porta do bruto, era assim que meu avô Antônio, senhor de alma delicada, chamava o caminhão que nos levou.

E decerto meu avô tinha razão, porque fomos ali dentro sem deixar ao menos um tipo de recordação, tudo ia conosco. Mas que dentro das portas de aço ia também um choro engasgado, o pranto da garganta que era como que uma febre mal compreendida, confundia-se com certa esperança, que não sabíamos se da volta, ou se da ida.

Mais difícil do que partir era chegar em lugar não conhecido, era recomeçar uma vida sem saber bem por onde, só sentindo que era mesmo preciso.

Lembrei-me dessas passagens, pois que em fim de tarde, ao sair da casa de Dona Cota, na empoeirada Esperantina, me veio à mente como aquela terra teria sido um tipo de esperança para tanta gente. Assim como para mim, que ao deixar a cidade de pedra, guardava no coração miúdo uma certa esperança Tocantina.

Na história a recordar, aportamos nossa esperança, e Palmas era a poeira dos dias. Nessa cidade, a tomar suas primeiras formas, é que se instalaram o vigor e a juventude de meus pais.

Firmamos morada pensada, casa construída pelas mãos de meu pai. E crianças, eu e meu irmão Alex, difícil esquecer os que ficaram, mas também divertido correr em ruas de terra, brincar na chuva, ter pés de jabuticaba, manga e banana em quintais sem fim.

Aprendi minhas primeiras letras em escola muito simples que ficava próxima à casa da infância. Tentava decifrar os nomes dos comércios sempre na volta da escola, os percursos não eram longos, mas divertidos. Íamos às vezes em grupos

de meninas ao fim das tardes, em outras oportunidades ia solitária guiada pela bicicleta veloz.

A caminho de casa, brincava em pensamento, quando sozinha, sonhando com o futuro, com a vida que teria, os pássaros cantavam em revoada. Periquitos verdes ao longe delatavam a chegada. Seguia a bagunça da passarinhada e logo me via ante o portão cinza, do muro de bolinhas, em uma esquina, a casa da infância.

As horas de descanso traziam o cerrado, meu pai era o cuidado de sempre, mostrava as frutas que ali cresciam, eram pequi, cagaita, caju e cajuí, o melhor de todos. O Chevette verde cortava estradas de chão, assim que o carro parava, desciam todos com sacos de plástico nas mãos, adentrávamos as cercas em colheitas silenciosas.

Ao fim da brincadeira, o contentamento era um mergulho em córrego de água cristalina, ou cachoeira tímida do caminho. Uma infância dourada pelos grãos de poeira que anunciavam a volta para casa.

Os cabelos iam molhados e sacolejavam aos ventos. Um tipo de liberdade nos vinha ao peito, respirávamos aquele cheiro da terra que nos abraçava e dormíamos aninhados um ao outro, no banco de trás do pequeno Chevette.

Por dias ensolarados terminei meus estudos em Palmas, digo o segundo grau, ficando a cargo de tentar ingresso na universidade, eis que esse foi um período tortuoso para mim, é o ano que meus pais se separaram e muitas coisas passaram a acontecer. Não esperávamos por isso, foi um tipo de golpe nos sonhos infantis. Mas seguimos.

Ante algumas mudanças no tartamudear dos acontecimentos, passo a cursar jornalismo na UFT, já depois de alguns anos de terminado o segundo grau, porém é momento em que se abre um universo de possibilidades. A universidade me fazia bem, porque eu lia muitas coisas novas, teoria da comunicação, a escola de Frankfurt e outros pensadores.

Mas para além dos debates unicamente voltados para a comunicação, me interessei especialmente pelo cinema, especificamente pelo cinema documental, discussões que fizemos ao longo do curso de graduação, ainda muito incipientes, obviamente, mas que me foram o suficiente para vislumbrar um universo de interesse e, porque não dizer, de atuação.

A partir desse especial interesse me volto para pequenas produções audiovisuais em Palmas que, em primeiro momento, não se referiam unicamente ao cinema documentário, integro também grupos de discussões em cinema na cidade, concomitante a isso é hora de concluir o curso de Comunicação Social e o tema escolhido para a elaboração da monografia é o cinema documentário, a partir dos casos de cegueira ocorridos na cidade de Araguatins.

Eis o meu primeiro contato com a cidade de Araguatins, com a história de ocupação do Bico do Papagaio e também com um tema ligado a proporções e discussões de cunho ambiental. A feitura de minha monografia se deu, tomando como base um documentário local, produzido à época. Tracei o perfil da obra comparando-o à cobertura jornalística dada para os casos de cegueira originados por banhos na margem direita do rio Araguaia, na cidade de Araguatins, no ano de 2006.

Após a conclusão de meus estudos na universidade, tive a oportunidade, então, de inscrever um projeto para o prêmio estadual de cultura, onde obteria financiamento para realizar a obra. Como desde a feitura de minha monografia havia trabalhado com uma nuance voltada para os corpos hídricos, o rio, decidi, também como moradora antiga de Palmas, falar sobre a construção da UHE Lajeado, entretanto, tendo como ponto de vista a vida do povo Xerente.

O projeto desse documentário foi aprovado pela Secretaria de Cultura do Estado do Tocantins e tive a oportunidade de iniciar suas produções, entretanto, como falava eu de um tema eminentemente ambiental e da relação de homem e rio, achei possível ampliar os debates e me inscrevi para a seleção do Programa de

Pós-graduação em Ciências do Ambiente – PGCIAMB, no ano de 2011, sendo aprovada.

A partir de meu início no programa, tomei contato com leituras mais antropológicas e também voltadas para a relação homem e ambiente, o que me possibilitou a elaboração de um documentário mais reflexivo, intitulado de “Da Luz da Vida à Água que Morre”, como também tomei contato com olhares distintos sobre os corpos hídricos. Como populações diversas e, mais especialmente as populações tradicionais, entendem a vida e o ciclo da água, o que norteou minhas pesquisas desde então.

Tomei como princípio para a elaboração da presente pesquisa o crescente barramento dos rios na região Amazônica e como as pessoas atingidas pelo afã do desenvolvimentismo compreendem esse movimento e se sentem em relação ao rio que faz parte de suas jornadas.

Desta feita, nesse texto, discuto a relação que os moradores da região do Bico do Papagaio, tomando como base da pesquisa o município de Araguatins, mantém com os corpos hídricos e, sobretudo, com o território que hoje ocupam e como o modelo de consumo energético leva as sociedades urbano-industriais à construção vertiginosa de hidrelétricas no Brasil.

Por isso, a partir da compreensão de como se formou a sociedade de consumo, que inclui objetivamente um modelo de vida cada vez mais assegurado na energia elétrica, lanço mão de alguns autores que me possibilitaram compreender esse processo em ascensão, dentre eles destaco Christoph Türcke, em seu texto *Sociedade Excitada*, que elabora uma proposta conceitual onde as sociedades urbano-industriais se desenvolveram a partir das sensações, que, segundo ele, se associa à sensação tudo aquilo que atrai magneticamente a percepção, o espetacular. Türcke intenta em seu texto a transformação da sensação em um tipo de intuição do ser humano moderno, num padrão de comportamento, num foco de uma sociedade inteira.

Foi preciso também retomar algumas discussões sobre a própria ideia de modernidade e desenvolvimentismo, o que pode vir a ser o ponto de partida da sociedade contemporânea e, por conseguinte, da política energética. Imaginando o progresso como a bússola norteadora de toda uma geração, o progresso também é um tipo de dogma que sustenta a evolução.

Essa perspectiva supõe que a civilização se dirija na direção entendida como benévola ou, ainda, que possibilite um maior número de existências felizes por meio do avanço, como que a passagem de um estágio inferior para um superior. Desta maneira, no ponto focal dessa análise está a construção de barragens na Amazônia.

Compreender os processos de ocupação dessa região faz entender o quão catastrófico pode ser o conceito e os instrumentos de progresso quando empenhados na expansão da perspectiva de um sociedade elétrica, eurocêntrica e voltada para o consumo.

A região do Bico do Papagaio corresponde à área de confluência entre os rios Araguaia e Tocantins, abriga 66 municípios, sendo desses 25 localizados no Estado do Pará, 25 no Tocantins e 16 no Maranhão, sua área total é de 140 mil km². Banhado por dois rios importantes, o Araguaia – a oeste – e o Tocantins – a leste –, caracteriza-se como uma zona de transição entre o Cerrado e a Mata Amazônica, possuindo um rico ecossistema, sobretudo aquático, e belas paisagens que servem de cenários para os habitantes da região.

O potencial hídrico da região sediará mais dois grandes projetos de construção de hidrelétricas: Marabá e Santa Isabel, conforme observado em matéria publicada pelo Jornal Estadão, em 23 de abril de 2012¹. A primeira de três autorizações necessárias à construção da hidrelétrica de Santa Isabel foi aprovada pelo IBAMA, sendo que nesse primeiro momento deverão ser encaminhados os Estudos de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima). A

¹ A matéria publicada pelo Jornal Estadão pode ser acessada em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-atraso-de-santa-isabel-864327,0.htm>

UHE Santa Isabel terá seu eixo no município de Palestina do Pará, trecho do rio Araguaia, inundando uma área de aproximadamente 236 km².

O outro projeto previsto para a região é a UHE Marabá, sendo que seu eixo se localizará no município de São João do Araguaia, também Estado do Pará. O reservatório tem previsão de atingir os municípios de: São João do Araguaia (PA), Bom Jesus do Tocantins (PA), Brejo Grande do Araguaia (PA), Palestina do Pará (PA), Marabá (PA), São Sebastião do Tocantins (TO), Araguatins (TO), Esperantina (TO) e São Pedro da Água Branca (MA), inundando cerca de 1.115 km² da região seminal do encontro dos rios Araguaia e Tocantins.

Em face disso, o objetivo desse trabalho é investigar como a população ribeirinha do assentamento Falcão, zona rural do município de Araguatins – TO, percebe a construção dos dois grandes projetos, UHE Santa Isabel e UHE Marabá e a própria relação estabelecida entre o rio Araguaia e a vida dessas pessoas.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro deles fala sobre as implicações que a ideia de modernidade e progresso, sustentada pelas concepções eurocêntricas, tem sobre o modelo de organização e consumo operado nas sociedades capitalistas. Nesse trecho discuto, a partir dos pressupostos de Türcke, o ponto de partida da sociedade eletroeletrônica, como ela se organiza e quais suas características.

Contudo, antes de adentrar a perspectiva das populações que serão atingidas, cumpre-se destacar algumas teorias sociais relevantes para a compreensão da expansão da malha hidrelétrica e também do modelo social e de consumo a que essa sociedade se desenvolve.

No segundo capítulo, para permitir uma melhor compreensão da região estudada, explico o itinerário de viagem, onde são abordados os lugares visitados por essa pesquisa, as metodologias empenhadas nesse percurso. E busco ainda tratar dos processos de ocupação do Bico do Papagaio, levando em consideração as lutas firmadas pela terra. As violências trazidas pela ocupação militar do Bico do Papagaio quando da Guerrilha do Araguaia, também como se refletiu nos processos

sociais a construção das grandes estradas previstas para esse trecho do país, sendo que todos esses aspectos passam pela grilagem de terras e outros episódios brutais, dentre eles a morte do próprio Padre Josimo.

Por fim, no terceiro capítulo, relato as vivências que mantive com os moradores do povoado Falcão e as entrevistas obtidas quando da estada na Vila. Nesse momento do texto, procurei trabalhar junto às experiências vividas, autores que pudessem explicitar, à luz de teorias sociais e antropológicas, categorias como pertencimento, lugar, natureza, paisagem e a própria vida do rio no cotidiano daquelas pessoas, transitando-se, inclusive, pelas considerações da imaginação da matéria, nas concepções de Bachelard.

2 A ILUSÃO DO PROGRESSO

Para que possamos compreender o modelo da sociedade de consumo, cumpre fazer algumas considerações acerca da própria ideia de modernidade empenhada nos discursos desenvolvimentistas, em que as construções de hidrelétricas estão diretamente apoiadas.

Retomando a reflexão de Gilberto Dupas (2006), o mito central do capitalismo racional tinha o progresso como um tipo de “ciclo virtuoso”, sendo amparado pela intervenção seletiva do Estado, gerando infraestrutura básica, uma ampla rede de benefícios sociais à sua população, além de prover capitais a baixo custo. E por outro lado, o crescimento econômico estaria baseado no modelo Fordista e Taylorista como processo de produção.

Desta maneira, o desenvolvimento seria garantido por meio da manutenção constante da demanda, pois pressupunha a conservação do consumo como força motriz do processo, o autor relata “a procura por novos produtos incentivaria as empresas a investir crescentemente na produção, seja para o aumento de escala, seja para a renovação tecnológica” (DUPAS, 2006, p. 138).

O progresso nesses termos seria, então, a consequência do processo do que o autor chama de “destruição criativa”, onde cada nova tecnologia desenvolvida diminuiria o valor das anteriores, garantindo assim o constante crescimento econômico de um país, sendo o progresso a crescente melhoria material.

Conforme observa o autor, o progresso obtido por essa via se apresenta no limite do pós-guerra até meados da década de 1960, a geração incansável de uma sobrecapacidade industrial, associada à concorrência internacional de produtos, contribuiu para a crise estrutural da economia mundial nos anos 70.

O autor, ao refletir sobre Gorz, revela que essa crise estrutural se deu por diferentes motivos, mas, especialmente, pelo significativo investimento em

tecnologia, visando economias em escalas dantescas, que geraram um ininterrupto aumento da capacidade produtiva sem a respectiva demanda consumidora, gerando sobras de produção, ou mesmo capacidade ociosa no setor industrial, tais elementos levaram à perda de lucratividade.

Deste então, o que se pôde assistir, em vez de maior prosperidade geral, foi a um sucateamento contínuo de produtos em escala global, ocasionando, conseqüentemente, um enorme desperdício de matérias-primas e recursos naturais ao custo inestimável de degradação contínua ao meio ambiente e também a crescente carência de energia. Observamos, desde então, a opção privilegiada pela acumulação de capital, em detrimento do bem-estar social, o que se aplica diretamente à lógica das construções de barragens.

Entretanto, o progresso é um tipo de ideia-força de onde podem aparecer em diferentes categorias, sendo vista como efeito, ou, como considera Dupas (2006, p. 30) “como resultado de uma ação coletiva dos homens, ou encaradas como um processo inexorável”. Desta maneira, o progresso de forma geral compreende que a civilização se mova para uma direção entendida coletivamente como benévola, ou mesmo que proporcione o maior número possível de pessoas felizes.

A ideia de progresso se desenvolve por meio de uma interpretação da história que vislumbra a humanidade avançando lenta e indefinidamente em uma direção desejável, originando-se da natureza social do homem. O progresso então entende-se como avanço, o que seria a passagem de um estágio inferior para um superior, onde o autor considera que este avanço está alicerçado em duas concepções diferentes, o “de acúmulo de conhecimento científico e tecnológico” e o “de melhorias morais e espirituais” (DUPAS, 2006, p. 31).

Na segunda metade do século XVIII, a ideia de progresso foi dominante no ocidente, contudo, foram surgindo outros conceitos de peso, como a justiça social, a igualdade e a soberania popular. Para Marx, por exemplo, o progresso poderia ser explicado pelo engenho humano, deste período em diante os pensadores deixavam de lado a influência de Deus e entendiam que o progresso se realizava por meio da

ação humana, “os termos evolução, desenvolvimento e progresso passaram a ter o mesmo sentido, sempre muito associados à evolução tecnológica” (DUPAS, 2006, p. 43).

Já para a escola de Frankfurt, anos mais tarde, Hebert Marcuse considerou o progresso técnico como algo desprovido de valores, pois que a preocupação imperativa era com o aumento dos conhecimentos e das capacidades humanas utilizadas em favor da submissão da natureza e do meio ambiente. Para ele, a aplicação desse modelo conceitual, associado à lógica do capital de produção, gerava apenas mais riquezas como acúmulo geral de bens.

Em Habermas, a legitimação econômica permite ao sistema de dominação adaptar-se às novas exigências de racionalidade, observou ainda que a opinião pública perdia sua função política e conseqüentemente cooperou em favor da despolitização da grande massa da população. Sendo que, para tornar plausível, diante das massas, sua própria despolitização, surge a ideologia do progresso técnico, no qual ciência e técnica assumem o papel de provedoras de uma nova e esperada redenção, conforme considera o autor

Implantada a ilusão do progresso técnico redentor, a propaganda se encarregou de explicar e legitimar as razões pelas quais, nas sociedades modernas, um processo de formação democrática da vontade política deve abdicar de questões práticas que interessam ao cidadão e conformar-se com decisões plebiscitárias restritas tais como quem será o novo chefe de Estado (DUPAS, 2006, p. 88)

Nas discussões de Habermas acerca do progresso surge uma compreensão preponderante para a abordagem desse texto, uma vez implantada a ideia de progresso calcado na ciência e na tecnologia, o autor considera que o processo de tradução que se estabelece entre ciência e política remete, em última instância, à opinião pública. E isso cria um confronto entre saber e poder técnicos, de um lado e em lado oposto, a compreensão de si – dependente de fatores e valores tradicionais. Para ele, uma sociedade científicizada não poderá emancipar-se, a menos que seja possível uma mediação entre técnica e prática cotidiana.

A globalização entende como progresso a eliminação da miséria através das trocas dos mercados, o fim das guerras e o papel dos Estados nacionais mundo afora, estando essas ações, obviamente, fortemente amparadas por um *marketing* também mundial. Observa-se, entretanto, que os resultados concretos estão sendo muito diferentes, para Dupas (2006), é mais uma das fantasias do mito do progresso, construído como discurso hegemônico.

E em se tratando do papel, ou do poder da comunicação, ou da própria publicidade, para a construção de um modelo de progresso, observa-se um processo filosófico importante na construção desse modelo, onde o preço da dominação é o da alienação dos homens em relação aos objetos dominados, mas é ainda o da coisificação do espírito. O capitalismo industrial coisifica suas almas, onde antes o animismo havia dotado os seres inanimados de uma alma, compreensão ainda existente nas sociedades tradicionais. A propaganda e seus agentes econômicos transformam em mercadoria e fetiche os valores que decidem sobre o comportamento dos homens.

A razão, nesses termos, se tornou um instrumento universal a favor da economia, quem não está conectado à internet ou não possui um celular é um excluído dos processos e progressos sociais, criando uma questão pontual, utilidade *versus* fetiche. E sob esse aspecto é importante considerar as discussões de Türcke sobre a sociedade da sensação.

Para chegarmos a uma proposta conceitual sobre o que é entendido como progresso, replico a fala do autor

O progresso, assim como hoje é caracterizado nos discursos hegemônicos de parte dominante das elites, não muito mais que um mito renovado por um aparato ideológico interessado em nos convencer que a história tem um destino certo – e glorioso – que dependeria mais da omissão embevecida das multidões do que da sua vigorosa ação e da crítica de seus intelectuais (DUPAS, 2006, p. 290).

Também atrelada à ideia de progresso aqui relatada, vale lembrar o posicionamento do mundo político, a partir do capitalismo, tendo o eurocentrismo como a noção criadora dos conceitos de moderno e tradicional.

Segundo Quijano (2005), a ascensão da Europa Ocidental em tornar-se o centro do moderno sistema-mundo, o capitalismo desenvolveu um traço comum a todos os colonizadores e imperialistas, o etnocentrismo, contudo o autor defende que, no caso europeu, isso foi ainda mais agudo, pois que havia uma justificação um tanto peculiar, a classificação racial da população mundial depois do descobrimento e colonização da América.

Para o universo europeu pós-colonização das Américas e também a ascensão do sistema capitalista no centro da Europa, criou-se a ideia de modernidade, levando os europeus a se sentirem naturalmente superiores aos outros povos do mundo.

De acordo com a perspectiva do autor, esse conceito representa a modernidade e a racionalidade como experiências e produtos exclusivos do mundo Europeu. Assim sendo, a Europa Ocidental e o restante do mundo foram classificados em duas novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno, o que significa dizer, Europa e não-Europa.

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas (QUIJANO, 2005, p. 232).

Diante dessa compreensão, a ideia de progresso passou a ser dominada pela teoria da modernização, em suas vertentes opostas, para sustentar que a modernização não implica necessariamente a ocidentalização das sociedades e das culturas não-europeias, o argumento mais relacionado foi o de que a modernidade é um fenômeno de todas as culturas, não apenas da Europa.

A ambição eurocêntrica em ser a exclusiva promotora da modernidade e também de que toda modernização de populações fora da Europa é uma forma de europeização não deixam de ser ações etnocentristas e, segundo Quijano (2005), até provincianas. Entretanto, por outro lado, admitindo-se que o conceito de modernidade se refere somente à racionalidade, à ciência e à tecnologia, a questão colocada à experiência histórica não seria diferente da proposta pelo etnocentrismo europeu, movendo-se no mesmo terreno e com a mesma perspectiva do eurocentrismo.

Assim todo o mundo não-europeu foi considerado como primitivo e em vias de civilização, como populações pré-europeias e disposto em sequência histórica e contínua, que vai do primitivo ao civilizado, do irracional ao racional, do tradicional ao moderno, do mágico-mítico ao científico. Em outras palavras, do não-europeu/pré-europeu a algo que com o tempo se modernizará, segundo as perspectivas do colonizador.

A ideia de um novo mundo primitivo, criada desde o descobrimento do Brasil, por meio dos processos explicitados nesse trecho, sobreveio na crescente necessidade de modernização de acordo com os padrões ora apresentados e impostos pelo colonizador.

Essa compreensão renova a interpretação que temos ante a ode da modernidade, ante a ideia de benfeitoria à sociedade como um todo quando da construção de hidrelétricas, desconsiderando as formas de vida que não se incluem no padrão eurocêntrico de modernidade.

Porém não poderíamos traçar o modelo de vida autônomo dessas pessoas e nem mesmo demonstrar como lhes são caros os elementos da natureza e do lugar em que vivem, sem antes elaborar algumas falas sobre a necessidade elétrica social e sua gênese.

2.1 Sociedade elétrica

Manchetes de jornais recolhidas da internet e publicadas entre 2011 e 2013 velam sobre a política energética incentivada pelo governo federal, a Carta Capital de dezembro de 2011 anuncia “Governo reduz IPI e IOF para estimular consumo e investimentos²”, um mês antes, em novembro de 2011, a Folha de São Paulo reporta que o “Governo dará incentivo para indústria de telas e semicondutores³”. A primeira matéria anuncia que o governo pretende enfrentar a crise mundial fomentando o comércio de eletrodomésticos ou a chamada linha branca. Em paralelo, a outra ação anunciada pela Folha de São Paulo informa que o governo prepara um pacote de incentivos para desenvolver a indústria de telas para eletrônicos e displays.

No item anterior, Dupas (2006) nos trouxe à discussão a proposta de que através do progresso técnico redentor é que as sociedades urbano-industriais avançariam indistintamente, pois bem, ao nos depararmos com as manchetes apresentadas, compreendemos o padrão de consumo que a ação governamental estimula.

Quando o governo reduz a zero o IPI de um fogão que antes era comercializado a 4%, significa dizer que é uma ação maior que a própria tentativa de manter o país longe da crise. Ou quando um pacote de incentivos é pensado para aumentar a produção de telas para eletroeletrônicos, o que na verdade está sendo alicerçado é um padrão crescente de consumo desses produtos.

De forma prática, um número grande de consumidores poderá fazer o *upgrade* de seus equipamentos, aproveitando as vantagens governamentais, não se trata dizer nesse tópico que apenas a sociedade exige cada vez mais esse tipo de produto, mas que é também levada a consumi-los ante as oportunidades comerciais. A política de consumo do governo, associada à panfletagem pulverizada através da

² Conforme consta no endereço eletrônico - <http://www.cartacapital.com.br/economia/governo-reduz-ipi-e-iof-para-estimular-consumo-e-investimentos>

³ Conforme consta no endereço eletrônico - <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1001134-governo-dara-incentivo-para-industria-de-telas-e-semicondutores.shtml>

opinião pública, gera um debate fundamental nesse texto, que é o estabelecimento de um modelo social calcado no consumo eletroeletrônico.

A televisão, em maior medida que a própria internet, leva ao consumidor, mesmo em lugares ermos do país, o estímulo de que se pode, ainda que com pouco dinheiro, ter acesso a uma geladeira nova, ou a um televisor melhor, ou quem sabe a um celular que abrevie distâncias.

Pessoas, mesmo quando desprovidas de condições mínimas de sobrevivência sonham com a possibilidade de uma casa mobiliada com equipamentos eletroeletrônicos, nesses casos o governo pensou a política do crédito “Minha Casa Melhor”. Acesso garantido às vantagens da linha branca, é o que intui a manchete do jornal O Estadão, de junho de 2013, “Governo lança crédito para móveis e eletrodomésticos pelo Minha Casa⁴”.

As políticas de consumo desses equipamentos justificam a demanda latente para o aumento de fornecimento de energia no país, não apenas porque se precisa alimentar as tomadas que ligam esses equipamentos na morada do consumidor, mas é preciso, antes de tudo, energia para as indústrias que tornam esse modelo social possível.

Desta maneira, para que iniciemos uma discussão que traga à luz o conceito de uma sociedade eletroeletrônica, calcada no consumo de energia elétrica para sua manutenção, lanço mão da proposta de sociedade movida à sensação, disposta por Türcke (2010).

A sociedade da sensação criou seus mecanismos de ação a partir do desenvolvimento da ideia tecnológica de radiação, segundo o autor, quando a tecnologia vai tão fundo no indivíduo, o ser não tem outro caminho que não o de transformar-se em um transmissor de si mesmo, metamorfoseando sua radiação pessoal em uma etérea, que abala o fenômeno, intitulado por ele como “do estar-aí”.

Türcke (2010, p. 45), considera esse estar-aí um fenômeno correspondente ao aqui e agora, ou em suas palavras, “seu ser presente físico em um determinado

⁴ Conforme consta no endereço eletrônico - <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,governo-lanca-credito-para-moveis-e-eletrodomesticos-pelo-minha-casa,156346,0.htm>

meio”. Sendo o “aí” nesse aspecto, um emissor, estando situado em algum lugar indiferente, mas que produza sua radiação, não importa muito sua localização geográfica nesse processo, porém sua capacidade de transmissão, ou seja, “estar aí” na medida em que esteja na linha, ou conectado em frequências que permitem sua recepção.

O que é mais grave, na proposta do autor, é que se desenvolveu uma ideia de que ser, no sentido de existir, nessa sociedade contemporânea, é ser percebido. Quem não consegue fazer-se percebido socialmente, simplesmente não conta, não é ninguém, em outro aspecto, ter um perfil consumidor digno de nota significa ser alguém. O Estado nacional moderno desenvolveu-se como um mestre do perceber.

Há aí uma mudança decisiva no sentido de quando a presença do próprio corpo se desfaz por detrás da presença midiática, que, segundo TÜRCKE, acontece desde a marcha triunfal do cinema.

Observa-se que os meios de comunicação, mais precisamente a própria prática jornalística, contribuíram, sobremaneira, para a construção dessa ideia de conexão em tempo integral. Os meios, a princípio, precisavam ser alimentados semanalmente, depois, diariamente e, nos dias atuais, minuto a minuto, com matérias dignas de serem noticiadas, para que eles possam continuar a existir, construindo, assim, não mais à ornamentação de acontecimentos explosivos, mas o fazer explosivo dos acontecimentos

[...] o meio audiovisual necessita mobilizar todas as forças específicas de seu gênero e ministrar a notícia com toda a violência de uma injeção multissensorial, de forma que atinja o ponto que almeja: o aparato sensorial ultrapassado dos contemporâneos (TÜRCKE,2010, p. 19).

Também o que nos atinge, comove, toca, é aquilo que foi agudizando suficientemente o nosso sistema nervoso e ainda que, por apenas um instante, nos chama a atenção, como que o efeito de uma injeção.

Aliando-se ao compêndio de notícias como forma de comunicação e percepção, tanto mais pesa a propaganda, é nesse universo que ficam claras as altas pressões econômica, estética e até fisiológica. Eis que se estabelece uma nova cultura comunicativa, tendo a propaganda como perseguidora de um final banal – fazer as mercadorias se tornarem irresistíveis aos olhos do receptor, como considera o autor, quanto mais desenfreadamente a propaganda persegue seu objetivo final, a venda, tanto menos se absorve nesse universo sem deixar vestígios.

É preciso compreender que na verdade a propaganda não é apenas um tapa buracos na programação televisiva, mas antes disso, representa a força unificadora básica do modelo de comunicação e consumo, constituindo a condição de existência dos próprios programas que a acompanha. Também o formato em que esses comerciais são pensados agregam o estilo da ideia certa, a novidade que produz um efeito cutâneo, aliado à tecnologia, quase sempre carregadas de sentidos urbano-eletrizantes, de forma a sobrecarregar o olhar humano, como confirma o autor “na admiração de um detalhe: a eternidade de um instante, o sublime da paisagem de um corpo, a infinitude de um azul cambiante de um fechar de pálpebras”, (TÜRCKE,2010, p. 26).

E nesse mundo mágico onde a propaganda se coloca como um padrão perceptivo a partir do qual se podem criar novos efeitos audiovisuais em tom de brincadeira, ela não mais concebe o espectador como um tolo, alguém que ingenuamente recebe comandos, mas como um compartilhador de conhecimento, alguém com quem só terá sucesso se a propaganda adiantar algum elemento do prazer que é a compra que o produto promete.

Porém há uma diferença seminal entre notícia e propaganda, das notícias exige-se que comuniquem o que de fato aconteceu ou está acontecendo, já em relação à publicidade o mesmo não ocorre, ela procura manipular, atua sem o compromisso com a sinceridade, considerando que isso já está suposto, ela declara seus motivos e possibilidades, porém, quase sempre, esconde seus verdadeiros meios, possibilitando ao receptor que reconheça que se trata de uma propaganda, mas não como ele é influenciado por ela. O comercial relaciona-se diretamente com

a liberdade, sugerindo que o espectador é livre para decidir, incluindo que ele tome para si algo que de forma alguma precise ou queira, mas que pelas condições apresentadas sua compra se torne irresistível.

Contudo, considera TÜRCKE que o jornalismo tem de almejar os padrões de precisão mediais do comercial, se ainda, nesse universo concorrencial, quiser atingir o público. Requerendo então o anúncio do factual com enriquecimento do entretenimento, mais do que nunca os fatos precisam de elementos sensoriais que os façam sobressair-se aos demais, fundindo-se no modelo comunicacional e altamente conectado que temos observado.

Outro elemento preponderante da teoria em questão diz respeito a quando o comercial se transforma na ação comunicativa por excelência, ele equivale à presença social, ou seja, quem não faz propaganda de si mesmo não comunica, a autopropaganda torna-se um imperativo da autoconservação. Nas atuais formas de interação humana, vale a máxima – quem não chama atenção constantemente para si, ou mesmo quem não causa uma sensação, corre o risco de não ser percebido e, portanto, de não existir socialmente.

Paralelo a essa assertiva, retomo as discussões de Dupas, ao que ele considera que o ser humano e suas necessidades se transformam em material de manipulação em busca de lucro. TÜRCKE, como observou-se, relaciona que emitir representa existir, Dupas considera que ter mais é estar melhor posicionado socialmente, de uma maneira ou de outra, artificializar enganosamente, insinuando o natural, é o que agrega valor, tanto simbólico, quanto monetário, eis que riqueza é o novo nome do valor

[...] comerciais que envolvem seus respectivos produtos na atmosfera de uma malha sonora, nuvens de cores e formas de edição – em suma, todo um lifestyle –, que deixam aparecer a marca ou a forma do produto como que por acaso, são meras enganações, na medida em que sugerem que não se trata mais primordialmente de sua venda, mas de estética. Mas ainda assim a opulência estética com a qual os comerciais são revestidos, como consequência de sua autotranscendência em um comportamento comunicacional generalizado, cuida para que adquiram um novo tom. Faz com que a estridente mensagem econômica seja ouvida junto com outro tom, de

cunho existencial, no preponderante “compre-me”, a suave súplica do “receba-me, reconheça-me, para que possa simplesmente ser” (TÜRCKE, 2010, p. 39).

O modelo de consumo a que estamos subordinados foi para além das fronteiras dos materiais acumulados, reside agora também em um aspecto muito mais simbólico, o consumo de ideias e padrões de comportamento. A pressão de notícias dos meios de comunicação de massa gera, conseqüentemente, um desejo em todos os indivíduos em emitir, adquirindo essa necessidade um caráter de condição existencial.

Impulsionada pela ideia de progresso, a ciência auxiliou o crescimento da tecnologia, a ponto de que fosse possível vender ao consumidor não apenas um aparelho que emite sinais eletromagnéticos, mas, antes disso, que pudesse criar uma realidade virtual, essa presença virtual é uma presença etérea, mas real, com um efeito tão poderoso que rapidamente leva ao esquecimento. Sob determinado ponto de vista, essa realidade etérea nada mais é que um espectro, bastando apenas que acabe a eletricidade, que a bateria chegue ao fim, ou ainda que haja um defeito na antena para que ela simplesmente desapareça.

A evolução microeletrônica corrobora com a troca de valores que aqui discutimos, à medida que esses universos virtuais assumem uma força vital e coletiva, cuja ausência não pode ser mais suportada, pois que demonstra o quão pálido é o aqui e agora não permeado pelo virtual.

Türcke fala em seu texto da “verdade prometeica”, que é o fenômeno pelo qual os homens quase sempre sentem sua constituição insuficiente ante às máquinas que criam e as atividades que são capazes de realizar, a exemplo da mobilidade em uma velocidade recorde, produzir por horas a fio sem fadiga, ou mesmo voar. Prometeu, seria então nessa visão mitológica, a figura criadora das coisas, e é relegado à sombra por suas criações, o que nos leva a entender porque vivemos em ritmo maquinal, ligando e desligando nossas funções vitais, trabalhando no ritmo das máquinas e nos apressando à sombra dos relógios, entretanto o que

mais tem controle sobre nossos corpos e almas hoje são as superfícies brilhantes dos monitores.

Sob essa hégide é vergonhosa toda forma de ociosidade, ou desemprego, o homem é um ser operante, é preciso que esteja voltado ao trabalho, ou então a suas emissões diárias, sua irradiação pessoal que dota o corpo físico da sensação do que o autor chama de “estar aí”.

A compulsão pela emissão que falamos aqui não é uma compulsão qualquer, ela corresponde à força do mercado sob as condições microeletrônicas, não se trata de assumir papéis uniformizados socialmente, como andar a passos sincronizados, ou vestir-se necessariamente com o mesmo traje, mas sim de estar ligado, emitindo, ou seja, conectado, o que pressupõe o modelo seminal desta discussão, a proposta de mundo moderno eletroeletrônico, em constante emissão e ligado, necessariamente, a uma tomada.

Até aqui discutimos a crescente necessidade social em emitir, porém cumpre também relatarmos o difícil lugar da percepção nesse universo altamente midiático. Para o autor, o bombardeio midiático faz com que os sentidos fiquem dormentes, levando as sensações a criarem necessidade de outras ainda mais fortes.

Produzir o calafrio de uma experiência autêntica, aquela que nos leva à sensação de não ter sido montada, mas, antes disso, que represente a verdade de uma situação, é uma alternativa para arrebatarmos novamente os sentidos em busca de uma autêntica percepção. Por um curto período de tempo, a fascinação pode emanar dos objetos mais cotidianos.

Türcke vê no controle remoto dos aparelhos televisivos um instrumento de direcionamento em meio à corrente midiática de estímulos, onde cada escolha significa abrir mão de uma centena de possibilidades e cada decisão carrega em si a sombra de ser uma escolha equivocada. Em relação à internet, o processo é quase o mesmo, uma vez que há uma gama de possibilidades a serem acessadas e, no momento em que há a escolha por uma página em detrimento de outra, a opção em

voga resguarda sempre a impressão de que poderia haver algo melhor, mais salutar, ou que cooperasse ainda mais para o assunto investigado.

Um processo de marginalização por meio da inclusão midiática é apresentado por Türcke, ocorre à medida que a televisão conseguiu apresentar um movimento conhecido como “o mundo em minha casa”, sendo esse mundo o meu convidado, me faço presente à proporção em que participo de sua presença etérea, contudo, ao fim desse processo, chega-se a constatação solitária de que cada emissão demonstra que o que é de interesse se passa sempre em outro espaço, nos lugares de onde se fazem as transmissões, mas nunca no local trivial onde estou sentado

A tela que me liga ao mundo todo é também a divisória que me separa dele, fazendo o próprio domicílio assemelhar-se a um posto anônimo de quarentena e gerando um novo estado: o do excluído completamente integrado (TÜRCKE, 2010, p. 71).

Mesmo os pioneiros das novas mídias são levados a sentirem-se não completamente à altura dos acontecimentos, ainda aqueles que podem ter acesso aos inúmeros recursos de conexão com o universo virtual, em algum momento se sentirão excluídos digitalmente. No caso dos mais pobres, o processo pode ser ainda mais nocivo, pois que sempre haverá uma tela que os leve a participar desse mundo, porém, sem, contudo, permitir-lhes acesso efetivo às benfeitorias apresentadas, a integração midiática alimenta a suspeita de já se estar excluído do que é decisivo.

O que o autor chama atenção é que não se há certeza se essa necessidade de sensações, associada ao desejo de “estar aí” representa um querer sair desse ciclo de consumo, ainda em suas palavras “da integração triturante dos negócios”, ou o querer permanecer nesses sentimentos e percepções, na vida que os negócios lhe retiram (TÜRCKE, 2010, p.71).

Aquilo que não chama atenção não é sequer percebido e a sensação toma um papel central na vida cotidiana, é quase uma necessidade vital, a luta pela percepção converte-se em uma luta contra a indiferença e, sobretudo, contra a insignificância. A sensação representa tanto uma forma de dominação, quanto uma forma de se perceber o mundo.

Dominação que passa inclusive pela necessidade de se gerar novas e diversas formas de se adquirir a percepção sempre em níveis mais elevados, implicando diretamente na expansão de uma rede energética, pois que o mundo converte suas sensações nos equipamentos eletrônicos que a tecnologia produz para alimentar a sempre crescente necessidade de emitir a radiação de uma sociedade inteira.

3 A REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO

A região compreendida nesse estudo é intitulada pelo Ministério da Integração Nacional⁵, como Mesorregião do Bico do Papagaio, compreende 66 municípios, sendo 25 no Pará, 25 no Tocantins e 16 no Maranhão – área total de 140 mil km² e população de 1,6 milhões de habitantes, ainda segundo informações do Ministério, “a região abriga um grande patrimônio cultural e natural formado por contingentes expressivos de populações tradicionais e áreas de extrativismo vegetal”.

Desde os primórdios da ocupação da Amazônia, conforme Fraxe (2000) relata, os povos que ali viviam, ocupavam-se basicamente da coleta de produtos da própria floresta e da pesca, sendo a caça uma atividade complementar. Conforme afirmação da própria autora, a riqueza que os rios ofereciam em diversidade de espécies de peixes, quelônios e jacarés, promoveu algumas adaptações na alimentação dos primeiros habitantes da Amazônia.

Outro aspecto, que se iniciou no princípio da ocupação amazônica e permanece como prática até a contemporaneidade, é a coleta de frutas das palmeiras oriundas da região, como o açaí, o buriti, a bacaba. Fraxe (2000), ao refletir sobre Loureiro, relata que se convencionou denominar as populações que evoluíram em território amazônico de povos de cultura de Floresta Tropical.

⁵ Conforme consta no endereço eletrônico - http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/bico_papagaio.pdf

A Amazônia, desde o período dos conquistadores, tornou-se conhecida pelos exploradores muito lentamente, em virtude também do difícil processo de exploração e, conseqüentemente, incorporação do território à sociedade colonial, que depois passou-se a nacional, segundo a autora, esse processo demorou mais de quatro séculos e ainda não terminou por completo.

A Amazônia brasileira é parte integrante da vasta região amazônica, situa-se no extremo setentrional da América do Sul, estendendo-se ao longo da linha do Equador, tendo sua maior predominância para o lado do hemisfério sul. Representa cerca de 44% do território da América do Sul, sendo o Brasil o detentor da porção mais extensa, aproximadamente 45% da área total.

Constitui-se um mundo singular e verdadeiramente autônomo no contexto territorial ao qual está inserido, formando uma unidade geográfica que coincide, em relação ao território brasileiro, com a Região Norte do país, adotada oficialmente pelo IBGE, através da promulgação da Constituição Brasileira de 1988, que incluía dentre os estados a divisão do Estado de Goiás, nomeado desde então como o Estado do Tocantins.

O clima amazônico se alterna em proporções que vão de úmido a superúmido, com altos índices de chuvas anuais e uma temperatura sempre elevada e, sobretudo, uniforme, que varia entre 22 a 32 graus centígrados durante o ano, segundo Fraxe (2000), esses dois fatores, calor e umidade, são responsáveis pela presença da exuberante floresta que recobre a área em grandes extensões.

Os solos, em geral, a exemplo do que se apresenta na região do Bico do Papagaio, são de baixa fertilidade, formados por elementos que provocam ocorrência de acidez, que compõem um frágil equilíbrio ecológico, conforme a autora enumera, a floresta é essencialmente alimentada pelo húmus que ela mesma produz por decomposição de suas partes mortas e que a copa de suas grandes árvores protege o solo contra as chuvas torrenciais típicas da região e da grande incidência de sol.

A região do Bico do Papagaio é inundada pelos rios Araguaia e Tocantins e, no atual município de São João do Araguaia no Pará, ocorre a confluência dos rios⁶, lugar de extrema beleza e abundância de espécies da fauna e flora⁷. Ao longo da bacia Araguaia-Tocantins, observa-se a ocorrência da várzea, um importante ecossistema amazônico, constituído pela planície aluvial, ou o leito maior dos rios, a parte que está sujeita às inundações anuais.

O nível das águas da bacia resulta no maior ou menor aporte de seus afluentes, o nível da água começa a subir em novembro, com a maior ocorrência de chuvas por toda região e atinge o ponto mais alto – a cheia – de março a abril, para iniciar seu processo de seca a partir do fim de julho, chegando ao mínimo em outubro.

A agricultura nessas regiões é praticada de setembro a abril no solo enriquecido pelos nutrientes deixados pela cheia do rio, anualmente renovável, desta maneira, a colheita dos ribeirinhos, associada à caça, a pesca e a criação de animais constituem o modo de sobrevivência das populações que habitam a região.

Entretanto, no período compreendido como seca dos rios, especialmente na porção do rio Araguaia, a população das vilas, assentamentos e cidades próximas à margem do rio, a exemplo do povoado estudado nessa pesquisa, iniciam suas atividades de preparo das famosas praias do mês de julho/agosto. Os preparativos vão desde a confecção e instalação da estrutura que abrigará os turistas, como a organização, condicionamento de bebidas e alimentos a serem vendidos para os visitantes das praias, esse esforço coletivo anual acontece a fim de complementar a renda das famílias ribeirinhas durante o período pós-colheita.

Em relação aos processos de ocupação da região, sirvo-me de um estudo aprofundado feito por Marianne Schmink e Charles Wood (2012), contudo me

⁶ Figura 1: Trecho do encontro das águas, foto do Bico do Papagaio, município de Esperantina – TO.

⁷ Figura: Rio Araguaia quando da incursão ao encontro das águas.

atenho às observações feitas pelos autores a partir da década de 70 na região ora mencionada.

Os pequenos agricultores que haviam migrado para essa área em busca de terras devolutas do Estado acabaram expulsos dos lotes agrícolas que reivindicavam, em razão da concentração de grandes propriedades de terra. Por toda década de 70, eles se fixariam em cidades fronteiriças, como Conceição do Araguaia, São João do Araguaia, entre outras cidades do sul do Pará e norte do então estado de Goiás, o que hoje é compreendido pelo Tocantins.

A construção da Belém-Brasília teve o início no fim da década de 50, mas chegou até o Pará apenas no início dos anos 1960, Schmink e Wood (2012) relatam que à medida que a estrada avançava em direção ao norte, um número incontável de imigrantes chegava ao então Goiás e os pequenos produtores eram empurrados pelos grandes investidores que monopolizaram as terras mais acessíveis ao longo das estradas.

Os autores relatam que o fluxo terrestre de mercadorias vindas do sul do país aumentava a importância das cidades de Marabá – PA e Conceição do Araguaia – PA como centros comerciais da região, muito embora as comunidades tradicionais ribeirinhas se mantivessem alheias a esse evento, as vias terrestres começaram a substituir os rios como principais meios de transporte.

Esse momento foi caracterizado pela migração tanto de pequenos agricultores em busca de terras disponíveis para o plantio e a sobrevivência de suas famílias, bem como grandes fazendeiros, o que não demorou muito para que os opostos começassem a se confrontar, em uma disputa por terras que normalmente terminava em violência e mortes.

À medida que a Amazônia oriental começou a atrair investimentos, o estado do Pará agarrou a oportunidade de vender suas terras públicas o mais rápido possível, especialmente entre 1959 e 1963. Assim teve início a prática de grandes glebas de terra para ricos investidores, áreas já informalmente ocupadas por pequenos agricultores. Essa foi uma política a que o governo federal deu continuidade nos anos 70, intensificando ainda mais o nível de

violência na competição por terras e recursos (SCHMINK e WOOD, 2012, p.121).

O conflito enumerado pelos autores na passagem revela o que ocorreu não apenas no sul do estado do Pará, mas em toda a região do Bico do Papagaio, as famílias, vindas do interior do Maranhão, ou do Nordeste, muitas vezes vinham com seus pertences no lombo de animais e assim que avistavam as terras devolutas da Amazônia oriental, conforme classificação dos autores, instalavam-se a fim de produzir sobre as terras.

Contudo, muitas vezes, antes que pudessem realizar a primeira colheita, eram surpreendidos por grandes latifundiários que lhes obrigavam a sair, empunhando-lhes uma escritura, que poderia ser lavrada em Cartório, ou poderiam também ser as chamadas escrituras griladas, falsificadas, que mesmo assim forçavam os pequenos agricultores, muitas vezes analfabetos, a se retirarem da terra, processo que não ocorria sempre sem resistência, é claro.

Em relação às estradas construídas nesse período, relatam os autores que a construção da Transamazônica teve os efeitos mais profundos sobre a cidade de Marabá e cidades circunvizinhas, assim como para a cidade de Araguatins, ponto focal dessa pesquisa. A publicidade do governo militar dada aos projetos de colonização da Transamazônica, estimulou uma onda de imigrações sem precedentes.

O projeto de ocupação da região foi logo sucateado, quando o número de colonos a serem assentados era por demais superior ao número de oficiais responsáveis pela alocação dessas pessoas. Às famílias que não tinham a sorte de receber os 100 hectares de terra na área do projeto, restou a alternativa de buscar terras onde quer que as estradas tornassem acessíveis.

O garimpo também foi um fenômeno que atraiu muitas pessoas à região do Bico do Papagaio, muitos migrantes vinham para a região na esperança de adquirir seu próprio pedaço de terra, contudo ao chegarem logo percebiam que a maior parte do território já tinha sido reivindicada por grandes latifundiários. Desta maneira, o garimpo lhes oferecia uma fonte de renda, um meio de ganhar dinheiro, permitindo que ficassem na região por um período maior.

Muitas dessas pessoas vinham do Nordeste, fugindo da grande seca que assolava a região, Schmink e Wood (2012) relatam que quando a estação das chuvas se iniciava na região, essas pessoas voltavam ao estado de origem, mas assim que o período chuvoso cessava, possibilitando a volta ao garimpo, elas regressavam à região. Por isso, a população de garimpeiros flutuava em uma média de vinte mil no alto verão de 1982, para três mil na estação chuvosa do mesmo ano.

Os garimpos ofereciam a sedutora, porém improvável, possibilidade de enriquecer, mas era uma alternativa interessante para aqueles que não conseguiam encontrar terras disponíveis para o plantio, ou mesmo trabalho nas grandes fazendas da região. Contudo, o garimpo resguardava seus perigos, muito embora tenha favorecido o mercado local, os longos períodos de obtenção de ouro faziam com que as mulheres e crianças tivessem de prover a própria sobrevivência. O que significa dizer que muitas dessas mulheres procuravam na prostituição um meio de ganhar dinheiro, ou então a extração de coco babaçu de grandes fazendas para que pudessem realizar sua quebra e a venda do óleo e do bagaço do coco e, com isso, garantir algum dinheiro para a alimentação familiar.

O garimpo pouco contribuiu para resolver a questão fundamental do acesso desigual à terra e onde havia uma jazida de exploração, geralmente, a violência era quase que uma premissa da paisagem local, tendo em vista a recompensa ilusória de que a atividade garimpeira levaria ao enriquecimento abrupto.

Por outro lado, se fixar na região, desbravar as matas, seja no intuito de fixar morada e plantio, ou no de operar os garimpos, não era coisa simplista, pois que a epidemia de malária que veio no rastro do ouro representava uma ameaça ao bem estar e à própria vida das pessoas que ali estavam

O uso crescente de métodos hidráulicos contribuiu para a deterioração das condições de saúde dos garimpeiros e das pessoas residentes nas comunidades próximas, porque as minas abandonadas se enchiam de águas paradas e serviam de criatórios para o mosquito da malária em Marabá e Conceição do Araguaia. Somente no distrito de Cumaru, vinte mil casos foram reportados até 1986 (SCHMINK e WOOD, 2012, p.121).

Sem ainda chegar ao fim da retomada dos processos que permearam a ocupação do Bico do Papagaio, preciso antes fazer um breve relato do capítulo que ensejou a Guerrilha do Araguaia.

Junto ao migrantes que vieram para a Amazônia no final da década de 60, vieram também 69 membros do PCdoB, essas pessoas, que mais tarde seriam conhecidas por guerrilheiros, fizeram de base as cidades de Conceição do Araguaia e Marabá. Eram, em sua maioria, profissionais advindos das cidades, fugiam da grande repressão militar instalada no sul/sudeste do país, instalavam-se de forma silenciosa entre os camponeses em vilas e cidades como Xambioá, São Geraldo, São João do Araguaia e Palestina do Pará.

No período em que estiveram na região, ofereciam aulas de alfabetização, cuidados médicos e outros serviços à população local, conduziam pela região uma campanha de mobilização. Entretanto, por volta de 1973, o exército adotou uma estratégia conhecida como “anti-insurgência”, a fim de sanar o levante feito pelos guerrilheiros, uma vez que eles já haviam tentado no ano anterior com táticas convencionais extinguir o movimento e não haviam obtido êxito.

Conforme relatam Schmink e Wood (2012), a operação de guerrilha não era uma grande ameaça ao Estado Nacional, mas a reação dos militares foi rápida e dura, tanto que seus silêncios permanecem até hoje no imaginário das pessoas que vivem na região.

Sob a liderança de Sebastião Rodrigues de Moura, mais conhecido como Curió, a operação que trazia oficiais que haviam se aperfeiçoado por militares americanos na Guerra do Vietnã, derrotou os guerrilheiros no ano seguinte, através de pequenos grupos de forças especiais da Brigada de Paraquedistas.

Contudo, o acontecimento causou terror nas pessoas que ali viviam, uma vez que os oficiais do Exército travaram uma campanha violenta contra a pouco informada população, a fim de desentocar os guerrilheiros que viviam em meio aos civis.

Entretanto, Curió, depois de finalizada a guerrilha, considerou que aquela fora somente parte da solução do problema de segurança nacional e, para impedir outros levantes daquele tipo, era necessário seguir o exemplo dos insurgentes e atender à

população rural com os serviços básicos de atenção à saúde, educação e moradia, pouco ofertados ou quase inexistentes àquela altura. A fala dos autores que a seguir tomo emprestada relata bem o movimento do Exército Brasileiro que se seguiu

Para ganhar a confiança dos camponeses do sul do Pará, curió criou o seu próprio projeto de colonização ao longo de uma estrada construída durante a campanha do Exército, e premiou com títulos de terra os camponeses que tinham servido como guias. Ele também solicitou unidades móveis do Exército a fim de que prestassem regularmente serviços dentários e de saúde nas regiões antes comandadas pelos guerrilheiros (SCHMINK e WOOD, 2012, p.121).

A visão dos militares imbuída no desenvolvimentismo da região, atrelada à constante preocupação com a segurança nacional, foi particularmente nociva às populações tradicionais da Amazônia. A proposta ideológica de construção da nação, de Brasil grande, deixou pouco espaço para as populações etnicamente distintas.

Depois de sanadas as batalhas contra o levante da Guerrilha do Araguaia, em 1974, o objetivo das políticas nacionais na Amazônia começaram a se distanciar do previsto inicialmente, pois que era antevisto no Plano de Integração Nacional a distribuição gratuita de terras, entretanto, as pressões políticas advindas de grandes latifundiários levaram ao abandono dos interesses de pequenos agricultores.

Os argumentos empenhados na dissolução do Plano de Integração Nacional indicavam o alto custo dos projetos de colonização, financiados com recurso público, assim como a deficitária implantação dos mesmos. O apelo midiático dado aos confrontos entre fazendeiros e invasores, como eram considerados, enfraqueciam ainda mais as iniciativas de colonização do INCRA.

Dentre os argumentos mais controversos, estava o de que os fazendeiros ou grandes investimentos eram menos danosos ao meio ambiente do que os pequenos agricultores, vê-se aí uma premissa ecológica duvidosa como forma de coagir o Estado na distribuição de terras para os camponeses.

Diante desse quadro, apenas uma fração da população instalou-se ao longo da rodovia Transamazônica, nos trechos hoje compreendidos como Palestina do Pará, Brejo Grande do Araguaia – antes pertencentes ao município de São João do Araguaia e Araguatins.

Mesmo os que foram instalados tiveram de enfrentar muitas falhas no tocante ao apoio à produção agrícola, como assistência técnica deficiente, a erosão da terra, a epidemia de malária que se espalhou por toda região, problemas na obtenção de crédito junto aos bancos financiadores, todos esses fatores resultavam em baixa produção da roça nos primeiros anos do projeto.

O abandono integral dos assentados foi ainda justificado ao passo que o Estado culpava os próprios imigrantes por sua falta de habilidade administrativa e com a terra, além da carência de sofisticação tecnológica. Uma campanha ideológica nacionalmente difundida retratava o imigrante como alguém que não respeitava as leis ambientais, ignorante e bárbaro.

3.1 O Rio Araguaia

Por ser esse um texto que se debruça sobre a relação entre homem e corpos hídricos e buscando situar a região aqui abordada, falo agora sobre o rio Araguaia em seus aspectos físicos. Tecerei ainda algumas considerações sobre os contornos históricos do povoamento da região ocorrida, predominantemente, por meio do próprio rio.

O rio Araguaia está inserido na região hidrográfica do rio Tocantins, nasce na Serra do Caiapó, percorre os estados do Mato Grosso, Goiás e Tocantins, com a foz no município de São João do Araguaia, já no estado do Pará, sua extensão é de 2.115 Km.

Conforme dados apresentados por Santos (2007), percorre 720 km e então se divide em dois braços, formando a Ilha do Bananal, numa extensão de aproximadamente 400 km. Divide-se em três grandes segmentos, são eles: Alto, Médio e Baixo Araguaia

O primeiro trecho tem uma extensão de 450 km e situa-se entre as nascentes e a cidade de Registro do Araguaia (MT), com desnível de 570 metros, sendo desfavorável a navegação. O segundo possui uma extensão de 1.505 km e localiza-se entre Registro do Araguaia

e Santa Isabel do Araguaia (PA) e apresenta um desnível de 185 metros. Esse extenso trecho se desenvolve, em grande parte, sobre terrenos de planície com seções largas e reduzida declividade e são inundáveis em grandes extensões no período de enchentes, exceto no trecho entre Xambioá (TO) e Santa Isabel (PA), onde se observa maior incidência de travessões rochosos (SANTOS, 2007, p.20).

O Araguaia está localizado na zona de confluência entre o cerrado e a mata amazônica possui, portanto, uma grande diversidade de espécies animais e vegetais e é responsável, também, pelo equilíbrio hídrico da região centro-oeste brasileira. Carvalho descreve no trecho a seguir o que se observa nas incursões ao rio

Em meio à rica variedade de espécies de aves locais e migratórias, bandos de garças, marrecos, mergulhões, sabiás, azulões, uirapurus sobrevoam o céu imensamente azul. Também é possível apreciar tartarugas, capivaras, aves exóticas, como o gigantesco tuiuiú. Os macacos, saltando de galho em galho, vão chamando a atenção de todos que trafegam por seu fluxo. Nessa dança selvática tentam mostrar que, para viver, necessitam daquelas águas, do clima e das árvores que lhe dão variados frutos (CARVALHO, 2008, p. 26).

No período de cheias, compreendido entre os meses de novembro a maio, as águas do Araguaia vão tomando as margens ribeirinhas, renovando por mais um ciclo os rios, lagos e córregos que se ligam a ele. Esse é um tempo em que a vegetação presente nas barrancas fica encoberta pelas águas, possibilitando a navegação em quase todo seu percurso.

Já no período de seca, entre os meses de julho a outubro, revelam-se em suas margens, exuberantes praias largas, extensas e de areias finas e completamente brancas. A população ribeirinha e os turistas são convidados pelas imensas faixas de areia para fazer deste lugar um espaço de veraneio. Suas praias simbolizam o lazer. Suas águas servem de entretenimento.

Esse movimento de cheias e secas permite que as margens do Araguaia recebam periodicamente uma recarga de nutrientes, o que permite o desenvolvimento da biodiversidade aqui enumerada. Os solos ricos, quando submersos, permitem uma variedade de alimentos e por consequência, contribuem para a existência de uma grande diversidade de espécies aquáticas.

Conforme relatado por Santos (2007), as características que promovem a abundância de alimentos em toda extensão do Araguaia, possibilitam também a vida das populações ribeirinhas, que se mantém predominantemente da cultura extrativista. O autor expõe que, desde o século XIX as populações ribeirinhas constituíam-se da possibilidade de viver do meio natural, “a forma de relacionamento entre essas comunidades e a natureza se deu mais no campo da subsistência, no respeito aos processos naturais, que se estabeleceram de forma sistêmica e sustentável” (SANTOS, 2007, p. 35).

Para Carvalho, o rio Araguaia vai além de um grande provedor de alimento e transporte para as populações abrigadas por ele, mas é antes disso um mediador, promovendo sutilmente a coesão de vários grupos sociais, “ele tem o poder de unir povos de diferentes culturas num processo de socialização e de criar a solidariedade entre o de dentro e o de fora. O rio Araguaia é elemento de inspiração para músicos e poetas” (CARVALHO, 2008, p. 27).

O rio Araguaia também serviu como via de acesso, constituindo-se uma estrada natural que levava ao sertão e nessa condição de caminho primeiro, permitiu a vinda dos primeiros colonizadores da região. Ainda, conforme informações de Carvalho os primeiros relatos da região davam conta do cenário a seguir,

Suas margens eram bastante habitadas por vários povos que viviam agrupados em aldeias, cujas habitações, cobertas de palha piaçava, transformavam a paisagem ribeirinha. Eram os brasileiros das selvas denominados de Xavantes, Caiapós, Karajás, Javaés, Chambioás e outros, cujo modo de vida ainda se apresenta rico de valores culturais. Povos identificados pelas tradições, folclore, saberes, línguas, festas e diversos outros aspectos e manifestações (CARVALHO, 2008, p. 33).

O universo que os colonizadores encontraram quando das primeiras incursões pelo rio foi um ambiente caracterizado por riquezas naturais e culturais também, os solos enriquecidos formavam uma verdejante paisagem, oferecendo alimentação e matéria prima em abundancia para os habitantes de suas margens.

A partir das primeiras incursões ao rio Araguaia foi possível o aparecimento de muitas povoações, que depois chegariam a sedes de vilas e cidades, o surgimento

desses povoamentos advinha das necessidades de pouso, de abastecimento de utilidades e de provisões. A autora completa ainda que

Nas margens do rio Araguaia, o processo de formação das cidades começa efetivamente, no século XIX, com a política de implantação de presídios militares. Esse processo não foi um fato isolado ou experimental. Fazia parte de uma estratégia de proteção mais abrangente que vinha acontecendo ao longo de dois séculos e meio. Os luso-brasileiros implantavam fortes militares, com suas guarnições e dependências, em locais longínquos e desprovidos de quaisquer meios de subsistência. Várias cidades brasileiras nasceram com a construção dos primeiros baluartes de nossa integridade territorial arquitetados pela engenharia militar portuguesa. Na orla marítima e nas margens dos principais rios brasileiros, considerados nós de circulação, nasceram muitas cidades provocadas e estimuladas por uma política oficial de proteção territorial. Fortificavam-se as margens ribeirinhas para a defesa da navegação e incentivava-se a produtividade de seus subordinados (CARVALHO, 2008, p.37).

Mesmo à distância dos grandes centros comerciais brasileiros, o sertão foi sendo povoado por meio dessa via de acesso, o rio, era pelo Araguaia que os desbravadores da região adentravam o sertão brasileiro, sem falar nas populações ribeirinhas, sendo elas indígenas ou não, que se interligavam por meio da navegação nas águas do Araguaia, além de sobreviverem do ambiente extremamente fértil que ali se configurava. Entretanto, ainda nas primeiras incursões dos colonizadores na região havia um forte desejo de que as paisagens bucólicas que inundavam a região abrissem caminho para as paisagens do progresso e da modernidade, vistos como caminho natural para a sociedade mesmo que em regiões tão remotas, espelhando-se nos ideais eurocentristas aqui elaborados anteriormente.

Conforme revela Santos, Couto Magalhães no século XIX já vislumbrava o potencial socioeconômico da região, em suas palavras “Couto Magalhães afirma que, pelas descrições do Araguaia, há possibilidades para grandes estabelecimentos de criação de gado” (SANTOS, 2007, p. 40).

Já, nesse momento histórico, o olhar dos colonizadores e gestores sobre a região demonstravam que a natureza servia-lhes como palco de interesses e

reservatórios de futuros investimentos, conforme ainda destaca o autor, havia um desejo de transformar o cenário ora avistado em produtivas plantações ou verdejantes pastos voltados à criação de gado.

3.2 O Itinerário da Pesquisa

Caminhei por toda a região do Bico do Papagaio que compreende o rio Araguaia, visitando os municípios de São João do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia, Palestina do Pará, o povoado de Santa Isabel no lado paraense. Na fronteira tocantinense, estive em Esperantina e finalmente Araguatins, onde localizei as andanças dessa pesquisa.

Estas áreas foram identificadas a partir da análise dos projetos de construção das duas grandes hidrelétricas compreendidas nessa discussão, sendo a primeira e mais ao norte, a UHE Marabá e a mais ao sul, com seu eixo previsto para o município de Palestina do Pará, povoado de Santa Isabel, a UHE Santa Isabel.

Tomei como base dos estudos um assentamento do INCRA localizado na porção rural do município de Araguatins, conhecido como Vila Falcão, a escolha se deu em função de o assentamento se encontrar às margens do rio Araguaia e também, pois que suas terras sofrerão, ao mesmo tempo, os impactos dos dois empreendimentos em questão, assim que finalizados.

Para início dos trabalhos realizei um reconhecimento da área que seria alagada pela construção das obras, dividindo as andanças de minha busca em duas viagens, a primeira serviu-me para visitar os municípios a serem atingidos e a segunda localizou-se apenas na Vila Falcão⁸, onde procurei conversar e conviver com as pessoas que ali moram, em uma proposta de ensaio etnográfico e observação participante.

⁸ Figura 3: Vila Falcão.

O objetivo desta pesquisa é o de entender a relação estabelecida entre os ribeirinhos e os corpos hídricos, trazer às discussões acadêmicas o que propriamente seria a água vivenciada.

A ligação dessas pessoas com o rio e com a terra em que vivem desde que foram assestadas na região, digo assentadas, pois que boa parte da microrregião é constituída de assentamentos do INCRA, é a grande busca dessa discussão.

Como objetivos específicos enumeraram-se: Compreender como as sociedades urbano-industriais operam sob os conceitos de modernidade, progresso e consumo; Verificar as interconexões entre o processo de ocupação da região e o rio Araguaia; Estudar como o ribeirinho se relaciona com o Araguaia e como essa convivência é construída através do tempo; Entender o imaginário emotivo dos ribeirinhos com relação à possível construção dos empreendimentos.

A escolha das áreas pesquisadas se deve ao fato de que a produção discursiva sobre os usos da água, quase sempre, não leva em consideração a relação que as populações ribeirinhas mantêm com os corpos hídricos, ligação essa, que por vezes, não é apenas de uso antropológico, mas sim um olhar contemplativo que povoa o imaginário emotivo dessas pessoas, ou também momentos de profunda resistência para que essas famílias firmassem morada.

Devo dizer ainda sobre a escolha do modelo metodológico etnográfico como forma de mapear as questões levantadas. Reporto-me às palavras de Geertz, quando dos conceitos de descrição densa para a etnografia,

Está o objetivo da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos dos quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos e interpretados, e sem as quais de fato eles não existiriam (GEERTZ, 2008, p. 7).

Para o autor, a etnografia é antes de tudo uma ciência interpretativa, um método que procura observar o que os movimentos culturais revelam sobre o campo estudado, é uma ciência que busca o significado intrínseco às palavras e às ações.

Sob esse modelo conceitual, a cultura é dotada de significados, não é um poder, mas um sistema de signos entrelaçados e interpretáveis, “ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 2008, p. 10).

Partindo do entendimento que a antropologia é o alargamento do universo do discurso humano e do objetivo central dessa pesquisa, compreender a relação estabelecida entre os moradores do Falcão e o rio que os cerca, tomei a observação participante como o caminho metodológico a seguir, pois que muito do que os moradores da Vila me dizem sobre a água não é propriamente a vivência com o rio.

Assim como Oliveira (2000, p. 19) considera, o trabalho do etnólogo inicia-se através do olhar, ou no que ele chama de “domesticação do olhar”, pois que a partir do momento que a investigação empírica se inicia, a primeira ferramenta de análise é o olhar e, como revela o autor, já nesse momento o objeto foi previamente alterado pelo próprio modo como visualizamos.

Oliveira (2000) entende que o olhar que o etnólogo lança sobre o seu campo está diretamente ligado à maneira que o pesquisador compreende o mundo. O modo como se organiza o esquema conceitual refere-se diretamente à apreensão da realidade e, portanto, causa o que o autor apresenta como refração do olhar.

Por outro lado, Damatta (1978) reconhece que o envolvimento dos processos intervenientes e sentimentos do pesquisador estão presentes ao longo do processo etnográfico e que não se trata, com isso, de minimizar as colocações dos manuais etnográficos, mas, antes disso, procurar o que o autor chama nesse texto de “anthropological blues”

E com isso quero simplesmente dizer que talvez mais do que qualquer outra matéria devotada ao estudo do homem, a antropologia é aquela onde necessariamente se estabelece uma ponte entre dois universos (ou subuniversos) de significação, e tal ponte ou mediação é realizada com um mínimo de aparato institucional ou de instrumentos de mediação. Vale dizer, de modo artesanal e paciente, dependendo essencialmente de humores, temperamentos, fobias e todos os outros ingredientes das pessoas e do contato humano (DAMATTA, 1978, p. 26).

O autor entende ainda que se incorporar como etnólogo é aprender a realizar a tarefa de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, esses dois campos de significação estão necessariamente presentes, pois representam os dois universos imbuídos na mesma investigação social.

Eis que aí reside os momentos críticos do ofício antropológico, uma vez que “a vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los”, é nesse aspecto que os etnólogos empenham esforços na busca deliberada por enigmas sociais que se encontram em universo de significação pouco compreendido pelos meios sociais de seu tempo, (DAMATTA, 1978, p. 27).

No segundo campo sensorial de atuação da etnografia, o ouvir. Oliveira (2000) intenta que os horizontes semânticos em confronto se abrem uns aos outros através da conversa, de modo a transformar o que primeiro se delimitou como embate em um encontro etnológico, criando-se por meio desse diálogo um campo de significados partilhado pelos dois interlocutores.

O autor nos diz que quando o pesquisador dispõe de habilidade de ouvir e igualmente ser ouvido, estabelece-se aí um diálogo entre iguais,

Ao trocarmos ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guiados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

Em face disso, era preciso que estivesse imersa no modo de vida que essas pessoas mantêm, não apenas tomando nota das considerações acerca do rio, da construção das barragens, ou da maneira como elas consomem a energia elétrica, precisava descobrir de que maneira o rio estava presente em suas vidas, ou práticas cotidianas, em que momentos de seu dia eles se reportavam ao Araguaia e como o faziam. E, depois de vivenciadas essas nuances, era preciso interpretá-las.

Acerca do ofício de escrever, Oliveira (2000) ainda acrescenta a intersubjetividade, reconhecendo que no ofício de transformar as falas e o que fora observado em campo em texto interpretativo, cumpre perceber que o autor não pode se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal e coletivo.

A intersubjetividade cria um universo de significância onde as experiências obtidas em campo e a elaboração do texto formal dão conta das experiências e trocas vivenciadas, em que se pode também discutir teorias como filosofia e epistemologia no cumprimento da tarefa de interpretar modos de vidas outros.

A compreensão que Therezinha Fraxe (2000) faz acerca das populações ribeirinhas, ou ao que ela chama de “homens anfíbios”, é de que essas populações vivem de forma harmônica, em primeiro plano com a natureza, e também que desenvolveram uma habilidade que promove a vida tanto através da terra, como por meio do rio.

No início de minhas andanças estive em Araguatins, cidade das águas. Fui recebida por dona Marina, cidadã do Bico do Papagaio, pude firmar base dessa primeira viagem em sua casa. Dona Marina, nascida em Brejo Grande do Araguaia e criada por todo o Bico, contribuiu também como guia durante a primeira estada em campo, como conhece muito bem toda a região, nos possibilitou andar por estradas de difícil acesso e lugares que precisávamos visitar.

A partir das histórias que primeiro ela me contou, dos lugares e das pessoas que me apresentou, pude traçar a estrutura que aqui segue, importante dizer que não me utilizei do método bola de neve para adentrar o universo social do Bico do Papagaio.

Tomei também como base metodológica os trabalhos realizados anteriormente no âmbito do Mestrado em Ciências do Ambiente. Castorino e Carvalho (2011) fizeram uma abordagem que contemplou as memórias de ocupação da região, foram eles também conduzidos por guias locais e visitaram os municípios que possivelmente serão atingidos quando da construção da UHE Marabá. Como tinham o interesse de fazer uma imersão no modo de vida dos moradores dos municípios que estão abrangidos pela construção desse empreendimento, eles partiram para um diálogo. Todavia esse diálogo, como está reportado no trabalho, se deu a partir das falas e das reminiscências das pessoas.

Desta maneira, a partir do contato estabelecido com a moradora local e primeira guia, pude constituir, em cada município visitado, outros guias. Havia um cuidado para que essa pessoa fosse o mais próxima possível da vida local e, ao contrário de Castorino e Carvalho (2011), anteriormente citados, precisei também incluir o município de Palestina do Pará, povoado de Santa Isabel, no itinerário de viagem, tendo em vista que a abordagem desse texto inclui ainda a promessa de construção da UHE Santa Isabel.

3.3 A primeira jornada

Depois de uma hora e meia de andanças em estradas de chão, muita poeira e sol, cheguei ao Natal, povoado antigo, próximo a Araguatins. Era hora do almoço, não havia ninguém nas ruas, era mais solidão do que qualquer outra coisa. Já no caminho, avistei o ônibus escolar trazendo as crianças de mais um dia de lições.

Andei nas poucas ruas do povoado, mas decidi espreitar a escola, ver se lá ainda conseguia alguém, duas professoras estavam por lá e disseram que as aulas tinham acabado de terminar e que daqui a pouco chegaria o ônibus com os alunos da tarde. Parti em direção a um pequeno comércio na entrada do povoado, me apresentei ao dono da venda e então começamos a travar uma conversa, ele me disse que sempre morou ali, desde que nasceu, e que o lugar era muito bom de viver, havia se casado com uma galega de fora e teve seus filhos, dali não sairia mais e se houvesse alguém que fosse falar mal do Natal, que saísse de sua porta e fosse para o outro lado da rua, pois que em casa dele ninguém falava mal daquele lugar. Rimos.

Ele nos contou de outros conhecidos que haviam ido embora, mas depois acabaram retornando ao velho Natal, não soube explicar como o povoado começou, disse que já nasceu lá e o pai, quem poderia contar do início de tudo, havia morrido há muitos anos.

Indicou-nos a casa de outro morador, logo ali perto, disse que era muito antigo e que saberia explicar melhor. Assim nos despedimos e ele e sua esposa nos deram pequenas mexericas para comer, fomos andando, levantando poeira com a sola dos sapatos, o sol ia quente àquela altura do meio-dia, não sabia se era boa hora de encostar na casa de Seu Alfredo, mas também não poderíamos esperar, a jornada era grande. Batemos palmas.

Menina nova, não mais de quinze anos, atendeu, perguntamos pelo senhor, ela pediu que entrássemos, pois iria chamá-lo. Entramos, casa de tábuas, telhado de barro, em sua sala haviam fotos de crianças empunhadas nas paredes, também calendários, havia um sofá e algumas cadeiras de macarrão, as moças se agitavam para a escola, que em pouco começaria, televisão falava alto em um desenho antigo.

Seu Alfredo veio lá de dentro, depois de puxar um lençol feito de cortina que separava a sala dos outros cômodos, abotoava a camisa, tinha calça comprida e chinelos nos pés. Cumprimentamo-nos, apresentei-me, falei do interesse por saber como o Natal começou e como ele havia ido para lá.

Com calma, o senhor nos pediu que sentássemos, se colocou no sofá e logo sua esposa veio acompanhar, uma senhora distinta que não tinha muitos dentes.

Perguntei a eles como foram morar na região, de onde vieram e há quanto tempo. Antes do começo de sua palestra, Seu Alfredo passou a mão em sua testa e nos seus cabelos grisalhos, como que fosse um gesto, um código, algo que o permitisse entrar nas portas do passado, e então, com voz mansa, semblante leve, começou a nos dizer que veio do Maranhão com o pai.

Vieram eles todos a pé, com as poucas coisas que dispunham no lombo de burros, eram apenas panelas e roupas, vinham andando. Iam, pois se falava que ali, naquela região, existiam ainda terras devolutas, teriam um lugar para plantar, viver, um teto para descansar do suor.

Conversei com seu Alfredo longamente, me indicou os primeiros moradores e

o período que chegaram, contou também sua história em particular, porque veio do Maranhão até o Natal, esclarecendo os processos de ocupação da região e nos explicando também como surgiu o povoado Falcão, o que iríamos visitar logo mais.

Contou-nos que, no início, as pessoas chegaram e colocavam a roça onde quisessem, “de primeiro não tinha dono, chegava lá e tirava um pedaço de terra do tamanho que quisessem, morava também aonde que quisesse”. Ele prosseguiu,

Depois que chegou um tal de Dirceu Borges, o bichinho quando veio comprou só um lugarzinho só pra começar, né?! Depois eles botaram foi o povo para fora e disse que a terra era dele e depois ele veio e mandou fazer o campo bem ali, porque no tempo do garimpo, o lugar de pouso era ali, nessa baixada que vai para o Falcão, eles agasalharam lá e baixava avião todo dia dos faisqueiros, os que comprava diamante, né?! E aí, quando o Oliveira veio pra cá, que eles vieram pra cá e disse que a terra era deles, tinham comprado de uma viúva, mas não tinham documento nenhum era só para tomar do povo mesmo, aí ele vinha pra deixar dinheiro para o gerente dele que ficava aqui, ele baixava de avião conversava lá e logo voltava para trás (Seu Alfredo, Povoado Natal, Araguatins – TO, entrevistado em 16/05/13).

As memórias descritas suscitam a relação que os posseiros das novas terras começavam a construir, como pontuou Diegues, as populações tradicionais se relacionam com o meio em que vivem, onde “a dependência do mundo natural, de seus ciclos e de seus produtos é fundamental para a produção e reprodução de seu modo de vida. A unidade familiar e/ou de vizinhança é também uma característica importante”, (2005, p.1).

Ainda para o autor, a ocupação do território durante gerações não é definida por extensões territoriais ou pelos recursos naturais existentes, mas, antes disso, pelos símbolos que representam a ocupação de longa data, como, por exemplo, as roças antigas, os caminhos percorridos, os cemitérios e, sobretudo, os mitos e as lendas.

Outro elemento que o autor ressalta em seu texto, é que boa parte das comunidades tradicionais faz o uso coletivo do território, conforme relatado por Seu Alfredo sobre as primeiras ocupações do Natal, antes que os grileiros de terra começassem a dispersar as pessoas que cultivavam sobre aquelas terras.

Alfredo enumera os poucos moradores que conseguiram segurar as terras recém-ocupadas no povoado Natal,

Ficou pouca gente aqui com terra que não liberou assim né?! Porque eles falavam que era deles, que era deles e a pessoa com medo saía, tinha muito medo até de mandar matar. As pessoas que ficaram com terras aqui que eles não tomaram foi o Pascoal, o Chico do Dudu, o Albino, o Compade Crécio, foi pouca gente que ficou, que os outros tudinho foram embora, o pessoal falava que tinha uns pés de fruta aqui que plantou e eles respondia, pois então é só você rancar e levar, que a terra é minha. Aí o cara pegava qualquer dinheirinho que ele queria dar. E na hora que o cara ia tirar os trem, ainda hoje, botava o monte lá pra ficar carregando, eles iam e tocavam fogo na casa que era pra não voltar mais pra lá (Seu Alfredo, Povoado Natal, Araguatins – TO, entrevistado em 16/05/13).

Tomando a fala de seu Alfredo aqui disposta e pensando as fragilidades dos métodos na oralidade, cabe perguntar: como se (re)constrói a memória? O que define uma história oral, e a coloca à parte de outros ramos da história, é sua dependência à memória em vez de outros textos, afirma Fentress e Wickham (1992). Contudo, se historiadores orais parecerem relutantes em enfatizar isto, preferindo tratar a memória como conjunto de documentos depositados em arquivos, questiona Fentress e Wickham: O que é memória? Nós a caçamos com um questionário, ou nós deveríamos usar uma rede de pegar borboletas?

Como as pessoas verbalizam suas narrativas ou narram sua própria voz? Para Friedman (1992), a natureza da história oral interliga essa questão em torno de uma conjuntura particular. Segundo Friedman, é preciso considerar que, como outras formas de narrativas, a oralidade se produz num contexto no qual a identidade é praticada, todavia a narrativa oral permitindo ao ouvinte a possibilidade da interatividade e do diálogo simultâneo que não ocorre na narrativa escrita.

É na dinâmica das histórias coletivas e pessoais que encontramos a voz e a identidade como resultados de uma interação entre entrevistador e narrador. Assim, disse Portelli (1981) sobre lembrar e contar [que] são eventos em si mesmos, não somente descrições de eventos. Nem por isso deve-se desprezar o contexto para uma história.

O exercício da entrevista é também a prática da negociação. Assim

Antoinette Errante (2000) conta sua experiência com a oralidade em

Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e modos de lembrar e contar” ao buscar narradores que contassem o que ela queria saber. “Se os narradores escolhiam seus momentos de vulnerabilidade através dos quais eles contavam e relembavam, eu também era frequentemente vulnerável” (ERRANTE, 2000, p. 150).

Uma sugestão seria escrever todas as suas impressões sobre os entrevistados, além disso, perguntar questões óbvias que você não seria capaz de conjecturar quando está familiarizada com o terreno tem suas recompensas, pois “os narradores não irão hesitar em esclarecer sua ignorância“, todavia, “vão revelar a sua compreensão de eventos e experiências importantes ao qual você não teria pensado em perguntar” (ERRANTE, 2000, p. 150).

Nas entrevistas realizadas com as pessoas que aqui deixam suas memórias sobre a terra e sobre o Araguaia, valorizaram-se os depoimentos pessoais que se constituem, segundo H Blumer, em “um relato de experiência individual que revele as ações do individuo como agente humano e como participante da vida social” (BLUMER apud KOSMINSKY, 1986, p. 32).

Depois da conversa com Seu Alfredo, fomos até o assentamento Falcão, surgido, conforme suas informações, a partir de uma demanda de terras local. A maioria dos assentados era gente que já trabalhava nessas terras antes da criação da Vila. Desta maneira, o INCRA comprou a fazenda e iniciou o processo de assentamento das famílias que trabalhavam ali na região no regime de arrendamento das terras, a maioria das quais acabaram ficando.

A Vila Falcão⁹ foi criada em julho de 1996 e está localizada a 40 Km da cidade de Araguatins e a aproximadamente 635 km de Palmas, é a sede de cinco projetos de assentamento, sendo eles: Dona Eunice, Atanásio, Marcos Freire, Padre Josimo e Ronca. Os moradores assentados na região possuem seus lotes destinados ao cultivo da terra e residem no povoado à beira do Araguaia.

O sol ia a pino e o cascalho nos indicava o caminho do Falcão, pontes estreitas que traçavam apenas o espaço dos pneus permitiam a passagem, ao longe o gado pastava sereno em meio aos muitos pés de babaçu de tamanhos vários que

⁹ Coordenadas Geográficas Latitude: W 48° 16'59. 32" Longitude: S 5° 28' 12. 39.

coloriam a paisagem. E não mais do que sete quilômetros nos separaram do Natal, era chegada a Vila Falcão, conhecida na região por suas praias e por suas lutas.

Os telhados das casas se dispunham um ao lado do outro como que uma fila indicando o caminho, ao longe avistavam-se uma escola, a igreja e pequenas portas de metal que em seus interiores guardavam produtos de necessidade primeira. Muitos pés de manga ao longo da avenida principal traziam ripas de madeira que serviam como bancos para conversa do fim de tarde.

Galinhas ciscantes eram o único movimento que a rua revelava, pois até os cachorros, e não eram poucos, escondiam-se dos sol escaldante deitados displicentemente nas sombras do Povoado. Procurávamos a casa de Seu Manoel.

Um senhor mulato, cerca de cinquenta anos, me recebeu na soleira de sua porta, estendeu sua mão aos cumprimentos formais, convidou para que tomássemos assentos em cadeiras de macarrão dispostas lado a lado. Com um jeito sereno, voz mansa e compassada, Seu Manoel Boga, como é conhecido um dos mais antigos moradores da Vila Falcão e atual presidente da associação de moradores, iniciou recordando da época em que recebeu a terra do INCRA, nos idos de 1990.

Como que em uma demonstração de satisfação pungente, falou que no mês de julho de 2013 o assentamento Falcão completaria 17 anos de existência e que haveriam de comemorar com festa na Vila, pois essa data não poderia passar em branco, foi a partir daí que tiveram eles todos um teto para viver e um chão para plantar.

Indaguei Seu Manoel sobre a construção das usinas hidrelétricas – era a primeira vez que falava sobre isso diretamente, desde o início de minhas incursões. Ele fez uma pausa, passou uma das mãos sobre a barriga e me disse que pessoas ligadas à construção da usina estiveram na Vila, haviam informado que algumas das terras cultivadas com a roça dos assentados seriam atingidas e que já houve algumas conversas, mas isso faz algum tempo, mais de um ano e que depois desse último encontro ele não soube de mais nada.

Sem que eu retomasse a palavra Seu Manoel fala de seu sentimento frente à construção.

Agora nesse mês de julho, nós pesca, (sic) nós fica na praia que tem aqui, que é nosso lazer né? Porque o que acontece é que, por exemplo, meu vizinho aqui, meu compadre, Turíbio, passa aqui e fala “Compadre, sábado nós vamos lá no rio”, então nós faz um ranchinho no meio do mato e passa dois, três dias pescando na beira do rio mais ele lá, comendo peixe e vem embora de novo para casa e é nossa diversão lá, na beira do rio, só bondade. E se isso acontecer para nós acabou, não vai ter mais essa bondade, não vai ter mais. (Sr. Manoel, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 16/05/13).

Tomando a fala de Seu Manoel, podemos identificar como se estabelece a relação dos ribeirinhos com a vida do rio e como eles compreendem a dinâmica da paisagem. Conforme relaciona Costa (2008), é pela paisagem que se revela ainda a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como elas vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza, daí se dá, segundo o autor, o vínculo entre a paisagem e o homem, sendo que o lugar se mostra através de sua paisagem.

Entendendo o espaço como algo que permite o movimento, pode-se compreender, então, que o lugar prescinde a pausa, o tempo necessário para o desenvolvimento das ligações de afeto. Observando os conceitos de Yfu-Tuan (1983), o lugar proporciona uma atmosfera de segurança, de estabilidade, mesmo estando o interlocutor ciente da amplitude e da possibilidade de liberdade ligada à ideia de espaço.

O espaço, quando se torna socialmente significativo, transforma-se em lugar, quando há a inscrição de um grupo, ou quando é inscrito sobre o lugar a história de um grupo social. No caso do assentamento Falcão, no Bico do Papagaio, observa-se que os processos violentos de ocupação imprimiram um apego substancial ao território que ocupam, eis que além das memórias, há também as lutas, o suor e o sangue que essas pessoas tiveram de doar, como que fosse o próprio adubo do solo.

A compreensão dos ribeirinhos em relação à natureza é um tanto diversa da perspectiva de quem reconhece os elementos do ambiente como recursos, olhar que empenha um viés econômico à natureza, visão advinda da lógica do capital

comercial. Em face dessa discussão, alguns autores, assim como Fraxe (2004), ponderam que os ribeirinhos desenvolveram uma cultura de profundas ligações com a natureza, laço que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social.

Contudo, mais do que uma relação de uso antropológico, onde o “beiradeiro” sobrevive diretamente do trato com a água, através da pesca, da lavagem de roupas, do transporte fluvial, e para além desses usos, existe um olhar que também é contemplativo, porque a paisagem primeira é o rio.

Retomando a fala de Seu Manoel sobre o rio, podemos entender que a água é um bem da natureza, é uma dádiva enviada por divindades que detêm seu controle e o rio é tratado como uma dádiva de uso coletivo, (DIEGUES, 2005).

Estamos aqui porque achamos bom e aqui temos uma parcela para trabalhar e quando a gente tem uma folgazinha vamos para o rio, pescar, fazer o que eu falei, passar o dia lá no rio pescando e comendo peixe lá. Aí muitas vezes tem parente que vem pra cá só para esse tipo de coisa, né?! Aí a gente vai para lá também. [...] O Araguaia para nós é uma parte do começo da nossa vida também, onde você se diverte, tem como tirar um pouco da sobrevivência também comer a carne de um peixe, então para nós é bom. E se ele faltar, então para nós faltou alguma coisa também (Sr. Manoel, Vila Falcão, Araguatins – TO, entrevistado em 16/05/13).

Ainda segundo os conceitos de Tuan (1983), percebe-se que as pessoas estão mais ligadas ao lugar do que podem supor, e nesse sentindo não se trata de enraizamento, mas que o espaço, o ambiente, é percebido por meio das emoções, pela subjetividade e isso permite que as pessoas tomem para si significativos modos, jeitos de se viver naquele espaço, transformando-o em lugar.

Um exemplo desse processo na comunidade Falcão é a Festa do Piau, como conta Seu Manoel, sempre no mês de outubro os pescadores da comunidade competem para ver quem consegue pescar mais peixes da espécie piau, a competição dura metade de um dia, todos vão para a beira do rio ver quem tira mais peixe, o primeiro lugar recebe como prêmio um motor de barco, conhecido como rabeta, quem organiza a festa é o professor Odailton da escola Municipal da Vila.

A festa é uma brincadeira que as pessoas organizam como deleite às possibilidades que o rio oferece, ou ainda, a forma das pessoas da Vila Falcão de

entender que aquele espaço perpassa pela existência do rio. Nesse caso, pode-se compreender que a ligação que as pessoas têm com o rio vai além dos usos antropológicos, ou seja, da própria subsistência, ou da renda extra no período de férias escolares, na verdade o rio se comporta como um elemento da cultura dessas pessoas. O rio aqui é também um ator social.

Porém, antes que possamos discutir a relação que essas pessoas estabeleceram com o rio, cumpre ainda falarmos da terra como representação do fogo, ou da luta a que tiveram que suportar, para hoje então se orgulharem da morada, do trecho de roça e do rio que os banha.

3.4 Todos Sabiam

Ao ouvir as histórias de Seu Alfredo, pude me reportar a um texto da inglesa Binka Le Breton (1997), onde a autora conta suas buscas sobre o esclarecimento da morte de Padre Josimo Tavares, ocorrida no Bico do Papagaio, em 1986.

Gostaria de falar especialmente sobre esse tema, pois que estive nesses lugares para o aprofundamento dessa pesquisa e ainda vi nos olhos dos que ali vivem o medo de dizer demais sobre os acontecimentos e as silenciosas homenagens que os moradores da região prestam ao Padre morto, como é o caso de um dos PA's [?] levar o seu nome na Vila Falcão. Pude também encontrar pessoas muito importantes para a luta histórica por terras e vi que continuam com a mesma coragem de antes.

Nessa primeira jornada ao Bico do Papagaio estive em Buriti, terra do Padre Josimo, cidade bem pequena, resguardada por casas de telhado baixo, ruas de paralelepípedo. Logo na entrada, avista-se uma feira coberta, alguns metros mais fica a igreja onde estão seus restos mortais.

A igreja é de uma simplicidade cambaleante¹⁰, uma lajota colocada na pequena torre traz o rosto do padre morto há quase trinta anos, as portas de madeira estão sempre trancadas, mas logo em frente à igreja mora uma senhorinha que dispõe da chave sempre que é preciso.

Silenciosamente entrei, não existem bancos, a igreja é tomada por um vazio e cheira solidão, me reportei rapidamente ao universo em que aquelas lutas se deram, especialmente, ao observar um afresco colorido na parede do altar¹¹, não haviam imagens de santos, ou a cruz – sempre esperada para esses ambientes, apenas uma grande pintura tomando a parede.

Essa pintura colorida fala dos dias de luta do padre, junto aos trabalhadores da terra, em seu canto direito mostra também o momento final de Josimo, o sangue escorre manchando a camisa alva, dois tiros cravados no peito do homem. Um saco de dinheiro sobreposto à cena, alerta os motivos que levaram ao crime.

Logo abaixo dessa imagem epopeica existe uma porta que dá acesso ao que teria sido a sacristia da igreja. Adentrando o cômodo podemos ver um grande quadro que estampa a figura de Josimo, em preto e branco, a foto fala da jovialidade que aquele homem carregava. Também no pequeno quatinho, a cripta com o corpo do Padre¹².

É silêncio o sentimento que inunda o momento, na parede uma frase delicadamente pintada em vermelho, com fundo amarelo e arabescos azuis, “Nem o medo me detém. É hora de assumir. Morro por uma justa causa. Pe. Josimo”¹³. Ali, ante a história emudecida e às palavras trêmulas das pessoas com quem conversei, como Seu Alfredo, entendi um pouco da luta pela terra.

¹⁰ Figura 4: Igreja do Padre Josimo em Buriti - TO.

¹¹ Figura 5: Igreja do Padre Josimo em Buriti – To, visão interna.

¹² Figura 6: Sala que abriga o corpo de Padre Josimo.

¹³ Figura 7: Afresco com palavras de Josimo Tavares.

Le Breton revive em seu texto o momento e as atrocidades testemunhadas pelos moradores do Bico do Papagaio e também por Padre Josimo, assim que começou sua jornada, em meados da década de 70,

Para os habitantes do Bico do Papagaio, os bons tempos se dissiparam como névoa da manhã. As pessoas chegavam pela estrada nova como enxames, em busca de ouro ou de uma vida nova. Como os lavradores não entendiam muito bem o conceito de propriedade, era fácil removê-los de suas terras em troca de uma espingarda, uma bicicleta ou um pedaço de papel prometendo algum dinheiro. Os novos donos começaram a cercar a terra e a proibir o acesso ao babaçu. Ocuparam-na e anunciaram que agora ela lhes pertencia apresentando documentos como prova. Todas as famílias residentes foram expulsas, e os que protestavam logo se tornavam alvo de pistoleiros de aluguel (BRETON, 1997, p.34).

O que me contou uma senhora emblemática que conheci pelas ruas de Esperantina, Dona Cota, de olhar docemente azulado e palavra certa, foi da luta grande daquele lugar¹⁴

Josimo toda vida foi perseguido, pois falava a favor da pobreza e você sabe que quem é rico não gosta de pobre, só suor dele que trabalha e levanta ele. E aí a gente andou muito junto e toda vida ele era jurado. E toda vida a gente falava, Josimo não vai andar assim como você anda e ele dizia “Quem nos guarda é Deus, se eu tiver de morrer matado, ninguém tira essa morte”, ontossse, quando a gente lembrava de dar outro conselho a ele, lembrava que ele ia dizer aquelas mesmas palavras, então a gente entregou para aquele pai divino e aconteceu, né? Mas é assim mesmo [...] Porque se não fosse ele ter trazido essa signa de ter sido uma pessoa do lado do povo fraco ainda hoje ele estava vivo, pois é, mas ele dependeu de lutar do lado dos fracos e os grandes, ó, cacetaram. E eu estou por aqui e aí me lembrei de ir embora lá pra onde mora minha filha que ela mora lá adiante de Carolina 45 légua, mas eu digo eu vou ficar é aqui aonde o Josimo pisou e trabalhou e tiraram a vida dele e não vou sair não, só quando eu for para o cemitério, se não ser é aqui, tem a barraquinha, tem os filhos (Dona Cota, Esperantina – TO, entrevistada em 19/05/13).

Para entender o que essas pessoas enfrentaram ao resistir em suas terras, é preciso tão mais entender o que permeou suas histórias pessoais. No texto de Breton a fala de um de seus entrevistados, Padre Miguel, demonstra a ruptura no

¹⁴ Figura 8: Dona Cota em sua casa, Esperantina – TO.

modo de vida de antes, frente à violência que se instalou quando da ocupação das terras

Até recentemente eles viviam numa economia de subsistência. Sempre houve caça na floresta e peixes no rio. Plantavam um pouco de arroz, um pouco de mandioca e estava resolvido. Não precisavam de muito para sobreviver. Se ficassem doentes usavam ervas medicinais. Viviam da terra e estavam satisfeitos. De repente, tudo mudou. Não tinha mais floresta, não havia o que caçar. Tinham que comprar carne e remédios, mandar os filhos para a escola, comprar roupas e material escolar. Em vez de usar lenha, eles tinham que pagar por eletricidade e gás. Tinham que ter dinheiro. A terra que costumava sustentá-los não mais o fazia. [...] O capitalismo havia chegado (BRETON, 1997, p.64).

Ao se depararem com tamanha precariedade e a nova dependência da moeda, os lavradores se tornaram alvo muito mais fácil de grileiros e latifundiários. Também não conseguiam perceber muito como proveriam o sustento de suas famílias, às vezes entregavam suas terras pelo mínimo de dinheiro, ou como descrito anteriormente, por utensílios domésticos, na ilusão de conseguirem alguma forma de subsistência fora dali.

Nesse contexto, alguns dos religiosos da igreja Católica, incluindo Padre Josimo, tentavam politizar a consciência dos trabalhadores rurais de que a terra poderia prover o alimento, a subsistência, um *lugar* e uma maneira outra de se viver. Porém, para isso, teriam de lutar pelas terras, resistir ainda que fossem mandados para fora e ameaçados, só com união e resistência, conseguiriam permanecer. Ainda nas palavras de Maria Senhora, depoimento contido no texto de Breton (1997, p. 89), “Gente desesperada faz qualquer coisa para defender suas famílias e, afinal, sempre vence”, havia uma esperança contínua, mesmo para aqueles que se encontravam no limite da sobrevivência.

É desse trecho da história que Dona Cota falou, da resistência, por isso ela insistiu em me dizer que não sairia de Esperantina a menos que fosse para o cemitério, seria mesmo difícil que essas pessoas, depois de tantas lutas, sangue e lágrimas, tivessem de abrir caminho para dar passagem às águas de um reservatório, em verdade, elas não acreditam que isso possa acontecer, guardam sempre a esperança tardia que tudo não passe de uma especulação sem

fundamentos, pois que aquela terra ali guardava muitas histórias para simplesmente ser encoberta. Amar aquele lugar para o povo do norte seria o que Bachelard definiu como

Amar uma paisagem solitária, quando estamos abandonados por todos, é compensar uma ausência dolorosa, é lembrar-nos daquela que não abandona... Quando amamos uma realidade com toda a nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança (BACHELARD, 2002, p. 120).

A lembrança dos dias de fogo e quando digo fogo não me refiro apenas às balas que atingiram o peito do Padre, mas também às Vilas inteiras que foram queimadas pelas mãos dos jagunços para que famílias desistissem de suas moradas, de suas roças e saíssem com as roupas do corpo, deixando para trás a terra que alguém apresentava uma escritura qualquer.

Então, o fogo, é pelas casas, pelas balas, enfrentamentos e pelas provas que tiveram de suportar os que ficaram e também os que foram, aqueles que de alguma maneira residem em cada palmeira de babaçu do lugar, não se poderia falar do Bico do Papagaio sem suscitar uma dor profunda.

A terra lhes é tão importante, porque existe um choro contido que fala de toda brutalidade a que foram expostos e isso ainda está escrito de maneiras mais simbólicas do que antes nas janelas de Buriti, ou na entrada da igreja de Josimo, não se trata apenas de falar de um momento na história, mas da história dessas pessoas.

Ao debruçar-me sobre a memória coletiva, encontro em Halbwachs o que motiva a lembrança sempre viva do lugar

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e víamos, que vemos, ainda agora no momento em que o (HALBWACHS, 2003, p. 41).

As imagens do lugar desempenham um papel central na memória coletiva, uma vez que o local recebeu a marca de um grupo e todas as ações desse grupo podem ser traduzidas em termos espaciais. Para o autor, cada aspecto, ou detalhe do lugar,

tem um sentido acessível aos membros do grupo porque todas as partes do espaço ocupadas correspondem a outros tantos aspectos diferentes da história e da vivência desse grupo.

Pois caberia aqui dizer então que o Bico do Papagaio seria mais que a imagem suprema dos rios que se encontram eternamente, Araguaia e Tocantins, a confluírem em vastidão de água, mas seria também toda a história, as dores deixadas pelos que se foram e a lembrança intrínseca daqueles que ainda vivem o cenário de sempre.

A memória coletiva das pessoas que ali vivem foi construída por meio dos acontecimentos que criaram a ideia do lugar e reside nas palmeiras de babaçu, açai, ressurgem entocadas no meio das matas, nos caminhos cheios de poeira e também na correnteza pungente dos rios.

Gratão (2007, p. 98), ao tomar o conceito de lugar como o centro de significância, o ponto focal de ação emocional do homem, revela que “este sentido do lugar se dá pela apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente”.

A mesma autora, ao refletir sobre Dardel, endossa que, antes de qualquer escolha, existe esse lugar que não escolhemos, onde afeiçoa-se o alicerce de nossa existência e, sobretudo, de nossa condição humana. Nesse aspecto, também poderíamos entender que a luta de todos e o respeito à palavra do Padre que velava pelos agricultores foi um modo de uni-los em sua escolha pela terra

Quando a gente ama uma pessoa de coração não tem medo de morrer, o Josimo foi uma pessoa que era para mim um filho, daqueles mior que Deus tinha deixado no mundo e aonde ele entrasse e eu pudesse entrar, não adiantava não, eu entrava, nem que morresse. A gente não teme mais a morte a gente não teme nada, a gente confia naquele pai divino e faz o serviço que a gente tem vontade (Dona Cota, Esperantina – TO, entrevistada em 19/05/13).

Ao me dizer isso, Dona Cota tinha os olhos firmemente abertos, cintilavam diretamente na direção dos meus, foi com a convicção de uma rocha que ela me disse o quanto havia amado aquele Padre e, de uma maneira indireta, contou o

quanto se orgulhava da luta que havia travado em nome de sua resistência de sempre.

Quando perguntei sobre a possibilidade de construção da barragem, ela prosseguiu com a mesma convicção

Hoje eu não digo mais nada porque eu não posso mais andar, agora se eu pudesse andar eu te dizia [...] de qualquer maneira eu não estava nem mais aqui hoje, ia caçar direito se a gente tinha ou não, mas quem pode... Quem não pode se sacode. [...] Assim como Josimo não saiu daqui, um lutador de fé tem que ficar, eu to na minha casinha, eu não ando brigando por terra que não vou mais trabalhar nela, ontossse, de qualquer maneira onde a gente tá, que a gente fica e vamos ver o que vai acontecer. Essa terra aqui para mim é vida, pois foi onde eu criei meus filhos [...] e eu estando na terra que Deus me deu e eu criei meus filhos, aqui eu coloco o pé na parede e digo que Deus permitir sair da minha boca, em terra alheia eu não mando nada, mas aqui é terra minha, o pedacinho de terra que Deus me deu e a luta que o pai divino me dá coragem. Valeu a pena a luta, porque de qualquer maneira nos venceu muitas coisas, foi muitas vidas e muitas pessoas que a gente amava (Dona Cota, Esperantina – TO, entrevistada em 19/05/13).

Tuan (198, p.14), ao discorrer sobre a ideia de lugar, diz que embora não seja uma coisa que podemos facilmente manipular, levar de um lado ao outro, é mesmo assim uma classe especial de objeto, é a materialização de valores, ou, em suas palavras, “é um lugar onde se pode morar”.

O sentimento de pertencimento a um lugar estabelece-se a partir do momento em que o conhecemos intimamente, embora sua imagem possa não ser tão nítida. Para o autor, uma característica humana é a possibilidade de apegar-se apaixonadamente a lugares, pois também possuem a capacidade de produzir símbolos sobre o que é material.

Em Halbwachs percebemos que quando um grupo social vive por muito tempo em um determinado local, seus pensamentos e movimentos se regulam pela sucessão de imagens materiais que os objetos exteriores representam. Ao que ele diz “os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais” (HALBWACHS, 2003, p. 162).

Assim, pudemos perceber nas memórias de Dona Cota, quando ela nos fala de seu amor pelo Padre ali morto e projeta todo o sentimento de pertencimento àquele lugar, inspirada pela luta travada que em sua memória se traduz através de imagens da paisagem do Bico do Papagaio.

Para além das noções de pertencimento, existe a relação estabelecida entre os moradores e a vida do rio¹⁵, até mesmo nas histórias de Padre Josimo percebemos o quão íntima é a ligação dos ribeirinhos com a água. Breton entrevista Domingos acerca da morte do padre e lhe pergunta como ele se despediu de Josimo logo após sua morte

Josimo e eu sempre íamos nadar no rio em São Sebastião. A gente flutuava rio abaixo, juntos. A gente nadava bem. Tem uma coisa de símbolo com a água, não é mesmo? Água do batismo, água da vida... E a água é uma coisa muito importante no Bico do Papagaio. É uma terra entre dois rios, e o povo que veio para cá estava fugindo da seca. Tem muita lenda no sertão sobre a Terra Prometida que fica do lado do pôr-do-sol e da mata grande. Josimo era do povo do rio. Tinha muita afinidade com os rios. Costumava chamá-los de símbolo da vida. Até me falou uma vez que quem é enterrado perto do rio passa para a água e dá vida nova à terra. Então naquele dia, depois do enterro, fui para o rio falar com Josimo. Eu disse: “Ai, Josimo, depois de tudo isso, você está aqui perto do rio. Teu espírito vai passar para as águas desse lugar. Tu vai ser parte dos rios que dão vida a esta terra e vai ser lembrado para sempre”. Senti que tinha que ir dizer aquilo para Josimo. Tinha que ir lá na beira do rio. Foi minha despedida (BRETON, 1997, p.64).

¹⁵ Figura 9: Moradores do Bico do Papagaio durante banho no Araguaia, Esperantina – To.

4 NARRADORES DO ARAGUAIA: A estada na Vila Falcão

Nessa parte do texto, busquei traçar as nuances que percorrem a ligação dos ribeirinhos com o rio Araguaia, me aproprio nesse ponto da discussão dos conceitos da psicanálise, em seu olhar sobre a imaginação da matéria. O ponto focal aqui é compreender qual elemento em si leva as pessoas a se afeiçoarem aos elementos da natureza, tendo-os como um personagem em suas vidas, alguém com quem convivem, conversam e esperam.

Para isso parti da ideia do que é a água dentro da perspectiva das sociedades tradicionais e tomei acontecimentos por mim vivenciados no Povoado Falcão, para então sondar a ligação extensa e sempre sinestésica das pessoas e os corpos hídricos.

Estando outra vez em Araguatins, me dirigi ao Assentamento Falcão, era de manhã, aportei na casa de dona Lucilene e Seu Agnaldo. O local servia também de pequena venda, o Comercial Trajano¹⁶. Fui recebida pelo próprio senhor Trajano, que se apresentou e disse já estar me esperando. Pediu que eu me colocasse à vontade, como se da casa fosse.

Ficamos por ali tentando nos conhecer, entre silêncios e palavras, foi um entendimento importante. Na soleira da porta de Seu Agnaldo estavam muitas crianças, brincavam com lápis e cadernos, ali as crianças não tem brinquedos eletrônicos, celulares, se ocupam dos papéis da escola, escrevem, conversam e riem muito. Queriam saber de mim, de onde vim e porque ali estava, respondi algumas coisas, outras um sorriso bastou como resposta.

Seu Chico Cândido foi encostando, veio para uma palestra com Seu Agnaldo, já nos conhecíamos, me viu, sorrimos um para o outro e ele puxou a cadeira, chamou para o debate. Lembrou o dia que estive na casa dele perguntando sobre a barragem, depois de nos certificarmos que tanto eu como ele estávamos bem.

¹⁶ Figura 10: Comercial Trajano, Vila Falcão.

Perguntei de sua esposa, dona senhora de cabelos brancos e fumo de rolo entre os dedos, Seu Chico contou que sua esposa estava no riacho lavando uma roupa.

E por ali fomos falando da força que Seu Chico não tem mais para o trabalho, contou que esteve doente, que já não conseguia trabalhar como antes, mas que gosta do Falcão, dezoito anos que mora aqui.

Falamos sobre a vida de Seu Chico, rimos, contou de sua aposentadoria que não saiu ainda e então Seu Agnaldo olhou no relógio, levantou dizendo que iria ao Cândido pegar um saco de roupa, dona Lucilene estava esperando. Rápido ele foi e voltou, um saco enorme de roupas limpas trouxe. Menino Neto, filho de dona Lucilene, foi incumbido de estender no quintal.

Seu Agnaldo convidou para um banho no córrego Cândido, se prontificou a me levar em sua moto e assim fomos. Chegando lá haviam muitas senhoras em meio a buchas e bacias cheias de roupa, também as crianças, meninas, brincavam na água enquanto suas mães e avós batiam a roupa nas tábuas, estrategicamente dispostas para facilitar o trabalho. Água ia até a cintura, enquanto lavavam roupa também se refrescam. Dona Lucilene me contou, enquanto batia na tábua os lençóis de casa, que existe poço no assentamento, mas as mulheres preferem lavar roupas no Cândido, a água é fria, lava a roupa e junto o corpo¹⁷.

Dona Lucilene prosseguiu, havia acabado de terminar a reforma de sua casa, como sempre trabalhou na casa de outras pessoas como doméstica, nunca imaginou em sua vida que teria uma casa como a dela, tão boa. Relatou que sempre viveu de aluguel, ou com outras pessoas, que agora, todo dia ao se deitar, agradecia em silêncio.

Lavou duas bacias grandes de roupa enquanto falávamos, disse que sabia da existência da barragem e que era uma pena, pois como ficariam as praias? Nessa época do ano, disse ela, a Vila vive da praia, muita gente vem de fora, fica

¹⁷ Figura 11: Mulheres lavando roupa no córrego Cândido.

acampada no rio Araguaia e, para os pescadores, ela me perguntou como seria, pois afirmou que no Falcão existem muitos, a maioria deles pesca para se alimentar.

Nossa conversa foi boa, as outras mulheres foram amáveis, vieram também conversar comigo, falávamos da água fria que o córrego tinha e da quantidade de roupa que lavavam, uma senhora que ali estava me contou que tinha seis filhos e por isso eram tantas roupas a serem lavadas. Saímos de lá, ficaram apenas a senhora de seis filhos e sua mãe.

Conforme relatada Diegues (2005), a água para as sociedades tradicionais é entendida como um bem comum e advindo da natureza. Embora o seu uso seja polivalente, vez que serve para beber, irrigar e lavar, ainda assim é menos diversificada que nas sociedades urbano-industriais.

Ao observarmos as mulheres da Vila Falcão servindo-se do córrego Cândido, tributário do rio Araguaia, nos deparamos exatamente com a ideia de que aquele espaço é coletivo, um bem que pode ser acessado por todos sem a necessária relação comercial, entendida nas sociedades urbanas como o fornecimento de água mediante o pagamento, pois no universo urbano a água é percebida como recurso, e por consequência, capitalizada e administrada¹⁸.

Nas sociedades tradicionais a água, incluindo rios e lagos fazem parte de um território e um modo de vida, base de identidades específicas (caboclos, quilombolas, entre outras) ao passo que nas sociedades modernas a água, como bem de consumo, é desterritorializada, canalizada de outros lugares muitas vezes distantes, com os quais as populações urbanas têm pouco ou nenhum contato (DIEGUES, 2005, p. 2).

Outro aspecto discutido pelo autor é o papel feminino nas sociedades tradicionais em relação à água, como pude observar, as mulheres estavam reunidas e traziam consigo suas filhas para a lavagem de roupas no rio, não haviam homens, eles iam apenas em suas motos pegá-las e deixá-las com os sacos de roupas. É notável que em sociedades tradicionais a mulher tem uma relação estreita e forte com a água, tanto em relação ao seu uso, como por sua busca.

¹⁸ Figura 12: Menina durante a lavagem de roupa no Cândido.

Mas que a Vila tem um barulho de vento batendo nas folhagens, de rede que balança e, vez ou outra, um zumbido de motocicletas circulantes. Depois do almoço todos procuram uma rede para se aquietarem, o sol é muito, cansa a vista, as janelas das casas na rua de dona Lucilene estão sempre fechadas, será o sol?

Na Vila, as casas são todas iguais, construídas, em sua maioria, pelo INCRA, duas janelas na frente e uma porta na lateral, telhados de telhas de barro indicam de longe as ruas de chão, não há quase árvores nas portas das casas, mas muitos pés de manga nos fundos dos quintais¹⁹.

Durante a semana, caminhão cheio de produtos passa por entre as ruas, vendedores anunciam capas de sofás, cadeiras, panelas, oferecem de porta em porta. Uma Senhora da esquina responde ao vendedor “Eu não quero comprar é nada, já comprei minha casa”, ele sorrindo agradeceu e se foi.

Nessa tarde ensolarada, seu Antônio Noronha, pescador e pastor, passou para uma conversa, disse que morava no povoado há mais de dezessete anos, falou também que sempre sai para pescar, quase todos os dias vai ao Porto do Falcão e joga sua rede, lá pesca algum para o de comer e também vende para pessoas de fora.

Perguntei se tem saída a venda de peixes no povoado, ele me disse que não tem, é muito difícil, pois aqui todos são pescadores, ao invés de comprar, as pessoas vão ao rio e pescam o próprio peixe.

E sobre a construção das Usinas, UHE's Marabá e Santa Isabel, me disse que já tinha escutado falar sim, mas que não sabia se ia sair, pois que já havia muito tempo que representantes da obra não andavam por ali. Mas adiantou-se em dizer que seria muito ruim, caso houvesse a construção, pois que a maioria das pessoas do Falcão pesca e, para a pesca, o início da barragem é muito ruim, não tem peixe, como essas pessoas iriam sobreviver? Haveriam indenizações?

¹⁹ Figura 13: Rua e casas da Vila Falcão.

Seguimos nossa conversa falando sobre os peixes, contou que ano passado ia todo o dia para o rio, hoje diminuiu mais, vai cinco dias por semana, quando o boto não pega a rede. Seu Antônio Noronha disse que aqui tem muito boto e quase sempre arreventava a rede de pescar, normalmente abocanha os peixes todos e quando isso acontece, pode desistir de pescar naquele dia. Uma vez que o bicho é esperto e fica esperando a rede novamente.

Sobre a existência do rio em sua vida Noronha afirma, “é tudo, para dizer a verdade, porque era do Araguaia que tiro meu sustento, sem o Araguaia como ficaria?” E silêncio, pois que ninguém sabe muito bem se haverá usina aqui, é conversa antiga, todos pensam como será, mas dentro de si guardam uma esperança que os construtores tenham se esquecido daquela parte do rio.

Logo depois dessa palestra, chegou em casa de dona Lucilene, seu Jorge, oleiro no povoado, trabalha na beira do rio, faz tijolos para vender. Conversamos sobre o rio. Sobre o Araguaia disse que era muito importante aqui, pois oitenta por cento das pessoas só estavam nesse Falcão por que existe o rio e ele também, que nessa região não havia nada, sem o rio aqui, seria muito mais difícil.

Seu Jorge é moço jovem, moreno, tem os dentes brancos, estava vindo da beira do rio, disse que faz cerca de setecentos tijolos por dia, o trabalho é pesado, mas que é ali que ele tem possibilidades de trabalho. Saiu anteriormente para outros lugares, mas acabou voltando, ali encontrou um meio de garantir sustento para sua família.

Ele, que era um moço jovem, tinha ido à venda de dona Lucilene comprar mantimentos, depois de uma breve conversa, me convidou para conhecer sua olaria no rio, desejava me mostrar como é o trabalho. Despediu-se e partiu.

Fui até o Porto do Falcão²⁰, comentava-se que estavam sendo montadas as barracas para a inauguração da praia do povoado no sábado, uma banda era

²⁰ Figura 14: Porto do Falcão.

esperada, viria muita gente e alguns moradores da Vila venderiam bebidas e alimentos para os turistas.

A praia acontece do outro lado do rio, em território paraense²¹, bem em frente ao Porto da Vila, essa época do ano, se forma uma extensa faixa de areia, o rio diminui suas águas e dá espaço a uma areia branca, que faz barulho quando se anda sobre ela.

Os moradores estavam atravessando palha de babaçu de uma margem à outra. Do outro lado, a levantada de madeira se adiantava, era hora de cobrir com palha, finalizando a estrutura. No Porto do Falcão muitas mulheres e crianças, panelas, caixas de isopor com água e cerveja fresca, esperando que as canoas viessem para embarcá-las. Levariam água para os maridos que trabalhavam sob o sol escaldante.

Embarcamos em uma canoa cheia de palha, meu companheiro, Neto, rapazinho de quatorze anos, foi em cima do monte de palhas, rapidinho atravessamos o rio.

Uma vez na outra margem, os trabalhadores seguiam montando as estruturas, cobrindo com palha²², cortando madeira, apenas uma, das quatorze barracas a serem construídas, estava pronta. Observei. Trabalhavam um pouco, o sol era muito, queimava a pele, por isso eles faziam uma breve pausa e iam ao rio, ficavam um tanto de molho, refrescando o corpo para continuar o trabalho.

A faixa de areia é muito grande, a praia ostenta uma areia tão fina. Ao pôr do sol conversei com Rogério, ele estava montando a barraca para vender bebidas, sua irmã organizaria coisas para comer. Disse que dali a dois dias tudo teria de estar pronto, pois o palco seria montado e então começaria a temporada de praia, esperava muita gente para o Araguaia nesse julho.

²¹ Figura 15: Estrutura da Praia em solo paraense.

²² Figura 16: Mulher na Palha.

Rogério disse que trabalhava em uma oficina que repara bicicletas, mas que saiu e iria ajudar a irmã na praia para ganhar algum dinheiro extra. Perguntou-me se eu era da empresa responsável pela obra da Usina, eu disse que não, mas que estava pesquisando a esse respeito. Emendei o assunto, perguntando a ele o que achava do rio Araguaia. Ao que disse “é bom demais, muito bonito” e que não era a favor da construção da usina, que muito embora fosse bom porque gerava mais energia, era também ruim porque muita gente ficava sem casa, “como faria com esses ribeirinhos todo aí?”.

E a própria Vila Falcão que tinha na temporada de praia uma renda a mais para as famílias. Então se fosse para ele escolher, era contra a construção, mas que ele também não pode decidir nada.

Depois de nossa conversa, Rogério arribou o pé, foi ao rio, tomou um longo banho, lavou a camisa que estava suja do trabalho, bateu no Araguaia para dissipar a sujeira, pegou a canoa, ajeitou a rabeta e como já era fim de tarde, nos chamou para a travessia do rio, na praia em construção não ficaria ninguém. Fomos embora e também o sol.

Os galos da Vila anunciavam que um novo dia raiava, o Falcão levantava. Os galos anunciam o novo dia, como disse João Cabral de Melo Neto. Assim como um galo lança a outro seu grito e esse outro o lança novamente, a manhã se compõe. E com o canto de outros galos “que com muitos outros galos se cruzem/os fios de sol de seus gritos de galo/ para que a manhã, desde uma teia tênue/ se vá tecendo, entre todos os galos” (MELO NETO, 1994).

Essa imagem poética também se apresenta nos modos e burburinhos das pessoas. Às sete da manhã todos estavam nas ruas, circulavam de bicicletas, procuravam o comércio para comprar algo para a primeira merenda. E logo cedo, fui da Vila até o rio, caminhada de dois quilômetros, mas como o sol ia ainda fresco não foi tão duro.

Vi alguns trabalhadores que seguiam para suas roças e crianças que acompanhavam. Desci a ribanceira que separa o Falcão do rio, muitas motos

passavam, deixando para trás uma nuvem de poeira. A estrada era longa, boa parte dos habitantes do Falcão dispunha de motocicletas para os trajetos corriqueiros, ou bicicletas. Não é fácil ter de caminhar sob sol tão desafiador, os pés ficam cansados e empoeirados. O solo é de cascalho, mas a paisagem ajuda o corpo e a alma a esquecerem das dificuldades. Eu estava começando ali, naquele longo caminho, a entender porque a água, quase que como uma entidade, era tão importante para aquelas pessoas.

Eu ia ao rio me encontrar com Seu Luizinho pescador e Seu Agnaldo, estavam na margem, conversaria com eles e aproveitaria a pescaria. Ao chegar, já tinham lançado a rede. Alguns poucos peixes tinham sido pegos, aguardavam mais um tempo para conferir a rede outra vez.

Seu Luizinho ia na frente, Seu Agnaldo remava, os dois comentavam que o boto chegou lá para atrapalhar pouco antes, que já tinha tirado os peixes da rede e que a pescaria entristeceu.

Ainda assim, pouco depois, conseguiram pegar mais peixes, começaram a retirar a rede. Enquanto isso, Seu Luizinho falava do Araguaia, que não sabia viver se não fosse à beira daquele rio, que era muito bom. No rio pescava um peixinho, chegava em casa para o almoço e a mulher cozinhava, todos comiam.

Quando ele conheceu o Araguaia, há mais de quarenta anos, existiam muitas árvores grandes na beira-rio, agora, com o desmatamento que as pessoas fazem, ele não vê mais as árvores grandes e as poucas que restam estão caindo.

Luizinho nos falou que ficaria muito triste se acaso fossem construídas usinas ali, “por que como seriam as praias, né?” Para ele o rio é a maior riqueza dessa região, é bonito demais e ele não passa um só dia sem admirar o tamanho do Araguaia, gosta de olhar para rio, que é grande.

Para Bachelard (2002), os traços objetivos da paisagem são insuficientes para explicar o sentimento que trazemos frente a natureza, quando profundo e

verdadeiro. Não é o conhecimento do real que nos faz amá-la, é um sentimento que se constitui do valor fundamental e primeiro.

O autor revela que começamos a amar a natureza sem conhecê-la, ou em suas palavras “sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures”. Depois desse primeiro sentimento, procuramos a natureza em detalhe, porque, como considera, amamos em geral sem saber por quê e a paixão com que entusiasmadamente descrevemos essa natureza é a maior prova de que olhamos com paixão (BACHELARD, 2002, p. 119).

E se o sentimento de natureza é tão duradouro em certas almas é porque ele se fundamenta na origem de todos os sentimentos, que Bachelard (2002) atribui ao sentimento filial, ele considera a natureza para um homem adulto como uma mãe imensamente ampliada. Refere-se ao fato que, sentimentalmente, a natureza é a projeção da mãe.

Voltando à margem do Araguaia, aportamos, canoa ancorada e quando nos viramos para subir, um grupo de crianças que veio correndo de cima do morro se lançava na água, alguns com coletes salva-vidas, outros vinham munidos apenas de seus sorrisos²³.

E foi uma alegria só, riam e pulavam dentro da água, não se cansavam, o som da risada das crianças lembrou o quanto pode ser pueril a ligação entre as pessoas e o rio. Olhava de longe, mas ainda assim me chamaram para seguir com eles, mostravam-se inebriados com o banho, um deleite aos olhos, mas, sobretudo, aos ouvidos.

Ao subir o Porto do Falcão avistava-se uma fogueira, dona Nalva comentou que esperavam os maridos com os peixes frescos do rio, iriam ficar ali o dia inteiro, as crianças na água, as mulheres debaixo das árvores com os bebês e os homens pescando. Outra senhora carregando um bebê se adiantou, “aqui não tem parque,

²³ Figura 17: Crianças brincam no Porto do Falcão.

não tem praça, não tem outra distração, a nossa diversão é o rio e quando chega mês de julho, nós ficamos direto aqui, para as crianças brincarem...”.

Ao tomar posse dos conceitos da psicologia da imaginação material para compreender o que une profundamente as pessoas e o rio, deparo-me com as concepções de Bachelard (2002) de que a água, para a imaginação material, é como o leite materno, um alimento completo. O autor justifica sua afirmação ao reconhecer que a imagem não tem seu princípio e sua força no elemento visual, para ele o espectador – aquele que admira as águas de um rio – está mergulhado em uma felicidade física e tão segura, que o leva a lembrar-se do mais antigo bem estar, do mais suave dos alimentos.

A imaginação da superfície verá branco o que é amarelo, porque a imagem material do leite é bastante intensa para continuar no fundo do coração humano sua lenta progressão, para acabar de realizar a paz do sonhador, para dar uma matéria, uma substância a uma impressão ditosa. O leite é o primeiro dos calmantes. Portanto a paz do homem impregna de leite as águas contempladas (BACHELARD, 2002, p. 126).

Não se trata dizer, ao entender que o espectador vê a água de um rio como o leite materno, que a torrente desse rio apresenta-se branca, escumosa, mas que as semelhanças estão diretamente ligadas ao plano da imaginação da matéria, a cor ou a textura, nesse caso, não é nada quando a imaginação material se apropria de seus elementos mais primitivos. Para o autor, o imaginário não encontra suas bases nas imagens, mas é preciso que haja uma presença mais próxima, mais envolvente e material, como a que observamos nos relatos aqui dispostos, em Seu Luizinho, onde a paisagem primeira é o rio, e nas crianças, sendo o Araguaia o braço materno e balsâmico que abriga as travessuras.

Subindo em direção à Vila, avistei a olaria de seu Jorge, cheguei para um descanso, quando em sua palhoça, o vi acabando de amassar o barro, já eram dez e meia da manhã, ele ia tomar um banho no rio, se lavar e seguir para casa, almoçar, viria depois, já feito, para colocar o barro nas formas e deixar os tijolos a secar.

Sentamos debaixo do chapéu de palha da olaria, ele em uma ripa, eu em outra. Trabalhava ali no silêncio todos os dias, sua rotina era amassar o barro com os pés, deixá-lo separado, para então começar a forjar os tijolos e colocar fogo. Esteve pelas bandas de Goiânia há um tempo, mas recebia dinheiro que apenas dava para comer e trabalhava em ofício ainda mais duro que a olaria. Decidiu voltar.

Quando do retorno, roçou aquele terreno, que é de propriedade da Marinha e começou a empreitada com os tijolos. Na seca, alcança até dois salários mínimos vendendo tijolos para as vilas próximas ao Falcão e só trabalha por encomendas. Não acredita na construção das Usinas, as pessoas falavam mesmo, mas que nunca acontecia, demorava demais para um projeto desse sair, mais de vinte anos. Mas se saísse, teria ele de arrumar outro meio de viver, pois não sabe de boas coisas depois da implantação de usinas hidrelétricas, a exemplo da de Tucuruí, no Pará.

Para Bachelard (2005), a casa é um canto no mundo, porém, antes disso, o primeiro universo, reconhece o autor que a vivenda é um verdadeiro cosmos, em toda acepção do termo. Em suas reflexões o autor diz que, vista intimamente, a mais humilde moradia é, sobretudo, bela, pois reside nela a poética do espaço.

Bachelard avalia que os valores do espaço habitado revelam concretamente o não-eu que protege o eu, o autor vai além quando diz que qualquer lugar habitado traz a essência da noção da casa.

As palavras foram raleando, raleando. Despedi-me e fui de moto da olaria até a casa de dona Lucilene. Matheus, mocinho sorridente que me acompanhou durante o dia. Era quase hora do almoço, as casas tinham as portas e janelas abertas e exibiam televisões ligadas, no povoado tem uma antena grande de televisão, todos assistem, mas telefone não pega, não há sinal.

Seu Raimundo Nonato, conhecido na vila como Cochilão, ele que é pescador de muitos anos, chegou à tarde na casa de dona Lucilene para um debate, queria falar sobre a construção da barragem, saber se haveria mesmo. Iniciamos a palestra com calma, ele me disse do quanto gostava do rio Araguaia – “Eles podem matar

um montão de peixe fazendo uma barragem, nós quando pescamos na Piracema, faltamos é ir pra cadeia...”. Essa fala de Seu Raimundo lembrou a impotência que essas pessoas daqui sentem em relação ao barramento do rio. E finalizou, “quando os poderosos querem fazer alguma coisa, ninguém segura”.

Conhece o Araguaia de muito tempo, sempre morou na beirada de rio, pescando, plantando, desde que assentado pelo INCRA, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Sempre foi de trabalhar no rio, antes de vir para o Falcão, passou algum tempo no rio Teles Pires, no Mato Grosso, labutou com garimpo por alguns anos, quando solteiro. Depois veio para a Palestina, acabou com seu pedacinho de chão na beira do Araguaia, desde então tinha o pasto, a roça e quando não está na lida da lavoura, pesca.

Trabalhou na cidade de Araguatins carregando pessoas, pilotando lanchas, conhece cada recanto do rio, as cachoeiras famosas da Mãe Maria, lugar perigoso, onde muitas pessoas morreram. Nas cachoeiras de Santa Isabel transportou pessoas. Antigamente a estrada era o rio, os barcos iam e vinham com pessoas, cargas e animais, não haviam estradas pela região, os poucos recursos que hoje existem demoraram a chegar.

Seu Cochilão sabia da construção da Usina, andou com os representantes da obra na região, conhece cada marco que plantaram por ali. Empunhava uma cartilha sobre os impactos e como a empresa responsável faria para diminuir os transtornos, na pequena cartilha estavam as respostas das principais perguntas, mas não a solução para o rio que não será mais o mesmo.

Deu-me a cartilha, pediu que levasse. Ele que é senhor muito distinto, forte, pessoa observadora, atenciosa, olhando o horizonte contou que pensava que já nem fossem mais construir essa tal de usina, pois que esse pessoal já não andava por lá há mais de dois anos.

Embora a construção da barragem seja sempre comentário entre as pessoas do povoado, ninguém tinha ideia de como seria mesmo e, principalmente, quando seria. Mesmo que algumas reuniões já tivessem sido realizadas no Falcão, os

próprios anunciantes da UHE Marabá não sabiam quando e como se daria a inundação.

Em conversa com essas pessoas e também observando os passos delas, percebi que tem grande apreço pela morada, pelo pedaço de chão que obtiveram para viver, são pessoas abandonadas pelo poder público, sobrevivem do suor e das lágrimas. Os homens labutam muito em roças e com o rio, as mulheres com a casa, as crianças e sempre ajudando os maridos.

As pessoas do Falcão não tem muitos recursos e nem um tipo de lazer. Só dispõem de televisões, alto-falantes que tocam músicas sertanejas e hinos evangélicos, e as ruas empoeiradas.

Para as mulheres resta a vontade de lavar roupas no rio, mesmo que para isso tenham que andar quase dois quilômetros, para os homens o rio também é um recanto de paz, de contemplação, de beleza, de cuidado com a família, porque se obtém o peixe e uma sensação de liberdade, de potência, quando o motor de rabeta corta vagarosamente o espelho d'água.

Seu Raimundo Nonato fez algum silêncio, as pessoas aqui às vezes ficam mudas, faltam-lhes as palavras, o som do vento completa a frase, a presença completa o sentido do que se queria dizer, há também um teor de violência nas pessoas, não diria violência em sentido estrito, mas uma violência simbólica. As mães gritam com seus filhos, exigem presença e trabalhos, a vida é dura até mesmo para as crianças. É difícil ser gente em um lugar assim, tudo é especialmente pesado, trabalhoso, exige muito suor, mas a televisão fala de um mundo diferente, colorido. No sertão existe o desgaste do sol nos olhos, as tardes são longas, empoeiradas e monocromáticas.

Assim que encerrada a conversa, as meninas da rua iam ao Cândido, se banhar e lavar os cabelos. A tarde se fazia quente, elas levavam sacolas de plástico, xampus e cremes, pentes e toalhas. Fomos andando, a ida foi em silêncio, reclamaram da distância, mas logo silenciavam novamente. Vez ou outra passava

uma moto, deixando um rastro de poeira que bravamente cortávamos, os pés ganhavam cor avermelhada.

A chegada à água depois de uma caminhada de meia-hora, cansaço e suor escorrendo pela face. O Cândido estava para elas, não havia ninguém lá. Se adiantaram, correndo e pulando para dentro da água gélida. Uma garota, Érica, menos corajosa ficou para trás, sentou nas tábuas de lavar roupa, esperou, disse que não tinha coragem, a água era fria demais, as outras já foram molhando os cabelos longos e brincando, abrindo suas sacolas, retirando os pertences, uma ajudava a outra.

Dona Lucilene também foi, lavou os cabelos da filha, passou pente fino, pediu que a menina mergulhasse, ensaboou novamente e depois ordenou que tirasse a espuma, dizia ela que a água dali era muito boa para lavar os cabelos. Mais do que um banho, era um encontro de meninas, um passatempo para o calor, todas vestidas de suas roupas habituais, saias e blusas. Falavam de namorados e de pretendentes, era como um salão de beleza, mas estavam entre árvores, folhas e pedras, era um “rio de beleza”.

O banho terminou, pentearam e secaram os cabelos, preparativos para a longa volta. Partiram. Andando em meio ao cerrado, arrastando os chinelos pelo cascalho do caminho. E era fim de tarde, motos passavam e a poeira já não se dissipava mais, acumulava-se pela estrada invadindo os cabelos limpos, os olhos, as roupas molhadas, as mãos e os pés andantes.

Não sei ao certo se elas se incomodavam pela poeira que quebrava com o trabalho de lavar os cabelos no rio, talvez fosse apenas um motivo para a caminhada e o banho. Acalentar a alma empoeirada nas águas frias do sertão.

Bachelard, em suas elucubrações acerca da imaginação da matéria nos diz que

Reconhecerá na água, na substância da água, um tipo de intimidade, intimidade bem diferente das que as “profundezas” do fogo ou da pedra sugerem. Deverá reconhecer que a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação. Fortalecido com esse

conhecimento de uma profundidade num elemento material, o leitor compreenderá enfim que a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que se não acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser (BACHELARD, 2002, p. 6).

Ao pensar sobre as palavras do autor, tomando a vivência com as meninas no Cândido, reconheço que o rio, ou água que corre dele, traz consigo um elemento sutil que transforma o ser a cada ida à fonte, porque não apenas basta a chegada e o uso da água para o simples ato de lavar os cabelos, mas toda a andança, o desgaste que também é físico, como que se ao final o esforço guardasse uma recompensa, um tipo de bálsamo que lava muito mais do que a pele, mas acaricia a alma.

É o destino dos que ali habitam recorrer ao rio como único momento de fugacidade ante a vida serpenteada pela adversidade e a dor, não foi apenas difícil conseguir a terra que residem, mas, sobretudo, permanecer sobre ela. Na fala de todos que aqui estiveram, observamos como a água resguarda um momento mágico e de descanso, mesmo que para isso seja preciso enfrentar estradas de pedregulho.

Tomando-o sobre o imaginário da mãe, como nas análises psicanalíticas de Gaston Bachelard, aquela cujo destino é receber a qualquer tempo e ter-lhe sempre o seio disposto. Seriam os ribeirinhos do Falcão, como tantos outros pelo Bico do Papagaio, destinados a recorrerem ao rio, sempre e tanto, em busca do consolo mais onírico da paisagem.

Bachelard faz também algumas considerações preciosas do que é a terra natal, ou do que até aqui chamamos de lugar. Para ele a terra onde se sonha é mais do que a que se pode nascer, mas é a que guarda os nossos segredos

Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não

posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever minha ventura (BACHELARD, 2002, p. 9).

Em outro episódio na Vila Falcão, conversava com Seu Manoel Boga, muitos passavam pela rua e acenavam, buzonavam motocicletas saudando-o. Quando uma senhorinha de cabelos ondulados e brancos, blusa estampada e saia de flores vinha ao longe e rindo gritou, ele pediu que ela sentasse ali para conversar, já que era uma das moradoras mais antigas, dona Manuela, que fazia gracejos com o amigo.

Mesmo desconcertada pela minha presença foi se achegando, ao sentar-se comentou que morava no Natal, povoado que deu origem ao assentamento Falcão. Que estava muito bem lá, mas que os filhos, assentados na Vila, faziam questão de que ela, já viúva, ficasse mais perto. Depois de alguma insistência, acabou mudando.

Revelou que gostava da Vila especialmente pelas pessoas, todos se conheciam, eram amigos e nunca haviam feito nada de ruim para ela. Nas ruas da Vila todos a conheciam, sempre podia contar com as pessoas, que daqui não sairia mais. Seu Manoel emendou no assunto da barragem de Marabá, mas a senhorinha disse que não acreditava que fosse possível fazer isso tão rápido e também como seria longe, lá pra cima no rio, achava que não interferiria muito aqui.

Se tivesse de sair, o faria apenas e tão somente caso fosse obrigada, porque por vontade própria não sairia, demorou um tempo para achar um lugar como esse, onde as pessoas se respeitam e são amigas, mas que não queria ir para um lugar desconhecido e se ela não gostasse de lá?

Distraiu o assunto, pesou sobre seus ombros de senhora, afastou a sombra da usina ao falar de seus filhos, dos netos e dos afazeres da casa, da vida, que andava toda noite na casa do povo, conversando, brincando, rindo, enganando o tempo.

Mas Seu Manoel retomou, disse de sua preocupação com a falta da praia, que é a maior diversão, ele mesmo gostava muito de ir quando as águas baixavam

das chuvas, falou das indenizações, dos lotes que seriam inundados, se preocupou em sair, disse que já andou muito até se aquietar no Falcão, seria difícil para ele, apenas se fosse o jeito, tinha medo da barragem, por isso procurava falar mais, achava que só os grandes tinham a ganhar, porque o pessoal dele não tinha. E a natureza perderia muito, ele não entendia bem, mas sabia que madeira dentro da água apodrece e os peixes, como ficariam? E os pescadores do Falcão e de todo o Araguaia? Seria só silêncio das águas paradas, nem os peixes iam pular mais?

Senhora Manuela se despediu, era noite, ela tinha que ir pra casa, ajeitar as coisas, levantou-se e partiu, de pronto a rua ficou silenciosa, nem música mais, era hora de “arribar” o pé.

Depois do jantar oferecido por dona Lucilene, brindou-me com uma conversa amistosa Seu Wilson, cabelos brancos, camiseta da Balsa Pipes, chinelos nos pés, apresentou-se como pescador antigo, disse que guardava muitas histórias do velho Araguaia.

Relembrou como era difícil pescar antigamente, a linha era feita de pêlo de animais e anzol não havia, serviam os alfinetes, era disposta uma isca e lançava-se aquela arrumação ao rio e, como contou rindo, nunca voltou com o alfinete para fora da água sem um peixe pendurado.

Eram muitos anos de beira do Araguaia, trabalhara na Palestina do Pará, transportara pessoas pelo rio no tempo em que não existiam estradas, pescou para vender, para comer, para doar. Seu Wilson já conseguiu tanto peixe que não tinha nem preço, chamava os conhecidos e cada um escolhia o que queria e o que aguentava comer.

Ele, um senhor forte, dentes bonitos, brancos, é muito sorridente, gosta de contar um feito e dar uma gaitada, vi muito isso no sertão, as pessoas contam coisas engraçadas e riem de si mesmas, elas gostam de gargalhar e de conversar, sabem como é difícil um sorriso maroto em uma vida de lutas.

É pescador de muito e tem carteira profissional, não soube precisar em palavras por que gostava tanto do Araguaia, quando perguntei, corou o rosto, soltou uma gaitada, silenciou um tanto, descruzou as pernas, passou a mão nos cabelos ondulados e me falou “o Araguaia é bom demais, não tem como não gostar, eu fui nascido e criado nessa beirada de rio, mais de cinquenta e sete anos na beira do Araguaia, conheço aqui tudinho, nem sei dizer porque, mas é muito bom”.

Seu Agnaldo, o anfitrião, falou em barragem, perguntou o que achava, ou o que faria, ele disse que não achava que essa barragem sairia logo, já estiveram no povoado, reunindo-se com o povo, ele mesmo havia ido às reuniões, mas não tinha nada certo, diziam que iria sair, mas não se sabia quando, nem como, vinham perguntando às pessoas o que achavam, ao que emendou que quase ninguém do lugar era a favor da construção dessa Usina, seria muito ruim para o Falcão, os rios pequenos, Piranhas e o Cândido, poderiam encher abundantemente, tomar muitas terras e ele sabia, já da barragem de Tucuruí, que nem todos eram indenizados. Tinha medo, especialmente, de ser mandado para longe, em uma terra ruim, sem água, difícil para cultivar.

O medo de Seu Wilson é o de todos com quem falei no Falcão, o de ficar longe do rio, de o rio ser outro, mesmo sendo o Araguaia. O medo de que as praias faltem, ainda mais porque se perfazem em uma paisagem que ilumina a vista, um tipo de terapia, para esquecer a dureza da terra que se cultiva, a poeira da estrada, a falta de condições, só se poderia contar com o rio, porque quase sempre as palavras faltam, não é que não se saiba dizer, é que não se pode.

Seguindo as ponderações de Bachelard (2002, p. 34), é preciso acrescentar um componente à poesia das águas, o frescor, “esse frescor que sentimos ao lavar as mãos no regato estende-se, apodera-se na natureza inteira. Torna-se logo o frescor da primavera. A nenhum substantivo, mais intensamente que à água, pode-se associar o adjetivo primaveril”.

O autor revela que a água resguarda, em sua imagem poética, o frescor da primavera, que seria então esse bálsamo seu adjetivo primeiro. Partindo-se da

imaginação material da água como um elemento primaveril e balsâmico, podemos compreender porque os moradores do povoado Falcão se doem pelas incertezas de uma mudança, pela dúvida do que há de acontecer à vida do rio, ou mesmo à vida deles. Pois que se estiverem predestinados a mudarem para outras terras que não guardem a mesma sorte daquelas, ter água em abundância, como suportar mais tempo de uma vida seca, empobrecida pelo sol, sem o frescor primaveril que alimentou suas almas até aqui?!

As respostas para as questões dos moradores encontram pistas nas palavras do autor, quando ele medita sobre o poder da água

Uma gota poderosa basta para criar um mundo e dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada com profundidade. A água assim dinamizada é um embrião: dá à vida um impulso inesgotável (BACHELARD, 2002, p. 10).

Fui à rua, encostei-me à casa de Seu Cochilão, ele tinha combinado um passeio de barco, sua esposa, ainda desanimada, pois estivera doente em Araguatins, me recebeu. Disse que o Seu Raimundo estava pegando água no poço de um vizinho, que a bomba que retirava água para a comunidade havia quebrado e agora o jeito era carregar baldes todos os dias.

Ficamos ali embaixo dos pés de ingá, no fundo da casa, o vento da manhã era brando e perene, balançava os cabelos de quem estivesse no tempo, ela tinha o cabelo preso, estava de saia jeans e me contou que emagreceu nesse período de doença, as roupas todas estavam folgadas. Quando menos se pôde esperar, Seu Raimundo Cochilão virava a esquina, empurrava um carrinho de mão e, junto a ele, quatro baldes grandes cheios de água.

Entrou em sua casa com a água fresca e voltou, sentou-se à sombra das árvores e iniciamos as combinações do horário a sair ao rio. Logo mais se aproximaram para a conversa mais três senhores, um mais novo, Nei, Seu Wilson e outro pescador que não se apresentou.

Eles falavam diretamente sobre a barragem, diziam que não iria atingir muito aqui, que seria só a praia que iria acabar, mas quando falavam sobre esse fim,

coçavam a cabeça, se entristeciam. Era a alegria e diversão do beiradeiro e também os peixes que alimentavam as pessoas, era a mistura no prato. Nei falou que já morou em São Paulo, que trabalhou na rua Consolação por quase um ano, mas que sentia tantas saudades da Vila, que lá era bom porque tinha emprego, mas não gostava da vida, era muita correria, que sentia falta das praias e do calor. São Paulo fazia muito frio.

Os senhores cogitavam até onde a água alcançará, comentavam que os baixões do Falcão ficarão alagados e a quantidade de pau que vai pra baixo d'água é grande, que se acaso sobrasse gente, seria um lugar cheio de mosquito e de bichos, bradavam eles.

Discutiam outras possibilidades, como o sumiço dos quelônios que tinham os berçários nas praias de julho e agosto, como seria para as tartarugas? E se a água não baixar, será que eles, além das tartarugas, vão se adaptar, vão se sentir em casa?

Seu Raimundo nos apressou, queria sair logo ao rio, porque o sol já ia apertando e se acaso pudéssemos sair, melhor seria, seu Wilson se prontificou, iria conosco. Levantamos, nos despedimos dos outros que ficariam. Montei na carona de sua moto e partimos, fomos pela estrada larga que leva até a praia e lá Seu Raimundo contou que quando mudou para o povoado não tinha nem aquela estrada larga, era só um “trilheirinho”, passava só a pé ou então de bicicleta e como tinha malária nessa região, muita gente morreu, ele com sorte nunca foi acometido por esse mal.

Chegamos ao rio, me deixou por lá, foi em busca do companheiro Wilson, aguardei²⁴. Na volta, Raimundo trazia nas costas um motor de rabeta para montar a canoa, fomos andando até a margem. Desatou a canoa, trouxe ela pra perto, pediu que entrássemos, colocou o motor e saímos. Seu Wilson sentou do meu lado na canoinha de madeira e ia me comentando cada trecho do rio, falando de um ou de

²⁴ Figura 18: Canoas à espera de suas rabetas.

outro pedaço, me mostrando as rancharias, falando os nomes dos donos e dos nomes dos passarinhos.

A andança pelo rio foi como um deleite para os olhos e também para a alma, a água era tanta, enchia o horizonte, o sol a pino queimava a minha pele e a de meus interlocutores. Seu Raimundo me chamou, apontou para a beira do Araguaia, disse que a propriedade dele começava a partir dali, uma estaca demarcava o início, disse ele que o pedaço de chão que ganhou do governo era muito bom, tinha algum gado, uma rocinha, mas tinha, em especial, um pedaço do Araguaia.

Wilson também manifestou-se, apontou para um trecho da margem e disse que era seu pedaço, quase vizinho do anterior. Falou que nunca quis desmatar o lote, que tem tantos pedaços de pau altos lá, que ele tinha dó, ficava só pensando como será se a Usina for construída mesmo, essa natureza toda apodrecendo debaixo de água, para ele, isso não é certo, porque a natureza fez assim, então assim deve ser.

Avançamos no rio e logo me mostraram a foz do rio Piranhas, ao lado de onde o riacho deságua há uma praia muito grande, quiçá maior do que a do Falcão, contudo, do lado do território tocantinense, chama-se praia do Piranhas. Uma grande barraca de palha anunciava que uma família estava acampada, havia um girau coberto de palhas dentro da água, duas barracas de *camping* atrás da maior e, mais ao longe, um pequeno banheiro.

Em frente à grande praia fizemos a volta no Araguaia, retornamos pelo lado do Pará. Margeávamos as encostas e Seu Raimundo atracou a canoa, não era praia, mas uma pequena faixa de areia se apresentava, quando saltamos ele disse que debaixo daquelas moitas ficava um marco da UHE Marabá. Subiu a barranca e vasculhou por entre as árvores, quase se perdeu em meio aos arbustos, mas não menos prontamente me chamou, apontou para o marco, estava lá, era de cimento para que nem a cheia desse fim ao aviso antecipado da usina²⁵.

²⁵ Figura 19: Marco da UHE Marabá.

Ao retomar a Bachelard (2005), quando de suas considerações acerca da poética do espaço, o autor fala que a imaginação traz a essência da noção de casa quando encontra o menor abrigo. A imaginação constrói paredes invisíveis no espaço entendido como lar e lá o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo, vive a casa em sua realidade e também em sua virtualidade, através do pensamento, sonhos e do sentimento primeiro de pertencimento.

Por conseguinte, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vivida”, não é somente no momento presente que reconhecemos seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado (BACHELARD, 2005, p. 25).

Sobre a postura de meus interlocutores naquela jornada, posso referir que o sentimento deles em relação ao rio e suas beiradas era a de casa, como o autor relata no trecho elucidado. Na verdade, o espaço do rio era mais do que a mágica da águas, era a casa da imaginação daqueles dois, pois que ali sempre encontraram o abrigo, ante a possibilidade do peixe, da navegação, ou mesmo do simples silêncio.

De volta à praia, os senhores conversavam sobre como a mata estava fechada naquele ponto, como que comentassem sobre os recantos de sua morada²⁶. Seu Raimundo havia me dito desde a primeira conversa que sabia onde estavam os marcos da Marabá e vejo que a existência daqueles artefatos, ainda que mínimos, era penosa, indicava alguma coisa, uma mudança em curso, ou o descaso frente à desistência da mudança no espaço que sempre fora deles, onde conheciam como a palma de suas mãos.

Tomando as considerações de Bachelard acerca da vivência da casa e entendendo esse espaço, como lembrado pelo autor como um lugar que não determinadamente requer paredes, mas a possibilidade de abrigo, o marco da UHE Marabá confunde o emaranhado de lembranças e devaneios que os pescadores ali guardavam para si

²⁶ Figura 20: Os interlocutores durante o passeio no Araguaia. Seu Wilson e Seu Cochilão.

Logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças tem refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios (BACHELARD, 2005, p. 26).

Havia sempre a pergunta no ar, se os construtores tinham desistido da empreita, por que ninguém mais havia avisado? Vieram apenas para dar uma notícia que os fragilizava e depois sumiram? O tempo passou tanto que até o marco havia se escondido, muito embora não tivesse sumido, ele ainda representava a invasão da casa de sempre, a casa que abriga o corpo e os sonhos. Esse era o sentimento que pude ler nos olhos dos senhores que ali estavam.

4.1 O Narrador do Araguaia: O rio e a usina

Tomou uma cadeira para iniciamos o debate, apresentou-se como o Presidente dos Assentados da Beira do Araguaia²⁷. Contou-me que morava ali na Vila, filho de um assentado e que veio ao Falcão e instalou-se com sua família e por isso guardava um carinho imenso pelo lugar.

Antes que passemos à fala de Seu Luiz, cabe fazer algumas referências de quem é o sujeito na fala e, sobretudo, como é a construção do discurso desse autor. Monteiro (2009) inicia seu debate ao dizer que a noção de autor se constitui como a individualização na história das ideias e, a partir de concepções calcadas nas teorias de Foucault a autora esclarece,

Poder-se-ia dizer que a escrita (ou o discurso) de hoje, segundo Foucault, não é meramente, ou não é definitivamente, expressiva, mas identifica-se com a sua exterioridade, e está sempre em vias de ser refeita, transgredida, invertida, ou retificada. A escrita é assim, o

²⁷ Entidade representativa – Associação Comunitária de Pequenos Produtores Rurais do Assentamento de Reforma Agrária Dona Eunice.

espaço de um sujeito (autor) que está sempre a desaparecer (MONTEIRO, 2009, p. 327).

Ainda para a autora, o sujeito unitário, ou seja, o eu, não é autopresente, mas anterior a isso, a inconsciência é a marca fundadora do sujeito, sendo ele, portanto, produto do discurso que desfaz a ideia de sujeito autocentrado. Monteiro, ao refletir sobre Derrida, discorre sobre o significante gerado por meio da cadeia discursiva, a significação da fala não está presente em apenas um signo, ao contrário disso, é gerada na cadeia de significantes.

A palavra do ser enquanto coletivo, é o corpo da enunciação e ao mesmo tempo a afirmação de uma identidade que habita o ser do ente falante para impulsionar-lhe o discurso. A autora entende que o ser discursante não teria meios de criar sua fala a partir do nada, mas sim por um conjunto de experiências sociais pregressas que laboram as palavras de quem as articula.

Monteiro (2009) entende que todo discurso percorre um território de fronteira e transita no intervalo da ficção, do imaginário e do real, pois que se alimenta das lacunas da memória. Encontra-se ainda entre o profano e o sagrado, entre o novo e velho, o centro e a margem, e por fim, entre o sujeito que fala e o que re-fala

Em suma, o nome do autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter o nome de autor, o fato de se poder dizer “isso foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que este discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto (FOUCAULT apud MONTEIRO, 2009, p. 334).

Depois de algumas considerações sobre o sujeito de fala, na ânsia de minimamente qualificá-lo e apresentá-lo enquanto ente coletivo que fala, voltemos ao interlocutor que aqui se inscreve. Seu Luiz, em uma conversa preliminar e não gravada, disse-me que sempre lutou por melhorias para a Vila, porém a barragem é uma preocupação recorrente.

Do princípio desse debate, tratou da empresa responsável pela negociação com os atingidos pela obra,

A Diálogo geralmente vem aqui no assentamento, ela reúne com nós, com a Associação dos Assentados, através de nós que eles

conversam sobre a questão da barragem, perguntam o que o pessoal acha, se o pessoal é de acordo, muito questionamento também sobre a questão do estudo de impacto, perguntam a opinião do pessoal, se eles concordam, se são de acordo. E geralmente, nós os agricultores daqui não são de acordo, porque o PA Dona Eunice²⁸, do qual eu sou presidente dos assentados, são todos beira-rio, então a Diálogo, sempre ela fala que se o impacto for grande na propriedade, eles vão indenizar o agricultor e vão estar comprando novas terras para esses agricultores, sendo que o agricultor não pode continuar na terra que eles irão indenizar. Porque se a terra é de sete alqueires e se atingir dois alqueires, sobrar cinco, o agricultor tem que sair, aí os agricultores não aceita por causa disso, porque já tá há vários tempos aqui, há dezessete anos, já vivia na beira do Araguaia, são pescadores, são ribeirinhos, né?! (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

Embora o texto de Dowie (2006) não trate especificamente sobre o tema aqui elaborado, nele estão presentes algumas contribuições importantes para a fala de Seu Luiz quando conta dos planos da empresa responsável pela obra da UHE Marabá em remanejar os moradores da região

Não é nenhum segredo que milhões de povos nativos no mundo inteiro foram expulsos de suas terras para deixar seu lugar para grandes companhias de petróleo, mineração, madeireira e a monocultura. [...] No início de 2004 uma reunião das Nações Unidas foi realizada em Nova York pelo nono ano para aprovar uma resolução protegendo os direitos humanos e territoriais dos povos nativos. A declaração da ONU afirma que “os povos nativos não podem ser retirados à força de suas terras ou territórios. Nenhum reassentamento poderá ser feito sem o consentimento livre e informado dos povos nativos e somente após um acordo sobre uma opção de retorno” (DOWIE, 2006, p. 1).

Somando-se a essa questão, Nóbrega (2011), discorre sobre uma outra categoria de refugiados, os “refugiados do desenvolvimento”, segundo a autora esse grupo crescente de pessoas, designa comunidades que sofreram deslocamentos forçados em virtude da construção de grandes obras de infraestrutura, tais como: estradas, ferrovias, portos, barragens, entre outros.

²⁸ O PA Dona Eunice refere-se ao projeto de assentamento criado em 02 de julho de 1996, sua área total é de 2.492,6580 ha. Limita-se ao norte com o Projeto de Assentamento Atanásio, ao sul com o Projeto de Assentamento Marcos Freire, leste ao Projeto de Assentamento Padre Josimo e Projeto de Assentamento Ronca e, por fim, a oeste com o rio Araguaia.

Nóbrega (2011) aponta ainda que as barragens tiveram um papel central no processo de acumulação de capital, pois que envolvem os Estado Nacionais e grandes corporações internacionais em suas construções. Essa obras dantescas da engenharia situam-se no campo político, em que há intenso conflito de interesses envolvendo a apropriação privada de recursos naturais de uso comum, como é o caso dos corpos hídricos. E durante esse processo, ocorre a desapropriação de territórios ocupados por povos tradicionais e camponeses, que conforme acrescenta Nóbrega (2011), alvos privilegiados da expansão barrageira.

Zhoury e Oliveira (2007) apontam ainda que 70,5% da capacidade de geração de energia elétrica provém de fonte hidráulica e que 494 projetos de construção de barragens estão previstos até 2015. Nesse cenário, as hidrelétricas inundaram 3,4 milhões de hectares de terras produtivas e desalojaram mais de um milhão de pessoas no país.

Em face disso, as autoras relacionam, “tem se agravado a partir da privatização do setor elétrico brasileiro, já que os investimentos provenientes dos grandes grupos multinacionais se difundem, ora na aquisição das antigas empresas públicas, ora na formação de inúmeros consórcios” (ZHOURY e OLIVEIRA, 2007, p. 121).

Outro aspecto importante tratado por Nóbrega (2011), é a ideia que se tem de que as barragens são formas de obter energia “limpa”. Embora exista um esforço contínuo da indústria “barrageira” em minimizar o potencial destrutivo dessa tecnologia, o que significa a omissão dos prejuízos sociais e ambientais provocados na construção das hidrelétricas, essas realizações técnicas de grande dimensão e complexidade acarretam riscos, degradam as condições de vida nos territórios afetados, repercutindo em regiões bem mais amplas do que as inicialmente previstas.

E a Diálogo sempre vem tentar entender o psicológico do pessoal. Eu acredito que a conversa da Diálogo é para tentar manusear psicologicamente o agricultor e vem conversando, vem naquela de que somos amigos, somos parceiros de vocês, somos pagos para fazer esse trabalho, para conscientizar vocês. Muitas vezes quando o agricultor é contra eles ficam contra também, quando o agricultor é a favor, eles são a favor também e a gente tem percebido isso daí, né?! Já reuniram com nós (sic), com a Associação duas vezes, ano passado e ano retrasado, já ligaram esse ano tentando marcar uma

nova reunião. A Quelma que trabalha na Diálogo, ela é de Araguatins, foi contratada pela empresa de Marabá, ela me ligou para tentar marcar uma possível reunião, para nós se reunirmos para continuar a conversa.

E que sempre nós fala aqui, no começo é uma conversa que eles estão tendo com os ribeirinhos, com os agricultores, minha opinião para eles é que aqui nós temos uma fonte de renda muito grande que é a praia do Falcão, que está sendo montada agora, vai inaugurar sábado²⁹. E muitos moradores aqui da comunidade sobrevivem e ganham o pão de cada dia, subsidiam o renda através da agricultura, mas no verão eles tem essa renda para dar uma melhor qualidade de vida para seus filhos³⁰, para seus familiares, até uns também para comprar material escolares, muitas vezes melhorar um pouco a alimentação em casa. E barqueiros, né?! Que ganham dinheiro também, no transporte de pessoas e a gente tem falado para eles que hoje o Araguaia aqui para nós, a praia do Falcão, se torna uma fonte de renda, sem falar nos pescadores, na pesca em si, os pescadores sobrevivem, a maioria aqui hoje, se você for contar, são sessenta por cento que sobrevivem da pesca, da agricultura e da pesca. E os que não são pescadores também tem acesso ao rio, tão diretamente pescando e trazendo aí o pão de cada dia para o seus familiares. Falamos também das dificuldades que nós vamos ter sobre a questão do PA Ananias, que hoje nós temos vinte e três agricultores que são localizados à margem do rio Araguaia que são chamados ribeirinhos, que exercem atividades na agricultura, plantam arroz, feijão e do rio eles tiram aí a mistura que nem nós fala aqui (sic) – a mistura, ali eles pesca o peixe, eles tem acesso ao peixe, aí não falta né?! Porque vai comer simplesmente arroz com feijão, eles não dão conta de comprar carne todo dia, então eles vai lá e pesca o peixe (sic), muitas vezes compra um quilo de carne, almoça carne, mas janta o peixe e estamos passando. Então a dificuldade que nós conversamos com eles lá, é que quando essa barragem surgir, eles querem indenizar essas pessoas com novas terras, que ninguém nem sabe onde vai ser, nós temos um exemplo do pessoal aqui que foi desapropriado no Estreito Maranhão, eles compraram uma fazenda nas proximidades daqui também e lá assentaram as famílias e os ribeirinhos lá de Estreito, cavaram poços artesianos para cada, só que nunca prestou, lá não tem água, a água não presta, lá é utilizado o caminhão Pipa, contratado lá por dois anos pelo Consórcio, para o caminhão Pipa ficar fornecendo a água para eles e aí quando vencer esse contrato quero ver como que vai ficar, eles com os poços com a água que não presta para lavar, que não presta para cozinhar, eu quero ver como que vai ficar esse ribeirinho, sendo que eles ficavam a margem do Tocantins, tinha água, tinha o peixe e agora eles estão longe do rio, longe do rio e não tem água, levam água para eles é de caminhão Pipa (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

²⁹ Figura 21: Preparativos para a montagem da Praia.

³⁰ Figura 22: Estrutura já montada da Praia do Falcão.

Nóbrega (2011, p. 131), ao refletir sobre Ângela Tude de Souza, descreve as consequências das barragens como “a alteração definitiva das condições materiais e sociais da reprodução da população direta e indiretamente afetada”. Reforça, ainda, que as compensações quando acontecem, ocorrem na esfera material e não levam em consideração a dor causada, mas o que é mais grave e que entendemos quando da fala de Seu Luiz, é que entre os atingidos não estão apenas os que já sofreram os prejuízos causados ante a construção, mas também os grupos e comunidades ameaçados por esses mesmos empreendimentos, independentemente das possibilidades reais de construção.

Por todo país, projetos fantasmagóricos mantêm pessoas em estado de alerta e tensão, com a proposta de barramento de um rio significativo para elas. É o caso dos povos e das comunidades ameaçadas pelos projetos hidrelétricos do rio Xingu, no Pará e no rio Machado em Rondônia, que há mais de vinte anos são assombrados pela indústria barrageira e permanecem mobilizados contra a ameaça de destruição destes rios (NÓBREGA, 2011, p. 132).

Aí reside a lógica de desmantelamento da mobilização dessas comunidades, uma vez que o tempo que as obras demoram para se concretizar, transforma os possíveis atingidos por elas em corpos dóceis. Frente a promessa das instalações desses projetos, dada a sua demora e a parca informação que as comunidades recebem, as vigílias são constantes, mas, mesmo o estado de alerta permanente, causa um profundo desgaste emocional e até físico nos atingidos.

Outro fator que cabe apontamentos nesse momento, é o teor violento presente no discurso dos construtores, quando da instalação dessas obras, visto que eles sempre alegam uma suposta inevitabilidade no deslocamento, ou seja, a única opção é se retirar. Como ressalta Barbosa (2011, p. 134), “decisões políticas travestidas de critérios técnicos, geralmente pautadas por grandes corporações, tais como empreiteiras, são tomadas de antemão e só depois apresentadas à sociedade”.

Mas o que se pode observar é que mesmo quando existem mecanismos de participação popular, conforme relatado por Seu Luiz nas reuniões da empresa

“Diálogo”, essas possibilidades de consulta popular transformam-se apenas em formalidades que legitimam o empreendimento pretendido.

Não raro os projetos são licenciados, embora constem insuficientes estudos sobre as áreas impactadas, resistência das populações atingidas, ou até mesmo restrições legais. Para Zhoury e Oliveira (2007), o paradigma ambiental dominante reside no que denominam de “modernização econômica”, caracterizado então como ações políticas no âmbito da lógica econômica, que atribuem ao mercado a capacidade institucional de resolver a degradação ambiental por meio de ações mitigatórias. “Temos denominado esse modelo dominante de “paradigma da adequação ambiental” por oposição a um “paradigma da sustentabilidade”, ponderam (ZHOURY e OLIVEIRA, 2007, p. 122).

Esse paradigma da adequação ambiental remete o empreendimento ao centro do processo, apresentando-se, desta maneira, como uma alternativa inquestionável e até impossível de ser mudada. Nesse contexto, a natureza é entendida como externalidade, que deve ser moldada e adaptada ao projeto técnico. Para as autoras, a viabilidade socioeconômica da obra não é colocada em questão.

Contudo, um tipo de violência simbólica ainda mais austero é o que desqualifica os lugares visados pelas barragens, as comunidades tradicionais e seus modos de vida, essas visões desenvolvimentistas e engajadas na desapropriação do território, não raro, classificam as comunidades atingidas como atrasadas e necessitadas do arcabouço civilizatório, dentro das perspectivas elucidadas no primeiro capítulo desse trabalho. Os empreendedores transformam as garantias de desenvolvimento em impactos positivos na instalação do projeto na região pretendida, sem levar em consideração as lutas que a comunidade teve de bradar para chegar até ali.

Retomando o texto de Dowie (2006) ao entrevistar uma matriarca, nativa de uma vila no interior da Tailândia, a senhora conta em seu depoimento que o governo não tem a menor ideia de quem ela é, o único que sabia o seu nome era o representante que o governo havia nomeado para as negociações da saída de seu

povo da terra ancestral. Também o mesmo acontece com o moradores do Falcão, em seus depoimentos podemos observar que eles têm a exata dimensão que não são considerados pelo poder público, que a escolha deles em ficar na terra, ou mesmo o apreço pelo lugar, nada significam frente aos empreendimentos ora propostos.

Aqui as mulheres lavam roupas no rio ou no córrego Candido, elas lavam, até mesmo porque a nossa comunidade também tem essa deficiência de água, acho que você deu para perceber, nós não temos água, através de políticos corruptos que entraram aí desviaram recursos da nossa água, nós tínhamos uma água aí até um mês atrás. É poço artesiano e a água é inútil para cozinhar, para lavar, as pessoas usavam mais para banhar e é uma água que você joga no cabelo aí e o cabelo fica parecendo gel, uma água gel que a gente chama e felizmente, com a ajuda de Deus, muitos acharam bom e muitos ruim, essa bomba queimou, eles estão falando em cavar novos poços e não vai dar certo, não vai dar certo, porque já foram cavados três poços, com recursos do P.A. Dona Eunice, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Funasa, foram cavados três poços e nenhum funcionou, a água não presta.

E isso também aconteceu aqui próximo, com o pessoal do Estreito, que foram deslocados do Estreito, para um reassentamento aqui, na fazenda do senhor Junior Mazola, que é o ex-presidente da FAET e a água lá é o mesmo sistema da água aqui, ruim, eu acho que é por causa do grande nível de calcário que deve ter no solo, a água nunca funcionou através de poço artesiano.

A comunidade sonha um dia entrar um gestor que realmente se preocupa com essa comunidade e tá trazendo do córrego Cândido (sic), que é o córrego que liga o rio Araguaia, e eles tá montando uma subestação de tratamento de água lá e tá bombeando essa água do Cândido aqui para a comunidade, mas até hoje nada e com a criação dessa barragem, o que vai acontecer é que quando o rio encher, o Cândido também enche e a água vai se tornar inútil para o consumo das pessoas, a água em decomposição, folhas secas, animais mortos, vai dar um problema geral.

Como ser humano eu não sou a favor da barragem, não sou a favor, porque ela denigre muito o meio ambiente, ela vai destruir aqui hoje, ela vai destruir praticamente trinta por cento do nosso ambiente aqui e fora também que ela não vai gerar o pão das pessoas, o pão de cada dia dos ribeirinhos, dos pescadores, né?

É em si, eles falam que vão tá indenizando pescadores, ribeirinhos, mas não é a mesma coisa, né? Não vai trazer aquele sossego, aquela felicidade de quem já está há dezessete anos na beira do rio, vai estar aí uma grande bagunça, sem contar com o grande número de pernilongos que vai surgir, né?! Sem contar também que vai deslocar os animais silvestres da sua área habitual para outras áreas, causando transtornos para as famílias, até porque a nossa Vila é perto, tanto do Cândido, como do Araguaia.

Como ser humano eu não sou a favor, eu acho que o ser humano tem que ter uma vida digna, mas também em contato com a natureza, o ser humano tem que viver onde gosta, se ele gosta de comer o peixe, é bom demais, se ele gosta, agora no verão, ter essa praia, pode se divertir³¹, é bom demais e essa barragem vai tudo isso dessas pessoas, especialmente o fator praia, sem contar que a nossa comunidade vai, ela hoje no mês de julho, cem por cento das pessoas que estão aqui são turistas né? A maioria do nosso pessoal viaja, vão visitar parentes e os turistas vem, então você vê o grande movimento que tem nessa região. Sem contar que depois que essa barragem surgir a nossa comunidade vai cair em torno de noventa por cento, por causa do turismo, né? Vamos ficar como aldeia indígena, isolados.

Essa renda que a gente falou, que o pessoal tem através da praia, dia primeiro de julho agora já começa o movimento e ela vai até aproximadamente dia 15 de agosto, né³²?! O pessoal consegue aí tá aumentando o orçamento familiar, ganhando mais um dinheirinho e quando eles saem da praia vão direto para as atividades da roça, que só começa mesmo em setembro, o pessoal começa a preparar o solo para plantio. O plantio aqui é geralmente pelo mês de novembro, novembro e dezembro, e colheita é de março até em maio, o pessoal sai de uma atividade e vai entrando em outra e assim nós vamos levando a vida, levando a vida, pois é, aí minha opinião é essa, eu não concordo (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

Após o esgotamento hídrico da região sudeste, a indústria barrageira tem concentrado seus esforços na região amazônica, dado o seu potencial hídrico, que Nobre (2011, p. 135) aponta como 44% do total do país. “Os rios Tocantins, Xingu, Madeira e Tapajós e seus afluentes concentram a maior parte das barragens propostas ou executadas”.

As indústrias barrageiras legitimam-se no discurso do interesse nacional e do bem-comum, ante a demanda energética cada vez maior, aspectos que pudemos debater no trecho sobre a sociedade eletroeletrônica. O governo, por seu turno, cria mecanismos que fomentam ainda mais o consumo de equipamentos eletroeletrônicos, bem como sua produção em território nacional, política que sustenta a desapropriação de territórios, a invisibilização de comunidades e o desmantelamento de seu modo de vida autônomo.

³¹ Figura 23: Crianças brincam na praia.

³² Figura 24: Barraca Sombra da Tarde.

O paradigma operado na construção das barragens sustenta-se da crença na capacidade tecnológica de prever e reduzir seus riscos e efeitos, atua diretamente na racionalidade econômica instrumental. Não exigindo, necessariamente, uma análise efetiva acerca da viabilidade socioambiental da obra (ZHOURY e OLIVEIRA, 2007, p. 123).

Para os atingidos, que geralmente se encontram em regiões distantes dos grandes centros urbanos, resta a ideia de que as obras são necessárias ao progresso e à modernização, como formas de garantir uma melhoria na qualidade de vida da sociedade como um todo.

O sacrifício das comunidades locais e da “natureza” é o preço – barato – a se pagar pela garantia do desenvolvimento do país. As pessoas que ocupam os lugares mapeados são quase sempre desqualificadas sob o olhar dos empreendedores, que passam a se apresentar como verdadeiros portadores da modernização e do progresso (NÓBREGA, 2011, P. 136)

Ante ao completo desconhecimento da dinâmica social dessas comunidades em relação à paisagem, ao território e, mais precisamente nesse caso, ao rio, as hidrelétricas transformam-se em política desenvolvimentista e são apresentadas socialmente, inclusive para as pessoas atingidas por elas, como única alternativa para sanar o crescente aumento da demanda por energia elétrica.

Urge conhecer e respeitar os diferentes usos e significados, que não necessariamente os ligados à lógica urbano-industrial que tem a água como recurso, que grupos sociais atribuem aos corpos hídricos, entendendo-os como entidades dotadas de vida própria.

O rio Araguaia, não só pra mim, mas eu acho para toda comunidade ele é o espelho da nossa comunidade³³, as pessoas não falam eu vou lá no Falcão porque o Falcão é bonito, falam eu vou lá no Falcão acampar na beira do rio Araguaia, comer um peixe assado, me divertir esse final de semana. “Eu vou lá pro Falcão”, as pessoas da cidade tão acostumadas a falar isso aí “Eu vou lá pro Falcão esse final de semana, vou esfriar minha cabeça, vou comer um peixe, vou descontrair com minha família”. O rio Araguaia para nós hoje é como uma terapia, aqui quando nós estamos bem agoniados mesmo, nós

³³ Figura 25: Senhora segura a neta às margens do Araguaia.

vamos para a beira do rio Araguaia, aí nós vai pra o Araguaia³⁴, nós passa lá um pouquinho (sic), quando a gente vem, acabou o problema, é muito bom para o psicológico das pessoas, é como uma terapia, não tem terapeuta que substitua o rio Araguaia e a gente fica pensando hoje como que vai ficar, quando nós perder esse terapeuta natural, né? (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

Nesse momento, Seu Luiz nos fala duas coisas importantes de serem refletidas, uma delas é o reconhecimento dos moradores de que o rio é o espelho da comunidade, Bruni (1994) fala justamente da concepção da água como espelho, diz o autor que nada da natureza escapa à representação e ação humana. Entende que não existe natureza em si fora dos atos de atribuição de sentido e, nesse contexto, o símbolo de compreensão máximo é justamente a água, pois é através dela que os moradores do Falcão se veem.

Em suas palavras, “é com a água que a identidade e a verdade do homem podem ser refletidas, isto é, pensadas objetiva e subjetivamente”, em face disso, o depoimento leva-nos a crer que a relação que os moradores do Falcão mantém com o Araguaia transborda os usos antropológicos, fazendo dele um espelho carregado de sentidos e significâncias que a comunidade edificou através do tempo (BRUNI, 1994, p. 53).

Em uma outra análise, a água é encontro com a comunidade, o pescar o peixe, o descanso com a família, mas ao fim da narrativa de Seu Luiz, o rio é solidão, silêncio, é como o terapeuta. Presentes nas considerações de Bachelard (2005), os espaços das nossas solidões passadas, ou os espaços que sofremos e desfrutamos a solidão são indelévels em nós

E é precisamente o ser que não deseja apagá-los. Sabe por instinto que esses espaços de sua solidão são constitutivos. [...] A eles voltamos nos sonhos noturnos. Esses redutos têm valor de concha. E, quando vamos ao fundo dos labirintos do sono, quando tocamos as regiões do sono profundo, conhecemos talvez repousos ante-humanos. O ante-humano atinge aqui o imemorial. Mas, no próprio devaneio diurno, a lembrança das solidões estreitas, simples, comprimidas são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja estender-se, mas gostaria sobretudo de ser possuído mais uma vez (BACHELARD, 2005, p. 29)

³⁴ Figura 26: O ribeirinho e o rio.

Seu Luiz, ao falar que as pessoas se dirigem ao rio sempre que angustiadas e lá ficam por alguns minutos, em solidão, em silêncio, reforça a ideia exposta por Bachelard no trecho anterior. O rio é o reduto das pessoas que ali vivem, é como se através de suas águas todas as mágoas e aborrecimentos fossem levados na torrente do Araguaia. Barbosa (2012, p. 61) completa o sentido dessa análise à medida que reconhece a natureza não como um encontro de elementos ou simples suporte físico para ações humanas, mas, especialmente, paisagem, “lugar onde os seres humanos podem se abrir para os mistérios da criação para as possibilidades de outras temporalidades e, sobretudo, para a invenção do devir”.

Em Barbosa (2012), a natureza entendida como paisagem é a incorporação do natural ao universo simbólico do território, possibilitando a interpretação da natureza com o terreno da criação cultural, para o autor, é aí que se dá o encontro dos homens com o divino, e, para além da metafísica, dos homens entre si.

Ante a experiência da natureza enquanto paisagem, reforça Marques (2001), como a imagem de uma tela imensa sem autor reconhecido que conduz ao pensamento de uma nova perspectiva sobre nós mesmos. Segundo o autor, uma das propostas que podemos encontrar no horizonte da filosofia da paisagem é a do transcendentalismo. Ainda Marques (2001), ao refletir sobre Emerson, sugere que as verdadeiras essências humana e da natureza só podem ser apreendidas na relação íntima entre ambas e por meio da mediação do pensamento.

A seguir, no depoimento de Seu Luiz, entendemos a luta que os primeiros moradores do Falcão tiveram que travar para não apenas ocuparem a terra, mas também se adaptarem a ela

Eu não sou do início daqui, sou filho de um morador que é do início, né? E eu através do meu pai e dos companheiros, que a gente conversa muito com os agricultores, a gente pôde entender um pouco o que foi a luta deles, eu acho que deu para você ver um que é longe de Araguatins até aqui, esses assentados, quando surgiu esse assentamento, se deslocavam de Araguatins, muitas vezes de pé, de bicicleta para cá e isso não tinha vicinais, era só o mato aqui, vinha de bicicleta, onça esturrava e tinha mais, eles vinham com o ranquinho nas costas ainda. Muitos perderam pais, filhos, através da malária, que era demais aqui também, muita malária, e hoje eles vivem aqui, eu acho que justamente pelo gosto de ter vencido, que a

luta foi grande não só para conseguir a terra, mas para se habituar aqui na terra e hoje eles vivem aqui com grande prazer, né?! Não um prazer de derrotado, mas de vitorioso, por todo aquele tempo da dificuldade e porque conseguiu torna a comunidade, o lugar que eles mora, num lugar melhor de se viver (sic). Eu acho que tirar o direito dessas pessoas hoje, aqui, vai trazer um transtorno, igual eu falei, um transtorno psicológico, porque eles estão tirando uma luta, eles estão tirando uma grande vitória que esse pessoal teve e propondo, proporcionando obrigados a se habituar com outro tipo de vida, né?! Isso é a mesma coisa que tirar um filho de dentro de uma casa e levar pra outro país, ou outro estado e querer obrigar aquela criança a se habituar com outras pessoas que ele não conhece, é um transtorno que vai gerar um transtorno psicológico.

E eu acredito que se isso chegar acontecer, muitos vão estar desistindo, vão tá indo pra cidade, vai, acredito eu, que vai aumentar o nível de pobreza dessa comunidade, até que muitas vezes, marginalidade vai aumentar. Não é dizer que o assentado seja perigoso, mas eles vão estar em risco para eles mesmos, porque eu acho que você percebeu aqui o pessoal dorme de porta aberta, dorme na beira do rio Araguaia, arma a barraquinha e monta lá e passa três, cinco dias, né³⁵?! E eu acredito que essas pessoas chegar hoje e ir para a cidade, vai dar um grande transtorno tanto pra o governo, como para essas pessoas que são as mais prejudicadas, porque eu acho que até errei por falar, porque pra o governo não tem transtorno nenhum, até mesmo porque é o governo que está colocando essas pessoas para passar por essa situação, criando esse tipo de mecanismo aí para tentar gerar mais energia elétrica e para gerar mais renda pra o governo, porque pra assentado e para as pessoas em si que estão sendo prejudicadas não tem renda nenhuma nisso não, porque seria bom se eles fizessem a barragem, mas desse a energia de graça para aquelas pessoas que estavam lá há vários tempos e que foram prejudicadas, mas não, isso não acontece (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

Assim como nos relatos de Zhoury e Oliveira (2007), as comunidades ameaçadas na permanência de territórios ancestrais assumem uma luta pelo direito de decidirem os destinos de seus territórios, igualmente como o da construção e manutenção da própria identidade.

“É enquanto lugar que o território assume importância e vitalidade para as comunidades” Zhoury e Oliveira (2007, p. 129), em concomitância à fala das autoras podemos observar que a valorização do território e a compreensão do lugar como patrimônio da família e das lutas firmadas pela comunidade através do tempo estão

³⁵ Figura 27: Canoa e motor descansam à espera do barqueiro.

presentes na fala de seu Luiz quando conta dos processos de ocupação dos que primeiro ali chegaram.

A memória coletiva criada e recriada continuamente ao longo dos acontecimentos e da própria história, nesses contextos, se intensifica, avolumando-se, projetando o passado no presente. O espaço preenchido pela memória é capaz de unir coletividades, aquelas que reconhecem na paisagem um lugar-comum dotado de importância e significados, (ZHOURY e OLIVEIRA, 2007, p. 2007).

Em um outro aspecto suscitado pela fala do interlocutor, observamos como o Estado opera a partir de lógicas que não contemplam as diversidade culturais e fundiárias, sob essa perspectiva, porém, o texto de Grácio e Almeida (2008), esclarece que

[...] as sociedades modernas possuem características e instituições sociais únicas quando comparadas com as sociedades classificadas como tradicionais, o que redundou, entre outras particularidades, na criação dos estados modernos que, em sua concepção, são instituições políticas específicas das sociedades modernas, sem precedentes nas histórias das demais sociedades conhecidas. Esse ente, recorrente em todo mundo moderno, é forjado sob o signo da descontinuidade, o que se manifesta pela ampla distância que se abre entre ele e as esferas das organizações social, política e econômica das sociedades por ele representadas (GRÁCIO e ALMEIDA, 2008, p. 53).

Em face disso, o que os autores se referem é que há uma relação íntima entre o modelo capitalista e o Estado Moderno, o que significa que o Estado atua atrelado à ordem econômica capitalista e seu modo de ação em todo mundo está também a reboque dessa mesma lógica.

Ainda sob essa mesma linha de raciocínio, os autores avaliam que poucos estudos da disciplina da antropologia se atém à ideia de estado como produto de universos culturais específicos e que o território é um elemento indissociável da concepção de Estado.

Neste aspecto, o território é o espaço diferenciado coletivamente, sendo que a diferença reside na atribuição de significância cultural, como tratado anteriormente. Grácio e Almeida consideram o território como um espaço diferenciado coletivamente, sobretudo, porque agrega em seu significado as ideias de controle, soberania, apropriação e fronteira.

Também Souza (2005) entende o território como um espaço delimitado por e a partir das relações de poder, ou seja, uma apropriação política do lugar, que em uma análise de Grácio e Almeida (2008), não existe sem uma apropriação do sujeito, seja ele coletivo ou individual.

No depoimento de Seu Luiz, quando ele intenta que os antigos moradores tem orgulho de ocupar a terra, pelo gosto de ter vencido, podemos compreender o que Grácio e Almeida (2008, p. 54) ponderam acerca do ordenamento territorial, “é o conjunto de elementos que caracterizam a forma como uma dada população concebe o uso e as formas de ocupação do território”.

Um dado importante trazido no texto de Grácio e Almeida refere-se à elaboração de uma Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais, iniciativa do governo federal em 2004, mas como comentado pelos próprios autores, a pauta enfrenta grandes embates conceituais e indicativos de que não há um cenário político favorável para atender as reivindicações. A regularização fundiária das terras ocupadas pelas populações diferenciadas é o ponto focal das argumentações, o que diante da cena política e, sobretudo, econômica, enfrentará obstáculos políticos, tanto internamente, quanto externamente ao governo federal.

O que se apercebe a partir dos dados enumerados pelos autores e da própria análise do Estado como representante das lógicas de mercado, em consonância com o capital, é que o Estado Nacional opera com uma visão centrada no modelo de sociedade moderna, ou urbano-industrial, universalizando essa visão como sendo a única condição social plausível. Em consequência, há um processo de vilipêndio das formas e usos do território segundo o olhar das populações tradicionais e dos povos diferenciados.

Eles fazem a barragem, retiram a energia elétrica, mas pensando neles, arrecadando cada vez mais e as pessoas que são prejudicadas, tanto psicologicamente, como moralmente, de forma direta, eles não tem acesso a nada, a benefício nenhum, (...) e não são os grandes beneficiários dessa obra inútil que eles criam hoje pra tá assolando aí o brasileiro, seria bom que eles fizessem, mas que essas pessoas que foram prejudicadas tivessem esse acesso direto, de graça, não é para todos, é para a concessionária que vai administrar, que vai arrecadar e para o brasileiro só sobra a conta. Eles vem aí pra tentar enganar, dizem que se a barragem for criada o pescador vai ter direito a não sei quantos anos de auxílio, de salário, que as pessoas vão ser indenizadas, mas a gente sabe que em

todos os lugares que eles passaram isso não aconteceu direto, nem todo mundo é beneficiado, nem todo mundo é beneficiado.

Sinceramente, eu acho que ela vai acontecer, eu acho que a barragem sai, até mesmo porque é de interesse do governo, essa questão deles vim e sumir isso é uma questão de estudo, eles primeiro vem, é o que eu falei no início, eles fazem um estudo psicológico das pessoas, eles primeiro vem, lança a ideia, né?!

Que quando os agricultores são a favor, muitos que são leigos de entendimento, eles dizem nós também somos a favor, quando os agricultores que realmente sabem que vão ser prejudicados por aquilo dizem que não são a favor, eles também dizem, nós também não somos a favor e eles fazem todo esse estudo do psicológico das pessoas (sic), eles pega, colhem essas informações, vão somem, eu para mim funciona dessa forma. E aí eles vão estudar.. e durante o estudo que eles fazem lá, eles também se preparam para voltar já para mexer no psicológico das pessoas, é um estudo psicológico, eu acredito que seja isso.

Porque o difícil era lançar a ideia, a ideia já foi lançada e aí quando eles vem o pessoal já pensa que ia sair mesmo, sem saber da consequência que vai gerar, porque benefício não dá não, mas consequência tem demais. Nós vê hoje que eles não procuram melhorar a educação, melhorar a saúde, os pessoal tão aí morrendo à míngua, eu mesmo moro aqui na comunidade, eu mesmo na terça-feira tive de viajar para Araguaína para levar um agricultor com a bacia quebrada, com o quadril quebrado, porque não tem médico em Araguatins, nem em Augustinópolis, e ontem tive que levar um outro para Augustinópolis para fazer uma revisão de uma operação de perna quebrada, porque não tem médico em Araguatins, eles não se preocupa em melhorar a vida do brasileiro, eles se preocupa eu acho que em si próprios, eles só se preocupa com eles, não procura em melhorar a vida, isso eu acho que deviam procurar mudar, melhorar e essas ideias que estão vindo aí cada vez mais é pra piorar mesmo, tirar o habitat das pessoas, é tirar as pessoas do lugar aonde elas vivem³⁶, do que construíram, eles não respeitam a lutas das pessoas, eu falo de forma geral, eu gosto de falar no psicológico, pra mim a base (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

Quanto ao tempo que essas obras demoram para ser concluídas e também das inúmeras reuniões feitas nas comunidades atingidas, relatadas por seu Luiz, cabe ressaltar outro trecho do texto de Zhoury e Oliveira (2011), que entendem o desenvolvimento moderno, calcado na tecnologia e na ciência – assim como previsto por Dupas (2006) no início desse debate – criador de um conceito de desenvolvimento como terrorismo, entendido como uma morte lenta e intermediada

³⁶ Figura 28: Barqueiro e o rio.

por forças pacíficas, que, quando analisadas sob a fala de seu Luiz, entendemos essa voz pacificadora como a empresa “Diálogo”.

Ao relatar o medo das promessas indenizatórias da empresa responsável pelo empreendimento, ele se refere, ainda que intrinsecamente, ao medo da morte. Pois que o objetivo de impedir a barragem de se instalar na região se relaciona à preservação do território sim, também sobre a manutenção do núcleo central de organização do povoado Falcão – o rio, mas, sobretudo, é uma maneira de garantir o reconhecimento da própria existência dessa comunidade, invisibilizada até para o poder público que deveria garantir sua permanência e manutenção.

Deixar que o território seja tomado pelas águas e aceitar a retirada da comunidade é como acolher a morte lenta e previsível da Vila Falcão e das pessoas que tanto sonharam e lutaram por aquele pedaço de chão.

Retomando o sentimento da imaginação da matéria sobre o lugar de origem, o lugar que se deseja, Bachelard nos diz que sabemos bem que sentimo-nos mais tranquilos e seguros quando na velha morada, na casa natal, “do que na casa das ruas que só de passagem habitamos”, (2005, p. 59). A casa é muito mais que um enquadramento, é mais que um reduto. A casa é a maneira mesma de ser dessas pessoas.

Para o autor, a natureza tem uma maneira muito simples do nos espantar e isso ocorre no momento em que ela produz coisas grandes e por isso mesmo desenvolve um imenso sonho de proteção, em suas palavras, “um delírio de proteção”, entretanto no mesmo trecho o autor acrescenta, “mas, por mais que a natureza faça coisas grandes, o homem imagina facilmente coisas ainda maiores”, (BACHELARD, 2005, p. 132).

Se pensarmos as palavras de Bachelard em relação à construção das UHE's de Marabá e Santa Isabel, veremos que a imagem que seu Luiz e os ribeirinhos do Falcão detém do rio é drasticamente rompida pelo anúncio da construção de barragens, para eles não basta ainda que sejam espoliados de seus territórios, que não signifiquem nada aos olhos do poder público, antes disso, o que os assusta ainda mais, é a grandeza dos empreendimentos propostos, pois que eles significam mais do que as vidas humanas e não humanas que o rio abriga. Significam a eles a

extinção do rio enquanto monumento, pois as obras, projetadas pela ação humana, vão além de toda a natureza monumental que essas pessoas guardam em sua memória emotiva e onde costumeiramente repousam. O rio é um abrigo.

Quando a pessoa me xinga, fala que eu sou ruim, isso não dói a perna, não dói o braço, mas o meu psicológico, ele fica abalado, né?! Realmente eles não perguntam como as pessoas chegaram aqui, eles não pergunta quantas pessoas perderam familiares aqui, através da malária, quantos são enterrados aí no cemitério pela luta de se fazer nesse lugar hoje um habitat, um lugar melhor de se viver, eles vêm procurar quantos pés de côco realmente, quantos pés de laranja, que jeito é teu barraco, o que é que tu come, eles não olha para o suor, para o suor e para as lágrimas que foram derramadas, nem para as gotas de sangue também, até mesmo porque não tem valor, não tem dinheiro que pague, para eles não tem valor, mas para nós não vai ter dinheiro que pague. E enganam, até mesmo esse estudo que eles fazem aí sobre a questão da renda familiar das pessoas, nem todos são enquadrados, eles indenizam poucos e muitos são aí jogados como lixo. Eu sinceramente como presidente da associação, como agricultor e pescador, eu não concordo. E acho que o pessoal com a criação dessa barragem só tem a sofrer. Esse é meu ponto de vista³⁷ (Sr. Luiz, Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 11/07/13).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero encerrar esse percurso com os olhos no nosso tempo. Há um tipo de conduta em nossos dias que se choca com algumas formas de vida, me refiro ao consumo. Nas minhas idas para ter com as pessoas lá no Bico do Papagaio e na companhia das leituras que fiz, pensei muito na ética do consumo, por assim dizer.

Em face disso, esse texto foi sendo desenhado como uma possibilidade tanto de entender os pressupostos, quanto as consequências de uma sociedade voltada para o consumo e o consumismo. Por isso, especialmente, a cadeia da energia, da geração, distribuição até a venda doméstica nos relógios, está calcada na possibilidade de aquisição de bens eletroeletrônicos. Esses bens, por sua vez, na

³⁷ Figura 29: Garotinha em frente ao Porto do Falcão, aguardando travessia para a praia, julho de 2013.

fonte, na indústria, demandam também quantidades imensas de energia para os processos fabris.

Essa lógica de consumo, todavia, não existe assim, *per si*. Há toda uma gama de sentidos e discursos que a fundamentam e possibilitam sua sustentação. Para argumentar sobre esses pressupostos, eu trouxe alguns autores com os quais mantive um convívio para além daquilo que se entende por leitura acadêmica. Eu os li como quem precisasse ir além do entendimento racional.

Já quanto às consequências, estas eu vi bem de perto. As pessoas com as quais tive o privilégio de conviver me mostraram com suas histórias, com seus gestos, com suas rugas e com suas ausências de dentes, como o modelo urbano-industrial é trucidante. Todavia, o mais aviltante é que mesmo em condições de vida tão degradantes essas pessoas são, diuturnamente, seduzidas pela televisão (um dos mais ávidos aparelhos eletroeletrônicos) para desejarem, elas mesmas, a vida urbano-industrial que está veiculada na televisão.

Aqui reitero que a televisão, em si mesma, é tanto forma quanto conteúdo, e, como tal, propaga a ideologia do consumo nessas duas frentes. Como forma, pode ser como o bem em si, pois que já se adquire um aparelho com obsolescência programada. Além disso, traz um olho hipnotizador, uma vez que sua tela não possibilita que o espectador reaja, apenas fixe sua imagem e emudeça.

Como conteúdo é ainda mais violenta e sorrateira, assim como tratamos no início dos debates aqui contidos, uma vez que o poder da comunicação na construção de um modelo de progresso a partir do consumo cobra seu preço na alienação dos homens frente aos objetos dominados, ou o que é pior ainda, na coisificação de seus espíritos.

No primeiro capítulo desse trabalho uma reflexão de Habermas conclui como a legitimação econômica permite aos sistemas de dominação responder a novas exigências de racionalidade, cooperando diretamente para a despolitização da grande massa populacional. Eis aí o fator transformador da televisão no principal

canal de manipulação, que no caso específico das reflexões aqui contidas, cria as demandas energéticas e justifica a exploração de territórios ancestrais.

De posse das informações repassadas por meio da televisão, as sociedades urbanas entendem como necessário (inevitável) o barramento dos rios e, por consequência, tendem a hipotecar apoio à construção de usinas hidrelétricas para que assim sejam sustentadas suas formas de vida calcadas no consumo de equipamentos eletroeletrônicos.

Desse modo, o desmonte do rio não é tão físico quanto parece, em princípio, nem tampouco fora previsto em cima da hora. Portanto, uma hidrelétrica ou projeto de represamento não surgem em um piscar de olhos. As condições dessa existência dependem em muito de uma certa lógica do mercado de consumo. Daí esse mercado cria a necessidade de energia, essa necessidade em seguida será associada ao sustento da vida em geral. Para isso, os apagões elétricos servem muito bem como forma de justificar a oferta de mais energia.

Por isso que o desmonte físico, isto é, o represamento, é um dado meramente objetivo. O mais grave é o aniquilamento de formas de vida, humanas e não humanas, que estavam inseridas em contextos distintos ao modelo urbano-industrial.

Foi o que vi em todas as incursões ao rio Araguaia, nos dias junto às pessoas dali. Há uma contradição explicitada entre a correria das sociedades urbano-industriais e a lentidão com que a vida transcorre nesse lugar. Cada momento com o rio compõe uma poesia distinta, para além dos discursos meramente antropológicos, não poderia deixar de me debruçar no consolo da paisagem, no silêncio da jornada, no movimento renovador do rio, que é também monumento.

Fui às praias com as pessoas do Falcão, estive em imensas faixas de areia deserta que me falaram da solidão daquelas pessoas. Estive no encontro dos rios, pedaço de terra esguia que assiste diuturnamente ao encontro do Araguaia e do Tocantins em movimento silencioso. O pôr-do-sol anunciando uma noite de estrelas,

o banheiro saliente de quando passam os barcos demonstram a quietude da vida que em breve será sacrificada em nome do burburinho da vida urbano-industrial.

E quando pensamos nesse burburinho peculiar às sociedades urbanas e no próprio fascínio que a televisão tem sobre a vida das pessoas, o romancista Ernesto Sabato (2008) brinda-nos com uma reflexão antológica ao dizer que

É urgente reconhecemos os espaços de encontro que podem nos salvar de ser uma multidão massificadora assistindo isoladamente a televisão. O paradoxal é que essa tela nos dá a sensação de estarmos ligados ao mundo inteiro, quando na verdade ela nos rouba a possibilidade de convivermos de forma humana e, o que é igualmente grave, nos predispõe à abulia. Tenho dito em muitas entrevistas, em tom de ironia, que “a televisão é o ópio do povo”, alterando a famosa frase de Marx. Mas de fato acho que estamos ficando entorpecidos diante da tela, e mesmo quando não encontramos nada do que procuramos, continuamos lá, incapazes de nos levantar e ir fazer algo de bom. Ela nos tira a vontade de trabalhar em algum artesanato, de ler um livro, de fazer um conserto na casa enquanto se escuta música ou se toma um mate. É um tédio, um fastio a que nos acostumamos “por falta de coisa melhor”. Ficar monotonamente sentado diante da televisão anestesia a sensibilidade, torna a mente lerda, prejudica a alma. Os sentidos do ser humano estão se embotando, exigindo cada vez mais intensidade, como acontece com os surdos. Não vemos o que não tem a luz da tela, nem ouvimos o que não vem carregado de decibéis, nem sentimos perfumes. Já nem as flores as têm, Uma coisa que me preocupa terrivelmente é o barulho. Às vezes caminhamos vários quarteirões antes de achar um lugar onde tomar um café em paz. Não que por fim achemos um bar silencioso, apenas nos conformamos em pedir que, por favor, desliguem o televisor, coisa que fazem com a maior boa vontade por se tratar de mim, mas eu me pergunto como as pessoas que vivem nessa cidade de treze milhões de habitantes fazem para achar um lugar onde conversar com um amigo. [...] ou pensam que preferimos escutá-la aos gritos enquanto todos falam de outros assuntos e aos gritos? Todo café tem um televisor ou um aparelho de som no último volume (SABATO, 2008. p. 14).

Pude perceber, a partir dessas vivências, que o rio é um elemento mítico, que alimenta e ampara a comunidade, e por isso mesmo, está diluído em todos os gestos e falas das pessoas com quem conversei. Digo isso por que, ao escrever esse texto, não tive outra maneira que não a de me reportar ao que vi quando na Vila Falcão e, em razão disso, as narrativas falam de um mundo onde todas as conversas, todas as andanças e empreitadas se iniciam e se ensejam no próprio rio.

É no rio que se lavam as roupas, os corpos, navegam em canoas, pescam, contemplam. O rio é uma pessoa. Todas as falas tomam o rio como um ente imiscuído no eu mais profundo. Por isso que a mera sombra de seu represamento acomete abalos na lógica mesma das pessoas existirem, ainda mais se esse represamento significar a extirpação deles do local de vivências.

Esse trabalho também é o resultado de uma vivência. Quando passei a ouvir as pessoas, a ver como elas falam, a sentir o mundo pelas sensações delas, me dei conta de que o que está em curso, digo o progresso, é algo a um só tempo desolador e trágico.

Desolador porque a magnitude da força do Estado, de suas políticas, ancoradas na perspectiva de consumo, são capazes de esmagar não só a vida daquelas pessoas, mas também a própria possibilidade de resistência. É trágico também porque as formas de vida, os saberes locais, a maneira de se apropriar do mundo, que hoje já é plenamente invisibilizado, tanto mais será quando as águas engolirem as casas.

Por isso, considero que além de urgente, é imprescindível que instituições como a Universidade tomem pé desses acontecimentos. A vida daquelas pessoas não pode ser dizimada como se nada estivesse acontecendo. Claro que o papel da ciência, da academia, ou da educação não pode ser substancialmente panfletário, mas, ainda assim, é preciso se posicionar.

Considero também, como demonstrei com Gilberto Dupas, que a ideia de crescimento, de progresso, precisa ser questionada também se levando em conta os benefícios que podem ser advindos da tecnologia. Por que, de um lado, aquelas pessoas também estão distantes dos serviços básicos que o Estado é obrigado a oferecer; de outro lado, acessam os bens de consumo de forma extremamente periférica, isto é, consomem pouco, e, quando o fazem, compram produtos de péssima qualidade por altos valores.

Faço essa consideração tendo em vista que tanto a indigência e a invisibilidade conhecidas pelo Estado, como também a negligência desse mesmo Estado em

proteger pelo menos a vida como ela se apresenta hoje, são as provas incontestes do abandono do poder público. Um exemplo claro disso observei em minhas andanças, pois que as pessoas se sentem amedrontadas pela possibilidade de perda, mas esse medo é acentuado ainda mais pela consciência clara de que não podem recorrer a nenhum tipo de proteção do Estado.

6 REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARBOSA, J. L. **Rios, Baías e Continentes**: Paisagens nas andanças das águas. *Ensaio de Geography*. V. 1, no. 1 (2012). Disponível em: <http://www.ensaios-posgeo.uff.br/index.php/EG/article/view/1>. Acesso em: 06.11.2013
- BRETON, B. L. **Todos Sabiam – A morte anunciada de Padre Josimo**. São Paulo: Loyola. 2000.
- BRUNI, J. C. A água e a vida. **Tempo Social**. Rev. Sociol. USP, SÃO Paulo, 5 (1-2): 53-65, 1994.
- CARVALHO, F. L. **NAS ÁGUAS DO ARAGUAIA**: A navegação e a hibridez cultural. 2008. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Católica de Goiás, Goiás. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=161384 Acesso em: 05.12.2013.
- CASTORINO, A. B.; CARVALHO, E. S. S. **Cama de Jaú**: narrativas dos invisíveis frente ao projeto da Usina Hidrelétrica de Marabá – UHE no Município de Marabá – PA. 35º Encontro Anual da Anpocs. Texto disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/index.php?option=com_wrapper&Itemid=94 2011. Acesso em: 10.07.2013
- COSTA, O. **Memória e Paisagem**: em busca do simbólico dos lugares. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Edição Comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.
- DAMATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” in NUNES, Edison de O. **A aventura sociológica**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Páginas 23-35.
- DIEGUES, A.C. **Aspectos Sócio-Culturais e Políticos do uso da Água**. Texto disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/agua.pdf> 2005. Acesso em: 20.07.13.
- DUPAS, G. **O mito do progresso**. São Paulo: Unesp. 2006.
- ERRANTE, A. **Mas afinal, a memória é de que?** Histórias orais e modos de lembrar e contar. *Revista da Educação*. ASPHE/UFPEL. V. 08, 1441-174, set, 2000.
- FENTRESS, J. e WICKHAM, C. **Memória Social**. Oxford: Blackwell, 1992.

FRAXE, T. J. P. **O saber local e os agentes da comercialização na Costa da Terra Nova**, no *Careiro da Várzea*. II Encontro ANPPAS, São Paulo, 2004.

FRIEDMAN, J. **O passado e o futuro**: história e a política da identidade. *American Anthropologist*. USA, nº 94, p. 837-859, 1992.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRÁCIO, H. R. e ALMEIDA, S. C. **Estudos de Impacto Ambiental e o Modelo de Ordenamento Territorial Operado pelo Estado Brasileiro**: Território Nacional e Supressão da Alteridade no Brasil Contemporâneo. *Teoria e Cultura*. Juiz de Fora. V.3, n. ½. p.51-62. Jan./Dez. 2008

GRATÃO, L. H. **À luz da imaginação! O rio se revela na voz dos personagens do lugar - ARAGUAIA!** Trabalho apresentado no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SINPEC). Londrina, junho de 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

KOSMINSKY, E. **Pesquisas qualitativa**: a utilização da técnica da história de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. *Ciência e cultura*. São Paulo: v. 1, n. 38, jan. 1986.

MARQUES, V. **PENSAR A PAISAGEM**: Da aventura interior ao campo da história. *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa. Vol. XXXVI, Nº. 72. C.E.G., p. 149-156. 2001.

MELO NETO, J. C. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MONTEIRO, M. do S. de A. **AUTORIA E DISCURSO: DIÁLOGOS COM MICHEL FOUCAULT...** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/> Acesso em: 10.11.2013.

NOBREGA, R. S. **OS ATINGIDOS POR BARRAGEM**: refugiados de uma guerra desconhecida. *Ver. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XIX, Nº 36, p. 125-143, jan./jun. 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

PORTELLI, A. **O tempo da minha vida**: função do tempo na história oral. *International Journal of Oral History*. V. 2, nº 3, p. 162-180, 1981.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais**: do indivisível ao divisível. *Ciência e cultura*. São Paulo: n. 3, v. 39, março de 1987.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. No livro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-*

americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005. p. 227-278.

SABATO, E. **A resistência**. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

SANTOS, C. A. dos. **Araguaia-natureza, Araguaia-projeto**: paisagens socioambientais em Couto de Magalhães, século XIX. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília. Brasília – DF. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/2408?mode=full> Acessado em: 15.12.13.

SCHMINK, M. e WOOD, C. H. **Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia**. Belém: edu.ufpa, 2012.

SOUZA, M. J. L. **O Território**: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2010.

ZHOURI, A. OLIVEIRA, R. **Desenvolvimento, Conflitos Sociais e Violência no Brasil Rural: O caso das usinas hidrelétricas**. Ambiente e Sociedade. Campinas. v.X, n.2. p. 119-135. Jul.-dez. 2007.

7 ANEXOS



Figura 1 - Trecho de confluência entre os rios Araguaia e Tocantins, região compreendida como Bico do Papagaio. Monise Busquets, Esperantina – TO, 2013



Figura 2 - Margem do rio Araguaia. Caio Brettas, São João do Araguaia – PA, 2013.



Figura 3 - Vila Falcão, avenida que dá acesso ao rio. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 4 – Igreja Padre Josimo em Buriti – TO. Caio Brettas, Buriti – TO, 2013.

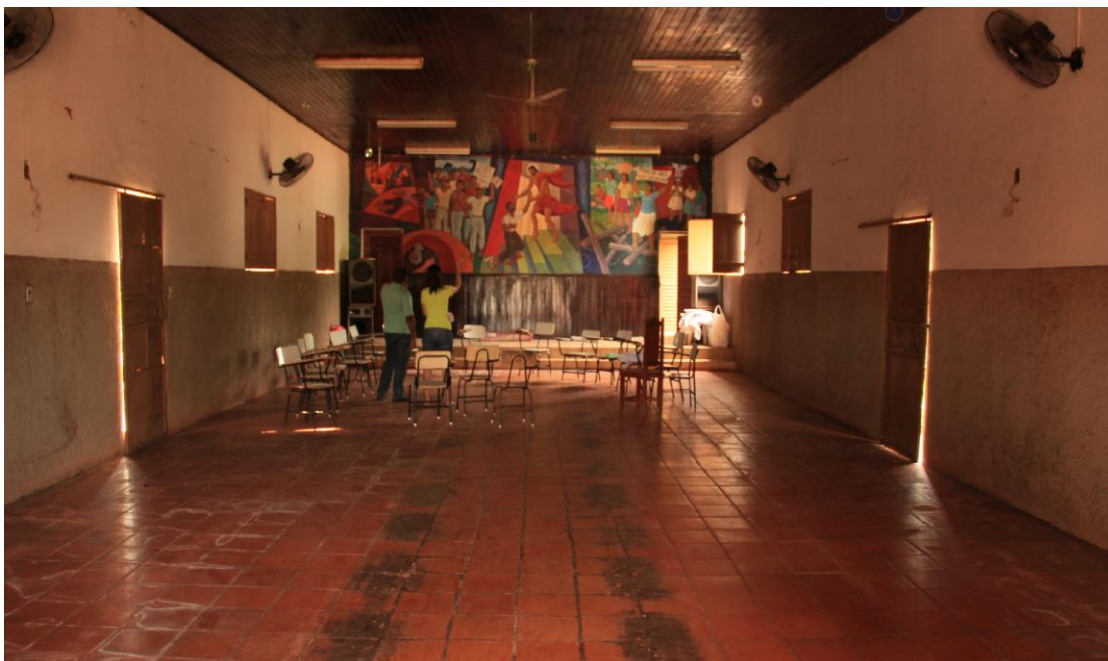


Figura 5 – Igreja Padre Josimo, visão interna. Caio Brettas, Buriti – TO, 2013.



Figura 6 – Sala que abriga o corpo de Padre Josimo Tavares. Caio Brettas, Buriti – TO, 2013.

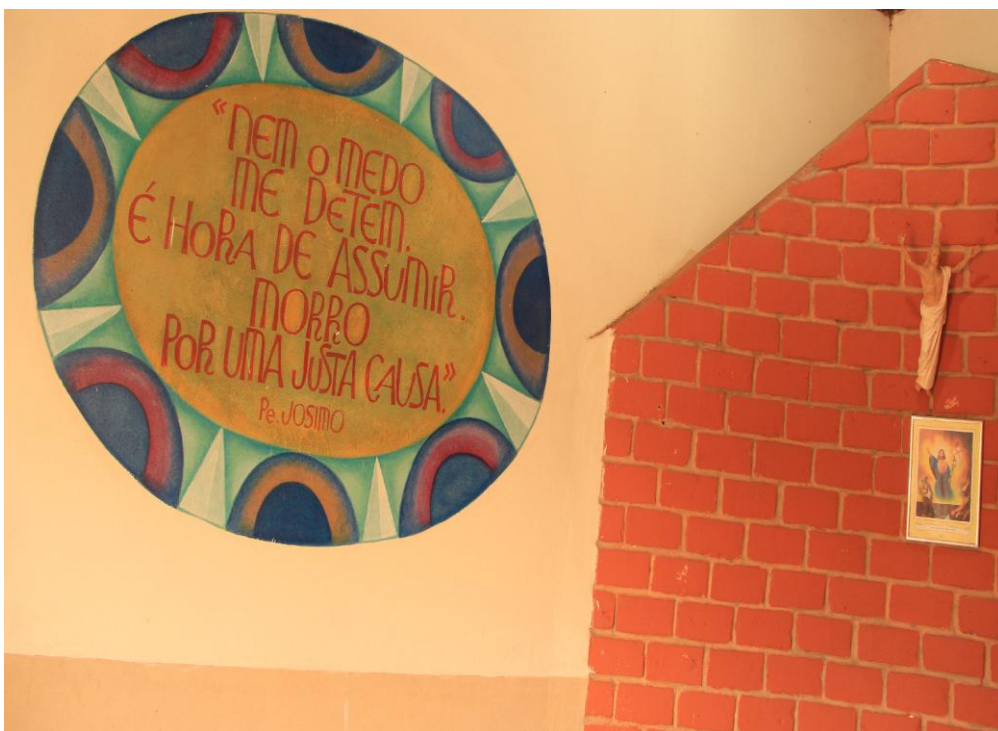


Figura 7 – Afresco com as palavras do Padre. Caio Brettas, Buriti – TO, 2013.



Figura 8 – Dona Cota durante a conversa em sua casa. Caio Brettas, Esperantina – TO, 2013.



Figura 9 – Moradores do Bico do Papagaio durante banho no rio Araguaia. Monise Busquets, Esperantina – TO, 2013.



Figura 10 – Comercial Trajano na Vila Falcão. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 11 – Mulheres lavando roupa no Córrego Cândido, Vila Falcão. Monise Busquets, Araguatins, 2013.



Figura 12 – Menina brinca na água durante a lavagem de roupa no Cândido. Monise Busquets, Araguatins, 2013.



Figura 13 – Rua e Casas da Vila Falcão. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 14 – Porto do Falcão. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 15 – Estrutura da Praia do Falcão em território paraense. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 16 – Mulher durante a montagem das barracas para a temporada de Praia do Falcão. Monise Busquets, Palestina – PA, 2013.



Figura 17 – Crianças brincam no Porto do Falcão. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 18 – Canoas à espera de suas rabetas. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 19 – Marco da UHE Marabá, na margem paraense do rio Araguaia. Monise Busquets, Palestina – PA, 2013.



Figura 20 – Os interlocutores durante incursão ao rio, Seu Wilson à esquerda e Seu Raimundo Cochilão à direita. Monise Busquets, Palestina – PA, 2013.



Figura 21 – Preparativos para a montagem da Praia do Falcão. Barqueiros transportam freezers, fogões e outros objetos em canoas de madeira do Porto da Vila para o banco de areia no lado paraense. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 22 – Estrutura já montada da Praia do Falcão no dia de sua inauguração, em 15/07/2013. Monise Busquets, Palestina - PA, 2013.



Figura 23 – Crianças brincam na praia no dia da inauguração. Monise Busquets, Palestina – PA, 2013.



Figura 24 – Barraca Sombra da Tarde, moradora do Falcão nos últimos preparativos da estrutura. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 25 – Senhora e sua neta às margens do Araguaia. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 26 – Ribeirinho e o rio. No detalhe, barqueiro aguarda passageiros para a travessia do Araguaia. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 27 – Canoas descansam à beira do Araguaia. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 28 – Pescador dentro de seu barco. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.



Figura 29 – Garotinha em frente ao Porto do Falcão, aguardando travessia para a Praia. Monise Busquets, Araguatins – TO, 2013.